

ILUSTRAÇÃO

N.º 232 — 10.º ano



CONDESSA DE EDLA

INDISPENSÁVEL EM TODAS AS CASAS

Manual de Medicina Doméstica

pelo DR. SAMUEL MAIA

Médico dos Hospitais de Lisboa

RECEITUÁRIO — SOCORROS DE URGÊNCIA
HIGIENE — DIETÉTICA — GINÁSTICA — ENFERMAGEM
FARMÁCIA — DEFINIÇÃO E TRATAMENTO DAS DOENÇAS
O QUE TODOS DEVEM SABER DE MEDICINA

A melhor fortuna é a saúde e por isso todos devem olhar por ela e não esquecer a da família. O **Manual de Medicina Doméstica** é guia, é conselheiro indispensável para esse efeito. Nesta obra, incontestavelmente de grande utilidade, trabalho cuja **seriedade é garantida** pelo nome do autor ilustre, qualquer pessoa encontrará tudo o que é preciso saber para conservar a sua saúde ou tratá-la em caso de doença.

O **Manual de Medicina Doméstica** ensina a proceder imediatamente, antes que o médico chegue: no caso dum ferimento grave, duma queda, duma dor repentina, dum desmaio; dá os melhores conselhos e instruções **sobre enfermagem**, mostra como se põe uma ligadura, como se faz um penso, etc.; ensina a preparar e a realizar a **alimentação para os doentes ou convalescentes** e mesmo para os sãos, etc., etc., emfim esclarece uma infinidade de casos em que a aflição e a falta de conhecimentos médicos serão vantajosamente remediados.

Todos os assuntos se acham observados sob um ponto de vista prático, expostos duma forma agradável e acessível a toda a gente e indicados num índice elucidativo, de fácil e rápida consulta

Em inúmeros casos de doença, dispostos por ordem alfabética, atende, responde, ensina o

MANUAL DE MEDICINA DOMÉSTICA

E assim, quando na **ausência de médico, por o não haver, ser distante a sua residência**, ou na sua falta, **como no interior**, e sempre que seja preciso actuar imediatamente, recorrendo-se ao **Manual de Medicina Doméstica**, nele se encontrarão todos os conselhos, todas as indicações para se providenciar com segurança.

QUEM DEVE E NÃO DEVE PRATICAR SPORTS, QUAIS E COMO DEVEM USAR-SE PARA QUE, EM VEZ DE BENEFÍCIO, NÃO RESULTE A PERDA DA SAÚDE.

O QUE EXISTE DE RECOMENDÁVEL PARA CONSERVAR O VIGOR, A MOCIDADE E A BELEZA.

REGRA DE BEM VIVER PARA CONSEGUIR A LONGA VIDA.

1 vol. de 958 páginas, nitidamente impresso, profusamente ilustrado, encadernado em percalina, **Esc. 35\$00**

Nenhuma família deve deixar de ter em casa esta obra humanitária
Indispensável a toda a gente

LIVRARIA BERTRAND — Rua Garrett, 73, 75 — LISBOA

Obras de ANTERO DE FIGUEIREDO

CÓMICOS (Novela) — 276 págs., brochado	10\$00
DOIDA DE AMOR (Novela) — 276 págs., brochado.....	10\$00
D. PEDRO E D. INES (Romance) — 322 págs., brochado...	12\$00
D. SEBASTIÃO — 464 págs., brochado	14\$00
ESPAÑHA — Nova edição.....	no prelo
JORNADAS EM PORTUGAL — 404 págs., brochado.....	12\$00
LEONOR TELES (Romance) — 395 págs., brochado.....	12\$00
O PADRE SENA FREITAS (Conferência) — 64 págs., broch.	3\$00
RECORDAÇÕES E VIAGENS — 328 págs., brochado.....	12\$00
SENHORA DO AMPARO — 292 págs., brochado.....	12\$00
TOLEDO (Impressões e evocações) — <i>Índice: Viagens</i> — A caminho — Chegada — "Plazas y plazuelas; calles e callejones," A Alcáçova da Saúde — As "Sabatinas," na catedral — Missa hispano-gótica — Lealdade lusitana — "El greco" — En "San Juan de los Reys" — Conventos — A Ponte de S. Martinho — O palácio de Fuensalida — Treva! — Certo púlpito! — Último dia, última noite — Volta — 226 págs., brochado.....	10\$00
O ÚLTIMO OLHAR DE JESUS — 375 págs., brochado.....	12\$00
A ARTE NA EDUCAÇÃO DA MULHER — (Conferência) Esgotado.	
MARIA AMÁLIA VAZ DE CARVALHO — (Discurso) Esgotado.	
MIRADOURO, Tipos e Casos — 320 págs., brochado.....	12\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Obras de ALEXANDRE HERCULANO

O Bôbo (Romance histórico). — 1 vol., com 345 páginas, brochado.....	10\$00
Eurico, o presbítero , (Romance). — 388 páginas, brochado.....	10\$00
O monge de Cister , (Romance). 2 vols. com 716 páginas, brochado	20\$00
Lendas e Narrativas — 2 vols. com 667 páginas, brochado.....	20\$00
História de Portugal (Nova edição ilustrada com numerosos documentos autênticos). — 8 vols., brochado.....	96\$00
Estudos sobre o casamento civil — 284 páginas, brochado	10\$00
História da origem e estabelecimento da Inqui- sição em Portugal — 3 vols., 1.139 páginas, brochado.....	30\$00
Composições várias — 374 páginas, brochado.....	10\$00
Poesias — 224 páginas, brochado.....	10\$00
Cartas (Inéditas) — 2 vols. com 586 páginas, brochado.....	20\$00
Opúsculos:	
Vol. I <i>Questões públicas</i> — tomo I, 311 páginas	
» II <i>Questões públicas</i> — tomo II, 341 páginas	
» III <i>Controvérsias e estudos históricos</i> — tomo I, 339 páginas	
» IV <i>Questões públicas</i> — tomo III, 300 páginas	
» V <i>Controvérsias e estudos históricos</i> — tomo II, 323 páginas	
» VI <i>Controvérsias e estudos históricos</i> — tomo III, 309 páginas	
» VII <i>Questões públicas</i> — tomo IV, 294 páginas	
» VIII <i>Questões públicas</i> — tomo V, 324 páginas	
» IX <i>Literatura</i> — tomo I, 295 páginas	
» X <i>Questões públicas</i> — tomo VI, 310 páginas	
Cada volume, brochado.....	10\$00
Scenas de um anno da minha vida e apontamentos de viagem , coordenação e prefácio de Vitorino Nemésio — 1 vol. de 324 páginas, brochado.....	12\$00

Com encadernação em percalina, mais 5\$00 por volume

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

ILUSTRAÇÃO

Propriedade da Livraria Bertrand (S. A. R. L.)

Editor: José Júlio da Fonseca

Composto e impresso na IMPRENSA PORTUGAL-BRASIL — Rua da Alegria, 30 — Lisboa

Preços de assinatura

	MESES		
	3	6	12
Portugal continental e insular	30\$00	60\$00	120\$00
(Registada)	32\$40	64\$80	129\$60
Ultramar Português	—	64\$50	129\$00
(Registada)	—	69\$00	138\$00
Espanha e suas colónias	—	64\$50	129\$00
(Registada)	—	69\$00	138\$00
Brasil	—	67\$00	134\$00
(Registada)	—	91\$00	182\$00
Outros países	—	75\$00	150\$00
(Registada)	—	99\$00	198\$00

Administração — Rua Anchieta, 31, 1.º — Lisboa

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA



A' venda o 3.º milhar da

A L E M A N H A E N S A N G Ü E N T A D A

POR

AQUILINO RIBEIRO

1 vol. de 312 págs., com capa ilustrada
do pintor *Roberto*, broch. **12\$00**

Um livro destinado a um grande sucesso, pois ao nome glorioso do brilhante escritor português se alia o tema, sempre interessante da Grande Guerra. A vida alemã. — Berlim. — Da guerra para a paz, soberbamente descrita por
•• AQUILINO RIBEIRO ••

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Uma interessante edição cinéfila

AS PUPILAS DO SENHOR REITOR

DE JULIO DINIZ

Edição ilustrada com 32 heliogravuras representando cenas com os personagens que figuram no filme extraído da notável obra do grande escritor e com uma carta prefácio de *Leitão de Barros*

1 vol. de 352 págs., no formato de 26×18,5 esplendidamente impresso em bom papel, com uma lindíssima capa, broc. **15\$00**

Pedidos à
LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75
LISBOA

SAMUEL MAIA
Médico dos hospitais de Lisboa

O LIVRO DAS MÃES O MEU MENINO

Como o hei-de gerar,
crear e tratar se adoecer

1 vol. de 326 págs., ilustrado,
encadernado, 17\$00; brochado, 12\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

As edições da **LIVRARIA BERTRAND**

encontram-se à venda na

MINERVA CENTRAL

Rua Consiglieri Pedroso — Caixa Postal 212

LOURENÇO MARQUES

ANTOLOGIA PORTUGUESA

ORGANIZADA PELO

Dr. Agostinho de Campos

Sócio Correspondente da Academia das Ciências de Lisboa

Volumes publicados:

- Afonso Lopes Vieira**, um volume.
- Alexandre Herculano**, um volume.
- Antero de Figueiredo**, um volume.
- Augusto Gil**, 1 volume.
- Camões lírico**, 1.º, 2.º, 3.º e 4.º volumes.
- Eça de Queirós**, dois volumes.
- Fernão Lopes**, três volumes.
- Frei Luís de Sousa**, um volume.
- Guerra Junqueiro**, verso e prosa, um volume.
- João de Barros**, um volume.
- Lucena**, dois volumes.
- Manuel Bernardes**, dois volumes.
- Paladinos da linguagem**, três volumes.
- Trancoso**, um volume.

Em preparação:

Camões lírico, 5.º volume.

Cada volume brochado. **12\$00**

Cada volume encadernado. **17\$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Albino Forjaz de Sampaio

A AVALANCHE

(À MARGEM DA GRANDE GUERRA)

A arte da guerra — A Alemanha — Deutschland uber alles — A ideia da força — A arte alemã — A Alemanha aventureira — Cidades flutuantes — Guerra em tempo de paz — A invasão da Inglaterra — Jelicoe — A arte e a guerra — A espionagem alemã — No coração da guerra — Soldados de Portugal — A caminho do «front» — No «front» — Na «trincha», etc.

1 vol. de 220 págs., broc. **10\$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

O Bébé

A arte de cuidar
do lactante

Tradução de Dr.^a Sára Benoitel e Dr. Edmundo Adler, com um prefácio do Dr. L. Castro Freire e com a colaboração do Dr. Heitor da Fonseca.

Um formosíssimo
volume ilustrado

6\$00

Depositária:

LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

DOCES E COZINHADOS

RECEITAS ESCOLHIDAS

POR

ISALITA

1 volume encader. com
351 páginas. **25\$00**

DEPOSITÁRIA:

LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Obras de AQUILINO RIBEIRO

ANATOLE FRANCE (Estudo) — 79 págs., brochado.....	5\$00
ANDAM FAUNOS PELOS BOSQUES — 356 págs. brochado..	12\$00
ESTRADA DE SANTIAGO (Contos: A maldição cubra os pardais, O Malhadinhas, Valeroso milagre, A Grande Dona, Bufonaria heroica.) — 408 págs., brochado.....	12\$00
FILHAS DE BABILÓNIA (Duas novelas: Olhos deslumbrados e Maga.) — 320 págs., brochado.....	12\$00
O HOMEM QUE MATOU O DIABO (Romance) — 353 págs., broch.	12\$00
JARDIM DAS TORMENTAS (Prefácio de Malheiro Dias. Contos: A Catedral de Cordova, A inversão sentimental, Sam Gonçalo, A tentação do sátiro, Triunfal, No solar de Montalvo, A hora de Vésperas, A pele do bombo, Tu não furtarás, O remorso, A revolução.) — 328 págs. brochado.....	12\$00
TERRAS DO DEMO (Romance) — 332 págs., brochado.....	12\$00
VIA SINUOSA (Romance) — 360 págs., brochado.....	12\$00
A BATALHA SEM FIM (Romance) — 308 págs., brochado...	12\$00
AS TRES MULHERES DE SANSÃO (Novelas) — 268 págs., brochado.....	10\$00
MARIA BENIGNA (Romance) — 286 págs., brochado.....	12\$00
É A GUERRA — Diário da grande conflagração europeia, — 304 págs., brochado.....	12\$00
ROMANCE DA RAPOSA, 2. ^a edição muito remodelada, com ilustrações de Benjamin Rabier, 1 vol. de 176 págs., ilustrado com 44 gravuras no texto, 16 estampas a cores em hors-texte e capa a cores.....	15\$00
ALEMANHA ENSANGUENTADA, 1 vol. de 312 págs., broc.	12\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

OBRAS DE AGOSTINHO DE CAMPOS

Alguns aspectos da literatura portuguesa , por Aubrey F. G. Bell (tradução), br.	3\$00
Comentário leve da Grande Guerra:	
I — <i>Europa em guerra</i> (esgotado).	
II — <i>O Homem, lobo do Homem</i> — 304 págs., br.....	10\$00
III — <i>Portugal em Campanha</i> — 299 págs., br.	10\$00
IV — <i>Latinos e Germanos</i> — 319 págs., br.....	10\$00
V — <i>A Carranca da Paz</i> — 316 págs., br.	10\$00
Ensaio sobre educação:	
I — <i>Educação e Ensino</i> — 317 págs., br.....	10\$00
II — <i>Casa de Pais, Escola de Filhos</i> — 248 páginas, br.....	10\$00
III — <i>Educar, na Família, na Escola e na Vida</i> — 352 págs., br.....	10\$00
IV — <i>A mãe de todos os vícios</i> — 293 págs., br.	10\$00
Homem (O), a ladeira e o calhau. — br.	10\$00
Jardim da Europa. — br.....	10\$00
Ler e tresler. — br.....	10\$00
Lição moral e cívica , dada perante os alunos do Liceu Pedro Nunes, no primeiro aniversário do assassinio do Presidente Sidónio Pais.....	3\$00
O pintor Carlos Reis. — 1 fol. formato grande.....	4\$00
Três prosas (As) — A pobre, a rica e a nova rica. — 64 págs., br.	3\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND** — 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

OBRAS DE SAMUEL MAIA

Sexo Forte — (2. ^a edição), 1 vol. enc. 13\$00; br.	8\$00
Braz Cadunha — 1 vol. br.	6\$00
Entre a vida e a morte — 1 vol. enc. 12\$00; br.	7\$00
Luz perpetua — 1 vol. enc. 12\$00; br.....	7\$00
Lingua de Prata — 1 vol. enc. 13\$00; br.....	8\$00
Mudança d'Ares — 1 vol. br.	10\$00
Por terras estranhas — 1 vol. br.	4\$00
Meu (O) menino — (3. ^a edição), 1 vol. enc. 17\$00; br.	12\$00
Manual de Medicina Doméstica , indispensável em todas as casas (2. ^a edição), 1 vol. de 958 páginas, profusamente ilustrado, encadernado em percalina.....	35\$00

À venda em todas as livrarias

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND** — 73, Rua Garrett, 75
LISBOA

Acaba de sair a 2.^a edição do

MIRADOURO

TIPOS E CASOS

POR ANTERO DE FIGUEIREDO

TÍTULOS DOS CAPÍTULOS:

O capote do Snr. «Mariquinhas» — Apêgo à Dôr — Dr. Mendes «Gira» — Feira de Ano — Lúcia — Um sobretudo de respeito! — A paz do Lar — Uma espada... embainhada! — O Barboza de Sejins — O Morgado de Sabariz.

1 vol. de 320 págs., broch. . . 12\$00 enc. . . 17\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

VOCABULARIO ORTOGRÁFICO E REMISSIVO DA LINGUA PORTUGUESA

POR A. R. Gonçalves Viana

(Relator da comissão da reforma ortográfica, autor da «Ortografia Nacional» e do «Vocabulário Ortográfico e Ortoépico da Língua Portuguesa»)

Com mais de 100:000 vocábulos, conforme a ortografia oficial

EM APÊNDICE: O acôrdo ortográfico entre a Academia das Ciências de Lisboa e a Academia Brasileira de Letras.

1 VOL. COM 664 PÁG., ENCADERNADO, 15\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, RUA GARRETT, 75 — LISBOA

À VENDA

3.^a EDIÇÃO, AMPLIADA

ALTA RODA

POR JÚLIO DANTAS

TÍTULOS DOS CAPÍTULOS: As ideias de Lady Bradfield — A luva — Segunda mocidade — Crianças — Suas majestades — Velocidade — O baile da Embaixada — O direito dos filhos — As rosas de Sœur Jeanne — A boneca e os quatro maridos — Os pais dos nossos netos — O «Prelúdio» de Rachmaninoff — Sua Excelência a ministra — A campanha de alarme — Paz amarela — A última viagem — Três gerações — O homem de cache-nez verde — Diálogo radiofónico — Escola de maridos — As palmadas de Santo Onofre.

1 vol. de 332 págs., enc. . . 17\$00 broch. 12\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND** — 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Um interessante livro para as crianças

A 2.^a EDIÇÃO
muito remodelada

DO

Romance da Raposa

POR **AQUILINO RIBEIRO**

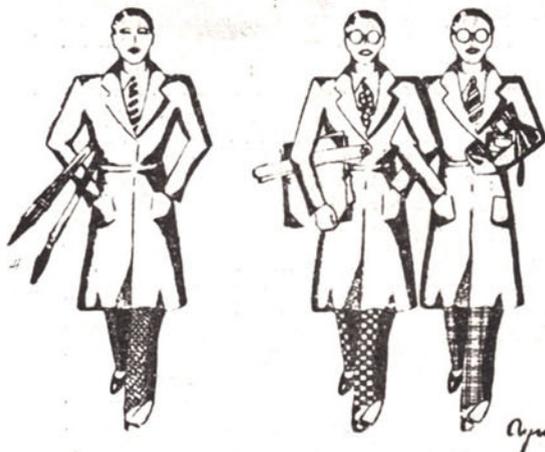
Com ilustrações do insigne artista francês
Benjamin Rabier

1 vol. de 176 págs., ilustrado com 44 gravuras
no texto, 16 estampas a cores em hors-texte
e capa a cores **15\$00**

Pedidos à
LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

GRAVADORES

IMPRESSORES



TELEFONE **BERTRAND**
21368 **IRMÃOS, L.^{DA}**
TRAVESSA DA CONDESSA DO RIO, 27 - LISBOA

Estoril-Termas

ESTABELECIMENTO HIDRO-MINERAL
E FISIOTERAPICO DO ESTORIL



**Banhos de agua termal,
Banhos de agua do mar
quentes, BANHOS CAR-
BO-GASOSOS, Duches,
Irrigações, Pulverifi-
cações, etc. — — — —**

**FISIOTERAPIA, Luz,
Calor, Electricidade
médica, Raios Ultra-
violetas, DIATERMIA
e Maçagens. — — — —**

MAÇAGISTAS ESPECIALISADOS



Consulta médica: 9 às 12
Telefone E 72



Que nos importa, se nos podemos defender dele?! Aos primeiros sintomas de mal-estar: tonturas, abatimento e dores de cabeça, toman-se 2 comprimidos de Cafiaspirina e todo o mal-estar desaparece.

A Cafiaspirina tem uma influência favorável sobre a circulação do sangue, reprime as congestões do mesmo e restitue o bem-estar. Pode ser tomada a qualquer hora, porque é completamente inofensiva para o organismo.

Cafiaspirina

o produto de confiança.



Nestes tempos que vão correndo, em que cada fedêlho analfabeto se julga

no direito de vomitar asneiras contra a memória dos nossos mais insignes escritores, a Câmara Municipal de Lisboa teve a excelente ideia de assinalar com uma lápida a casa onde Ramalho Ortigão viveu durante largos anos e onde morreu ao cabo de mais de meio século de intensa vida literária.

No dia da inauguração, o sr. dr. Reinaldo dos Santos proferiu um vibrante discurso em que, após ter enaltecido a obra do eminente escritor, dava os seguintes conselhos aos detractores da língua portuguesa:

“A obra de Ramalho tem uma garantia superior de duração na prosa em que foi escrita e que conta algumas das páginas mais admiráveis da literatura portuguesa; prosa clara, colorida, pitoresca, evocativa, plástica, tão rica de expressão verbal que não sei de outra que a supere.

Para nos curarmos desta doença grave que está minando a língua, e pertinazmente denunciada por Ricardo Jorge e Agostinho de Campos, um dos remédios mais salutares é ler Ramalho — *Uma colher de sôpa de “As Farpas”... antes de escrever.*”

Resta saber se os fedêlhos modernistas seguirão a receita, visto terem mais fé nas vitaminas em comprimidos de tôda a espécie que o estrangeiro lhes fornece por intermédio dos seus melhores charlatães.

Hoje em dia, a garotada quer ir mais além do que o permitido à natureza humana; pretende voar sem asas, visto o pobre Icaro ter quebrado as suas ao tentar imitar as águias; quer, enfim, escrever sem, ao menos, ter aprendido a soletrar.

Depois, a garotada arma em revolucionária, na firme intenção de demolir o existente e criar uma obra nova que nunca os maiores escritores mundiais de todos os tempos poderiam ter sonhado...

Que Deus lhes perdoe e os ilumine com a sua infinita misericórdia!

Demolidor foi Ramalho Ortigão, e nunca teve essas vaidades. A melhor biografia dêste glorioso escritor está feita pelo seu próprio punho no album de autógrafos de seu filho:

RAMALHO ORTIGÃO

“Tenho hoje 54 anos (1891) dos quais 35 consagrados à profissão das letras. Do exercício da minha arte tirei grandes alegrias de aplicação e de trabalho.

“...O meu único prazer de escrever está na minha própria escrita, quando raramente, numa ou noutra linha, consigo fixar a imagem de um sentimento verdadeiro, transmitir uma emoção sincera.

“Massar o menos possível que seja o



meu semelhante, procurando tornar para os que me cercam a existencia mais doce, o mundo mais alegre, a sociedade mais justa, tem sido a regra de tôda a minha vida particular.

“...à minha profissão, exercida com modéstia, mas com honradez, devo amizades e ligações de simpatia, que fazem a minha única glória, e me permitirão talvez não morrer ao sol e ás môscas.”

O escritor excelso, o educador inimitável definia-se a si mesmo com esta extraordinária modéstia. Que mais querem os aspirantes a literátos que para aí pululam? Não seria melhor tomarem “uma colher de sôpa de “As Farpas”, antes de bolsar asneiras na colunas maninhas das gazetas, segundo o douto conselho do ilustre professor Reinaldo dos Santos? Quando menos nos precatamos, surge um dêsses literatoides falhados como rodelas de chumbo e ôcos como bugalhos

carunchentos, a regougar sandices sôbre a literatura portuguesa e seus derivados, dando os

moldes para uma nova escola em que o dinamismo ridicular supra as concepções do cérebro e em que deixa de se escrever à mão para se escrever com os pés.

— Mas será isto um hospital de doidos?

— Não, não é — informa-nos um dos muitos gosadores dêstes fedelhos malabaristas — é a nova Academia dos Génios do Nosso Tempo. Nos grandes jogos florais que se efectuarão brevemente, e para

os quais se estão ensaiando, o que disser mais disparates em menos linhas será o premiado com a corôa de louro, hortelã e coentro.

E a gente ouviu isto e nem sente vontade de rir. É que noutros tempos o remédio estava ao alcance de todos num par de açoites bem puxados em sítio isento de querela.

Fez bem a Câmara Municipal em inaugurar a lápida à memória de Ramalho Ortigão, o escritor que todos nós, hoje mais do que nunca, devemos recordar.

Rocha Martins, evocando a “ramalhal figura”, do insigne prosador, (como Eça de Queiroz o classificou) tem esta dúzia de linhas oportuníssimas:

“De quando em quando, nas *Farpas*, ensinava às senhoras o que elas adivinhavam, mas não se atreviam a praticar; dizia às mães qual o tratamento são para seus filhos e desemburraria os homens nos dois significados da ressonância do termo; curou-os da bôrra e da pele do burro. Com dois piparotes acabava com as gravatas de três voltas e em duas côcegas quebrava os colarinhos do tempo de Filinto Elísio, puxava os atilhos de nastro das ceroulas conselheiraís proclamou a virtude dos banhos diários e fez expelir sujidades do corpo logo acompanhadas pelas da alma.”

Nota final:

No dia da inauguração da lápida, um bando de miúdos, lá para mais do meio da rua, continuava, sem dar reparo de maior àquele ajuntamento, os seus jogos e brincadeiras infantis.

Sabiam lá êles quem era Ramalho Ortigão... Não se dignavam, por isso, interromper os seus pueris folguedos.

Estes escritores modernistas sempre têm cada grosseria!

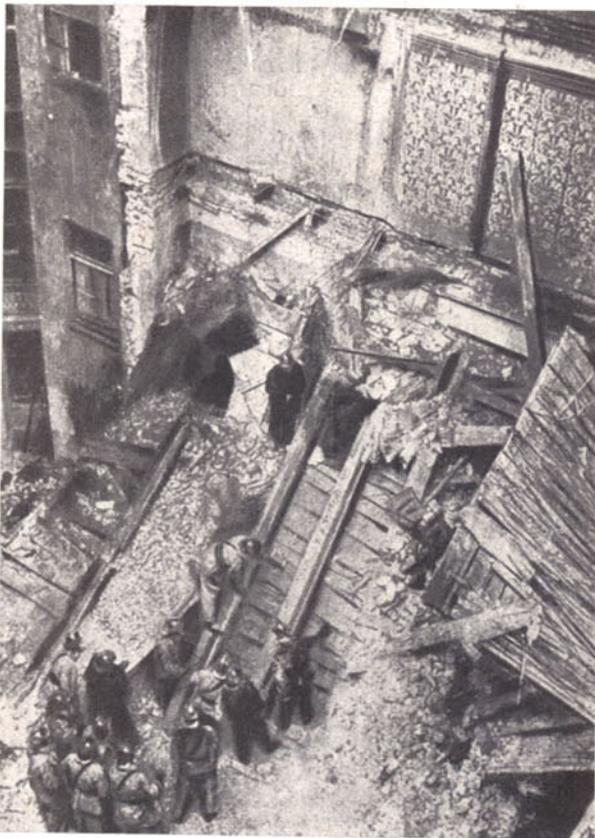
POR ÊSSE MUNDO...

O altruísmo duma mãe japonesa



EM Tóquio, um criminoso pouco hábil decidira pôr em prática os métodos que fizeram a triste celebridade dos gangsters norte-americanos. Logrou apoderar-se do filho dum milionário nipónico, fugiu com êle e exigiu da família um pesado resgate pela entrega da criança. Tôda a Polícia japonesa se pôs em campo. Cinco horas depois o raptor caía nas suas malhas e o pequeno era restituído aos pais. A mãe do garoto, compadecida da família do criminoso foi visitá-la. A gravura representa-a prodigalizando consolações à esposa do desastrado raptor com notável abnegação.

Desabamento dum prédio em Varsóvia



UMA casa dum bairro popular de Varsóvia abateu trágicamente no dia 31 do mês findo, colhendo entre os seus escombros os moradores. Quinze destes morreram e dezasseis sofreram graves ferimentos. O prédio sinistrado distinguiu-se por nêle ter nascido a ilustre cientista M.^{me} Curie. Julga-se que a catástrofe foi motivada pelo facto do prédio ter sido violentamente sacudido, há questão de doze anos, por uma explosão que destruiu parte da fortaleza de Varsóvia, situada não longe do local do sinistro. E também por infiltrações subterrâneas terem diminuído a solidez dos alicerces. O trágico desastre causou dolorosa impressão na Polónia.

Um rapto fantástico



Nos Estados Unidos, um homem disfarçado de autómato penetrou num campo de nudistas e tentou raptar uma mulher. A história não é, por certo, verosímil. Mas serve bem de pretexto para a publicação da gravura acima.

Explosão numa fábrica de munições



UMA pavorosa explosão destruiu, no dia 27 do mês findo, parte duma fábrica de munições italianas situada numa colina, perto da aldeia de Tanto. A referida fábrica trabalhava nos últimos tempos com grande intensidade, na preparação da campanha na Abissínia. A catástrofe teve origem na secção de embalagens, onde trabalhavam sobretudo mulheres, e parece ter sido provocada pela queda duma caixa contendo explosivos que deflagraram. O número de victimas foi 60 e teria sido muito mais elevado se não fossem as rigorosas medidas de protecção adoptadas na previsão dum acidente deste género. A primeira explosão foi tão violenta que a muitas milhas de distância os vidros voaram em estilhaços. Três horas depois produziu-se nova explosão, mas de menor intensidade. Logo que o sinistro foi conhecido, os destacamentos de artilharia que faziam manobras na região correram ao local. Sôb o direcção das autoridades militares começou então a proceder-se à remoção dos escombros, trabalho perigoso por se encontrarem soterrados grande quantidade de explosivos ainda intactos. Os operários e soldados empregados para tal fim calçavam, por isso, sapatos de feltro. A fábrica ocupava 500 operários. O Governo adoptou medidas imediatas para socorrer as famílias das victimas e ordenou que os funerais revestissem um carácter solene. No dia imediato ao desastre, as autoridades judiciais abriram um inquérito com o fim de determinar as causas do sinistro e as possíveis culpabilidades. Aprovou-se que nenhuma imprevidência fora cometida e que o triste acontecimento pertence ao número dos factos imprevisíveis, contra os quais toda a acção do homem é impotente, a despeito dos constantes aperfeiçoamentos da ciência. O desastre causou entre o povo italiano a mais dolorosa impressão. A nossa gravura mostra as famílias dos desaparecidos esperando angustiosamente notícias.

FIGURAS E FACTOS

Caetano Teixeira de Aragão

Bastos Guerra



O poeta dos Torvelinhos — livro que deu á luz — apresenta-se, ora arrogante, ora resignado perante a crítica que não pensa em beliscá-lo, nem equipará-lo a «um novo Homero», como é próprio supôr, e modestamente se apressa a desmentir.

No fim de contas, o poeta Caetano Teixeira de Aragão com a inspiração e o talento que possui não carece de equiparação, mesmo irónica, com os maiores génios da Humanidade.

«BAILE DA GRAÇA» é um novo livro de Bastos Guerra, o autor do "Cem por cento falado", em que, com a maior regularidade, faz várias narrativas irregulares. Na dedicatória que a si próprio faz, Bastos Guerra declara que "outro galo lhe cantaria se tivesse nascido sob um céu menos azul e um clima menos privilegiado.

Dêsse mal se queixou Eça de Queiroz, e não obstante foi grande entre os grandes.



Homenagem dos marinheiros aos mortos da Guerra

No dia 10 do corrente, os novos recrutas da Armada prestaram homenagem aos mortos da grande guerra, desfilando perante o respectivo monumento na Avenida da Liberdade. Os marinheiros atravessaram as ruas da Baixa em marcha impecável e perante a natural curiosidade do público.

Cerca das 16 horas, com a banda, terno de corneteiros e estandarte, sôb o comando do 1.º tenente sr. Dentinho, formaram em frente ao monumento.

Aí encontravam-se os srs. coronel Potier de Lima, Júlio Ferreira e Tito Pagani, da Comissão Central da Liga dos Combatentes da Grande Guerra; capitão-tenente Eduardo Viana, representante do sr. comandante geral da Armada, e major Vasco Meneses, pelo Quartel General do Governo Militar.

Uma pequena força desequipada e conduzindo um grande ramo de flores com fitas de sêda com as cores nacionais, postou-se junto do monumento.

Depois do comandante apresentar cumprimentos ás entidades oficiais presentes, a força apresentou armas tocando os ternos de clarins a marcha de continência.

Um cabo de marinheiros colocou então no socalco do monumento o ramo de flores. Após um minuto de silêncio, em homenagem aos que dêram a vida pelo prestígio da Pátria, a banda tocou a «Portuguesa», acompanhada em côro pela marinhegem.

O I Cruzeiro de Férias às Colónias

LARGOU no dia 10 do porto de Lisboa, o paquete «Moçambique» para o I Cruzeiro de Férias ás colónias, levando a bordo cerca de 250 excursionistas, entre os quais figuram estudantes, professores e comerciantes.

A bordo do «Moçambique» foi instalada para esta viagem uma exposição de produtos da indústria nacional que o sr. Presidente da República inaugurou na véspera da partida do Cruzeiro.

Além disso, os directores do Cruzeiro, que são os srs. drs. Marcelo Caetano e Augusto Cunha, levam a incumbência de entregarem aos governadores de Cabo Verde, Guiné, S. Tomé e Angola exemplares belamente encadernados da edição dos «Lusiadas» comemorativa do 3.º centenário da morte de Camões. Esses exemplares são enviados pelo ministro das Colónias, sr. dr. José Bossa que os faz acompanhar de uma mensagem concebida nos seguintes termos:

«A ida do I Cruzeiro de Férias ás colónias portuguesas oferece-me o ensejo, que do melhor grado aproveito, para enviar a v. ex.ª e a toda a população da colónia, que superiormente administra, as saudações do Governo da Nação.

«Os peregrinos do Cruzeiro, cheios de fé patriótica, vão por seus olhos conhecer a grandeza do nosso Ultramar. Espero sr. governador, que lhes saberes robustecer aquela fé mostrando aos peregrinos



esses santos lugares onde se realizaram os milagres de heroismo que fizeram da pequenina pátria lusitana um grande império no Mundo.

«Para realçar o alto sentido cultural e patriótico da viagem, incumbi os srs. directores do Cruzeiro de vos levar um exemplar do poema nacional «Os Lusiadas», de Luiz de Camões, como testemunho da minha homenagem a essa colónia.»

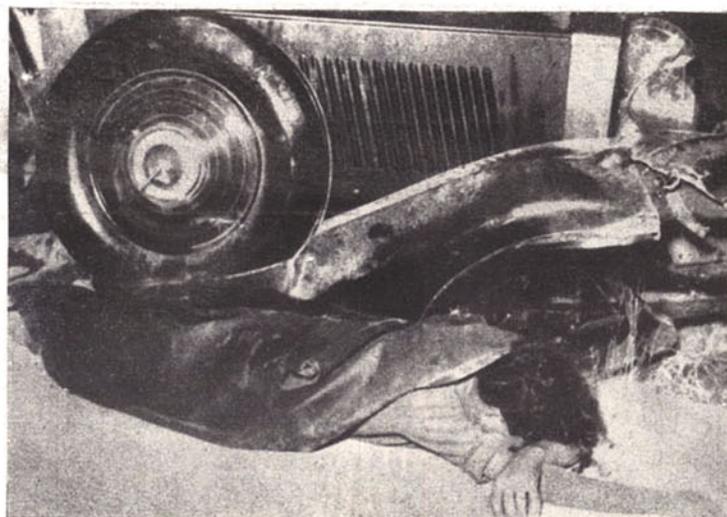
A partida, compareceram a bordo entre outros, o sr. ministro das Colónias, que se despediu dos srs. drs. prof. Marcelo Caetano e Augusto da Cunha, respectivamente director e organizador do Cruzeiro; representantes dos srs. ministros da Instrução e da Justiça e Cardial Patriarca; e os srs. dr. Teotónio Pereira, sub-secretário de Estado das Corporações; generais Amílcar Mota e Daniel de Sousa; professores drs. Abel de Andrade, director da Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa, e Caeiro da Mata; conde de Penha Garcia, dr. João de Barros, Júlio Caiola, agente geral das Colónias, interino; dr. João de Mendonça, coronel Barreto de Oliveira, Carlos Reis, Adelina Abranches, Robles Monteiro, Nascimento Fernandes, dr. Pedro Dias de Sousa, dr. José Galhardo, figuras da classe teatral, directores da Companhia Nacional de Navegação, etc.

Momentos antes da largada, os excursionistas, já a bordo do «Moçambique», começaram a lançar para o cais serpentinas de várias cores, ao mesmo tempo que manifestavam entusiasticamente o seu regozijo.

A's 14 horas, o transatlântico, pintado de novo e repleto de passageiros, e levando içada no mastro de honra a bandeira do Cruzeiro, largou Tejo abaixo, a caminho do Atlântico, com rumo ás colónias.



A TRAGICA MORTE DO PRINCIPE M'DIVANI



A' esquerda: Um recente retrato do principe acompanhado por sua irmã, que se encontra casada com o pintor Sert. Em cima: A vítima junto ao veículo após o terrível desastre

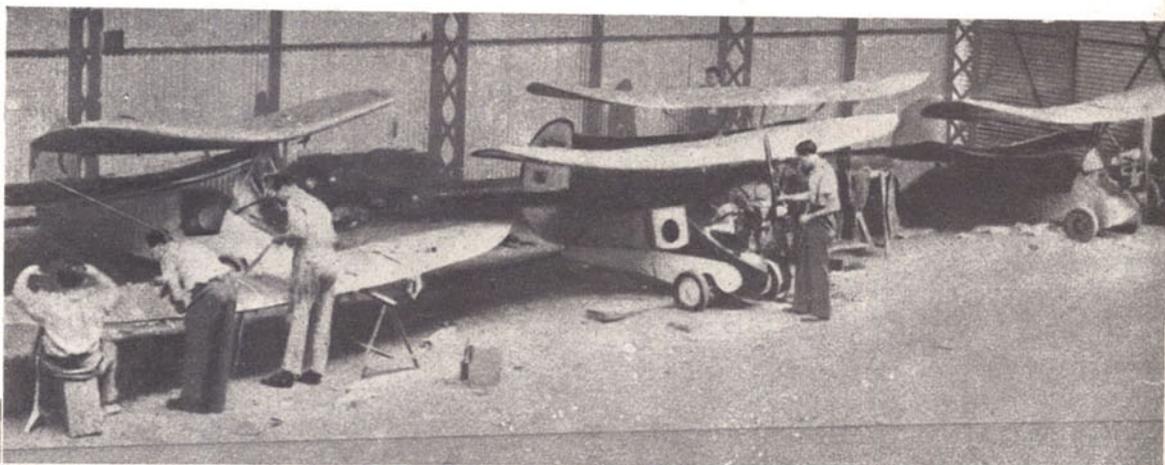
NUM terrível acidente de viação ocorrido em Verona, Espanha, perdeu a vida no dia 1.º d'êste mês, o príncipe Alexis M'Divani. Acompanhava-o a baronesa Maud Thyssen Bornemeiur, que ficou gravemente ferida.

O desastre foi causado por excesso de velocidade numa estrada mal pavimentada. No momento em que se deu o acidente, o conta-quilómetros do automóvel registava uma velocidade de 140 quilómetros por hora. O príncipe teve morte instantânea pois o vidro do pára brises cerceou-lhe as carótidas.

De origem russa, o príncipe Alexis M'Divani contava 27 anos de idade. Na sua funesta corrida dirigia-se de casa de seu cunhado, o ilustre pintor José Maria Sert, para a estação de caminho de ferro mais próxima, a-fim-de apanhar o comboio para Paris.

A «PULGA DO CÉU», AVIÃO DOS AMADORES

A aviação de amadores começa a ser uma realidade, sedutora para todos os jovens. Henri Mignet, um engenheiro francês, cheio de tenacidade e entusiasmo lançou as bases dum movimento que está obtendo o maior êxito. Criou um tipo de aparelho que denominou «Pulga do céu» e que qualquer amador, medianamente dotado de habilidade, pode construir



Em cima: Um «atelier» de construção improvisado por amadores. A' esquerda: O inventor Henri Mignet junto da sua «Pulga do céu»

por suas próprias mãos. O custo da «Pulga do céu» está calculado, em França, em cerca de 5.000 francos, fóra a mão de obra que em grande parte pode ser fornecida pelo constructor improvisado. O aparelho é accionado por um motor de 15 cavalos e pode atingir velocidades horárias de 100 quilómetros. Mignet para demonstrar a eficácia do seu minúsculo avião fez o vôo Tours-Saint Cyr a essa velocidade.

As reduzidas dimensões do «Pulga do céu», permitem o emprêgo de métodos de pilotagem inteiramente diferentes. A segurança do vôo e a facilidade de descolagem e aterragem são d'êste modo muito aumentadas.

Êste movimento teve já a sua repercussão em Portugal. Na Exposição Internacional da Aeronáutica realizada no Pavilhão do Parque Eduardo VII esteve exposto um aparelho d'êste género construído pelos «Escoteiros do Ar» sob a direcção do sr. Fernando Vale.

A MORTE DO CORONEL LAWRENCE

foi um ardil para lhe permitir manobrar livremente na Etiópia?

Em fins de Maio último, perdeu a vida num acidente de motocicleta uma das figuras mais célebres do poderoso «Intelligence Service» britânico — o coronel Lawrence que a História ficará conhecendo pela denominação expressiva de «Lawrence da Arábia».

Morreu o coronel Lawrence. Assim o afirmaram, pelo menos, as notícias postas a correr mundo, as autoridades inglesas que confirmaram a triste nova e os estadistas, entre outros Winston Churchill, que se incorporaram no funeral do famoso agente secreto inglês.

Ninguém se lembraria, por certo, de pôr o facto em dúvida se não se tratasse de personagem tão misterioso como o coronel Lawrence. Mas a existência d'este homem excepcional participa da natureza das lendas. As suas proezas no Próximo-Oriente foram desmesuradamente exageradas pela imaginação popular. E agora, sobre a sua morte, mais uma vez a fantasia se deu livre curso, esboçando as mais imprevisíveis hipóteses.

O coronel Lawrence estará vivo? Posto de parte o interesse jornalístico que uma questão desta natureza possa ter, devemos dizer que reparamos o facto improvável. Mas improvável não significa impossível.

Poderia de facto a morte ter sido simulada? Diversas circunstâncias permitem supôr que sim. Gravemente ferido pela colisão provocada por outro misterioso motociclista que desapareceu sem deixar rasto, Lawrence foi, segundo se disse, conduzido a um hospital. Em torno d'ele foi montado um rigoroso serviço de vigilância. Praticamente, durante toda a sua agonia, que durou alguns dias, o ferido esteve rigorosamente incomunicável. Só os médicos e os enfermeiros tinham acesso à dependência isolada onde se encontrava.

Qual o motivo destas precauções? Em primeiro lugar afastar do moribundo os importunos e os jornalistas que atraídos pela celebridade da vítima não deixariam de a correr. Em segundo lugar, preservar de divulgação os muitos segredos do Estado de que Lawrence era detentor, na sua qualidade de agente secreto, e que poderiam transparecer no seu delírio.

Estas razões, embora aceitáveis, não satisfizeram os que entendiam tratar-se de mais um grandioso bluff da espionagem britânica. E daí o esquadriharem-se os motivos que poderiam ter determinado Lawrence a representar essa modelar comédia.

Todas as atenções convergiam já nesse momento para o conflito italo-abissínio, cuja acuidade aumentava de dia para dia. Que atitude ia tomar a Inglaterra perante as ambições italianas? Que estas lhe eram francamente desagradáveis não podia oferecer dúvidas a ninguém. A conquista da Abissínia pela Itália daria a esta última uma preponderância enorme no Mar Vermelho. E a Grã-Bretanha considera duma importância vital o seu predomínio ao longo da rota marítima que liga a sede do Império com as Índias. Por outro lado é na Abissínia que se en-

contra o Lago de Tania, uma das nascentes do Nilo, cuja posse tem alto valor estratégico.

Assim, as ambições de expansão da Itália vinham lesar os interesses britânicos. Uma oposição firme por parte da Inglaterra não seria praticável. Além do perigo de fazer desencadear um conflito europeu, ameaçaria ainda destruir o equilíbrio das Potências, com evidentes vantagens para a Alemanha, que veria assim quebrado o círculo diplomático que o envolve.

Mas se em matéria de política internacional a Inglaterra era forçada a tomar uma atitude neutra e transigente, não sucedia o mesmo nos meandros da espionagem onde já lhe era possível preparar uma guerra discreta, mas não menos eficaz, aos planos de conquista de Mussolini.

Quem poderia estar mais bem indicado para isso do que o coronel Lawrence? O homem que soubera levantar a Arábia inteira contra os turcos durante a guerra de 1914, poderia também dirigir com a sua superior inteligência a defesa etiope e dar-lhe uma eficácia de tal ordem que tornasse irrealizáveis os propósitos imperialistas de Roma.

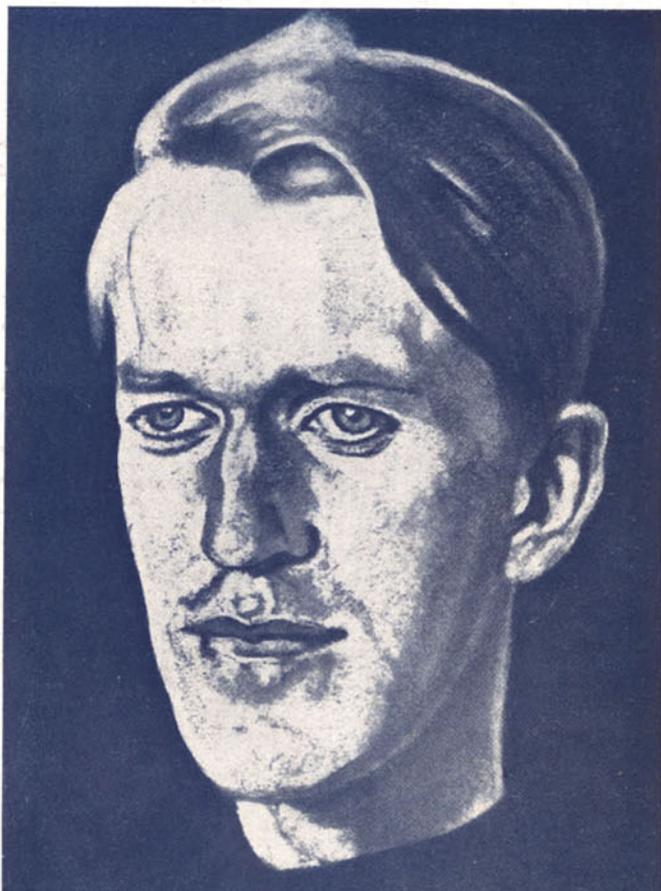
Simplemente: para isso seria necessário que uma figura mais obscura se substituísse à do coronel Lawrence. Por outras palavras, que este se despojasse da sua celebridade, sempre tão prejudicial a um agente secreto.

Como se vê as hipóteses mais ou menos fantasistas sobre este assunto repousavam numa base de indiscutível lógica. O que não quer dizer que sejam por isso verdadeiras.

Um dos argumentos invocados pelos que pretendem que a morte do famoso coronel foi simulada é o facto de na Abissínia se notarem hoje certas manifestações em que os entendidos julgam reconhecer a misteriosa influência d'esse homem excepcional que dominou a Arábia com o poder do seu cérebro.

Devemos convir, porém, que o argumento é inconsistente. A única conclusão positiva que dele se pode tirar é que na Etiópia manobra hoje alguém que se inspira nos métodos que fizeram a glória de Lawrence. E esse alguém pode ser identificado na pessoa do capitão Bremley.

Este homem que se propõe ser o digno discípulo de Lawrence ofereceu recentemente os seus serviços ao Negus, que lhe confiou a delicada missão de assegurar a unidade do seu império. Brenley fala todos os dialectos da Abis-



O Coronel Lawrence, segundo um retrato pintado por Eric-Kennington

sínia, que aprendeu durante 20 anos que viveu na fronteira do Sudão anglo-egípcio. O seu prestígio junto do Imperador e dos guerreiros abissínios é já, segundo se afirma, muito grande. Se se mostrar digno do seu antecessor, virá a ser, sem dúvida, um perigoso adversário dos italianos.

Tudo leva a crer, portanto, que Lawrence morreu efectivamente. A hipótese do bluff é bela demais para ser verdadeira.

Sendo assim, a Inglaterra perdeu um dos seus mais valiosos servidores. Este homem que morreu modestamente, tendo recusado todas as riquezas e honrarias, prestou na verdade à sua pátria serviços inestimáveis. Poderia ter ganhado uma fortuna com publicação das suas memórias e nunca o quis fazer. Os dois livros que publicou — «Revolta no deserto» e «Os sete pilares da sabedoria» — não os destinou ao público, que lhes teria feito um acolhimento entusiástico. Fez d'eles apenas uma tiragem limitada que distribuiu pelos seus amigos.

Era um misógino e não procurava ocultá-lo. Costumava dizer: «Nunca conheci uma única mulher de que possa dizer sinceramente que me interessou». E contudo por um desses paradoxos em que a vida é fértil — a sua celebridade deslumbrava as mulheres e diz-se que recebia mais declarações de amor que qualquer actor de cinema em voga.

A sua ambição foi sempre a de ser um servidor valioso e obscuro do Império. Sob este ponto de vista, a sua vida constitui uma verdadeira lição. A glória não o seduzia. Evitou-a mesmo, cuidadosamente. E se chegou a ser célebre a culpa não foi, por certo, sua.



Estátua de Pedro Álvares Cabral

não acabou de ler a inscrição tumular; e, tomado de vergonha e de espanto, exclamou talvez, em nome da humanidade: — «Que sacrilégio infame!» Saiu apressadamente dali, e nada mais quis ver em Santarém».

Os santarenos procuraram provar a existência dos ossos na referida sepultura, e, assim, no dia 6 de Agosto de 1882, fizeram a prova solene como vai ver-se pelo auto lavrado:

«No ano de mil oitocentos e oitenta e dois, do nascimento de Cristo, aos seis dias do mês de Agosto, nesta cidade de Santarém, e Templo de Nossa Senhora da Graça, onde vim eu, escrivão da Câmara Municipal da mesma cidade, em companhia de dois dignos vereadores da mesma câmara; e bem assim achando-se neste templo o ex.^{mo} governador civil do distrito e seu secretário geral, os

membros da junta geral que constituíam a sua comissão executiva; o digno administrador deste concelho, como tal e como chefe interino de polícia; os magistrados judiciais; o ex.^{mo} governador militar, comandante do regimento de artilharia 3, de quartel nesta cidade, os rev.^{mos} reitor do seminário do patriarcado, e vigário geral do arceidiagado, e muitas outras pessoas das mais conspícuas desta cidade, cidadãos, eclesiásticos e militares, e a associação comercial desta cidade, todos convidados pela comissão patriótica constituída pelos nove últimos cavalheiros assinados no fim deste auto, pelo presidente desta comissão foi dito que, tendo-se espalhado com aparências de verdade por ocasião da visita feita, há

A capela de Pedro Álvares Cabral, na igreja da Graça



ETERNA DÚVIDA

Onde param os ossos de Pedro Álvares Cabral?

A lógica do «Si vera est fama»

poucos anos, a esta cidade por um ilustre personagem, que haviam desaparecido do respectivo sepulcro os restos mortais do ínclito navegador português Pedro Álvares Cabral, descobridor do Brasil, e sendo justo e conveniente, a bem da verdade histórica, verificar o crédito que pode merecer tal afirmação: a mesma comissão, depois de obtidas as necessárias autorizações, entre as quais a do digno representante da família do respeitável finado, que é actualmente o ex.^{mo} sr. D. José Maria de Figueiredo Cabral da Câmara, se propõe mandar arrear a campa sepulcral existente na capela do Cruzeiro que está do lado esquerdo da capela mór do templo, campa que tem a seguinte legenda, em antigos caracteres góticos: (segue-se o epitáfio acima) e fazer verificar pelos dignos facultativos presentes a este acto os ex.^{mos} srs. conselheiro José

Maria de Melo, e comendadores António dos Santos e António Mendes Pedroso, se naquela campa existem ossadas que pelo seu estado possam dar a convicção e certeza normal de que entre elas devam estar as cinzas do nosso grande navegador. E aceitando os referidos facultativos o encargo de fazerem aquela verificação e passando-se a afastar a pedra sepulcral, apareceu um carneiro amplo de dois metros e quarenta centímetros de comprimento por um metro e vinte centímetros de largo e noventa centímetros de profundo, e no fundo d'êlo, declaram os peritos que encontraram uma camada de terra de um a dois centímetros de espessura, e por debaixo desta as ossadas de três esqueletos distintos. Um destes, que tem o crânio próximo da entrada do carneiro, acha-se numa escavação formada em cal, que tendo endurecido pelo tempo e provavelmente pelos líquidos absorvidos do cadáver, tomou pelo lado interno a fôrma d'êste, e pelo externo a dum caixão de madeira escura, cujos restos se descobrem. Mais para o fundo do carneiro está outro esqueleto, onde os vestígios do caixão são menos aparentes, e finalmente, para o lado esquerdo, um terceiro que parece ali colocado em ocasião diversa dos dois primeiros. Não se podendo hoje demonstrar de modo fácil qual destes esqueletos é o do grande navegador português, há, pela grande vetustez que todos inculcam ter, a certeza moral de que um d'êles lhe pertence e que os outros são de pessoas de sua família ali inhumadas em época próxima à do primeiro. E como todas as pessoas presentes viram que tais declarações são verdadeiras, em confirmação vão assinar este auto, depois de por mim ser lido em voz alta e conferido com o seu duplicado, também por mim subscrito e por todos do mesmo modo assinado, para que um dos exemplares se deposite na Torre do Tombo, e o outro fique no arquivo da Câmara Municipal desta cidade; determinando-se outrossim mandar escrever ao fundo da pedra sepulcral a seguinte nota também em caracteres góticos: «6 de agosto de 1852. Estão aqui os ossos de P. A. Cabral. V.º Auto na Torre do Tombo, e

Câmara Municipal de Santarém». E a

tôdas as pessoas que assistiram a este

acto foi distribuído um pequeno cartão contendo a inscrição sepulcral do monumento e a que deve ser aberta em comemoração d'êstes factos.

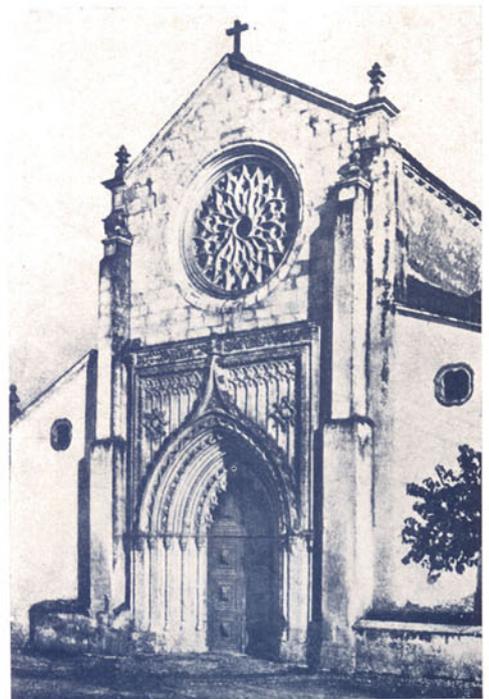
E eu João Lúcio de Faria Mendes Costa, escrivão da Câmara Municipal do Conselho de Santarém o subscreevi e assino. (Segue-se 81 assinaturas).

Apesar de tudo, a prova provada não surgiu. Para os zelosos santarenos que tanto prezam a glória da sua terra ficou a certeza moral de que um dos esqueletos deve ser do glorioso descobridor do Brasil e que os dois restantes devem ser, por exclusão de partes, de pessoas da sua família.

Houve profanação da sepultura de Pedro Álvares Cabral e houve quem se lembrasse de que as ossadas chegaram a estar expostas a tôdas as profanações. Felizmente houve quem puzesse cõbra a uma tal negligência, fazendo recolher essas ossadas (fôsem elas de quem fôsem)



Pedro Álvares Cabral



Igreja da Graça em Santarém

sem) à paz sepulcral a que tinham direito. Se são ou não as do descobridor do Brasil, isso ninguém o poderá afirmar.

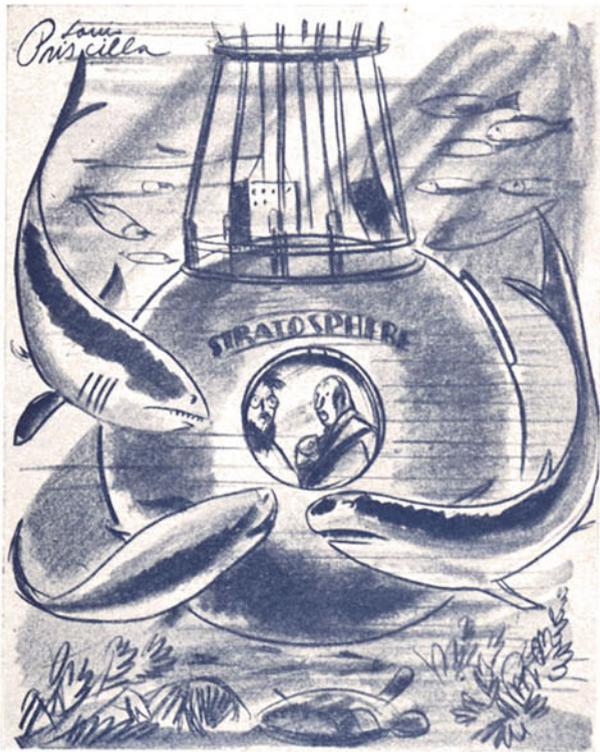
Mas não se apoquentem os santarenos com este rigorismo histórico. Os ossos de Camões, de Vasco da Gama, do Marquês de Pombal e tantos outros homens ilustres, embora tenham sepulcro, não se sabe bem onde param.

Se consistisse na conservação das autênticas ossadas dos heróis a maior glória da terra que lhes foi berço, a memória de Gomes Freire teria desaparecido por completo por entre a fumaceira da cremação a que sugeriram o seu cadáver, após o enforcamento. Para mais, as cinzas do mártir foram atiradas ao mar. No entanto, a memória do bravo general subsiste e continuará a subsistir através dos séculos.

Ninguém disputará a Santarém a honra que lhe cabe sobre Pedro Álvares Cabral.

A inscrição a gravar na pedra tumular da igreja da Graça deveria ser a mesma que puzeram na sepultura de D. Sebastião, no Mosteiro dos Jeronimos:

«Si vera est fama...
E assim estaria certo.



— Começo a crer, doutor, que há qualquer engano. Isto não tem aspecto nenhum de ser a estratosfera...

ANECDOTAS

sem obter resposta e, dirigindo-se de novo ao rapazito, diz-lhe:

— Tinhas-me dito que tua mãe estava em casa...

— Pois está. Mas não moramos aqui.

■
O médico: O que o senhor precisa é uma longa viagem por mar. Pode fazê-la?

O doente: Muito facilmente. Sou comissário de bordo.

■
Naquela tarde o professor resolvera fazer aos seus alunos uma longa dissertação sobre a água. E a rematar disse:

— Não se esqueçam meus senhores, de que se não houvesse água não poderíamos aprender a nadar. E vejam bem o grande número de pessoas que dêsse modo morreriam afogadas.

■
Bibi, que é um garoto estouvado, chega a casa a correr, vindo do jardim.

— Mamã — grita muito agitado — andava agora mesmo a brincar no jardim e fiz cair a escada de mão que estava encostada à parede...

O melhor, meu filho — responde-lhe a mãe — é ires dizer isso a teu pai.

— Ele já sabe, mamã. Está pendurado da parte de fora da janela da casa de jantar...

■
O marido: Um homem que rouba, cedo ou tarde vem a arrepender-se do que fez...

A mulher: (com meiguice) Mas quando eras solteiro roubavas-me beijos...

O marido: Ora aí está! Mais uma prova.

Num estabelecimento da Baixa alguém encontrou há dias uma perna artificial que um cliente apressado ali deixara por esquecimento.

Este facto veio avolumar o boato de que, dado o número crescente de atropelamentos, alguns peões começam a trazer peças sobressalentes.

■
Num restaurante da província, um freguês increpa o criado com indignação:

— Então nunca põem uma toalha lavada nesta mesa?

O criado justificando-se:
— Não lhe sei dizer. Só há um mês que sirvo cá na casa.

■
— Mas se não gostas daquela rapariga para que lhe fizestes uma declaração?

— Compreendes, a família tem sido tão amável comigo... e era a única maneira de lhe retribuir a hospitalidade.

UM vendedor de aspiradores eléctricos da poeira apresentou-se num domicílio particular a oferecer o seu artigo. A dona de casa ouviu-o atentamente e no fim convidou o homem a fazer uma demonstração.

Este acedeu imediatamente. Tirou o casaco, foi à carvoeira trouxe várias mancheias de pó de carvão e espalhou-as sobre a "carpete", da sala. Em seguida dirigiu-se ao jardim, apanhou um pouco de lama com que aumentou a sujidade da "carpete". Quando achou que esta estava suficientemente enxovalhada, limpou as mãos, lançou os olhos pela sala e perguntou com um sorriso:

— Onde é a tomada de corrente?
— A tomada de corrente?! — respondeu a dona de casa — Mas nós só temos instalação de gás...

■
— Que estás a pescar rapaz?
— Lirozes.
— E o que são lirozes?
— Não sei. Ainda não pesquei nenhum.

■
Um indivíduo chega a uma residência situada à beira da estrada e pergunta para um garoto que está sentado à porta.

— A tua mãe está em casa?
— Está sim senhor.
O homem bate repetidas vezes à porta



A vingança do vendedor de aspiradores electricos cuja eficacia a dona da casa se recusou a reconhecer.

RADIOFONIA PORTUGUESA

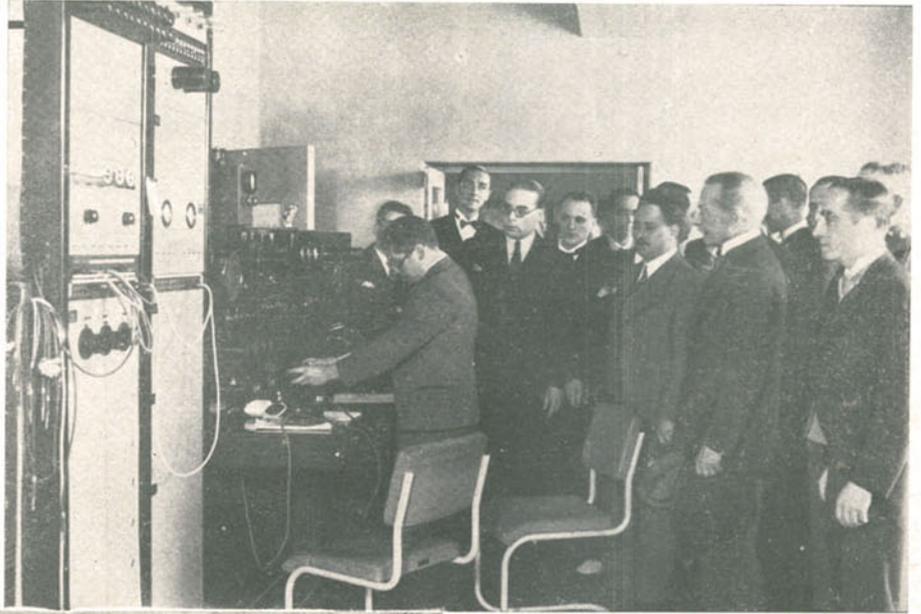
Foi oficialmente inaugurada a Emissora Nacional

após 15 meses de funcionamento com pleno êxito

Após 15 meses de actividade com pleno êxito, foi no dia 4 do corrente inaugurada oficialmente a Emissora Nacional. A cerimónia teve a assistência do sr. Presidente da República que visitou os estúdios da rua do Queilhas. O Chefe do Estado era ali aguardado pelos srs. ministros do Interior, Justiça, Instrução e Obras Públicas, general Daniel de Sousa, presidente da comissão administrativa da C. M. L.; almirante Saavedra Machado, chefe do Estado Maior Naval; general Amílcar Pinto; coronel Arrobás Machado, chefe do Estado Maior do Governo Militar de Lisboa; tenente-coronel Esmeraldo Carvalhais; capitão Henrique Galvão, engenheiro Manuel Bivar e dr. Pires Cardoso, da comissão administrativa dos estúdios da Emissora Nacional; major Santos Pedroso, comandante Freitas de Bivar, etc.

O sr. Presidente da República percorreu demoradamente as dependências do edifício, manifestando a sua admiração pela admirável organização de todos os serviços. O sr. capitão Henrique Galvão fez depois um discurso ao microfone, salientando os objectivos da Emissora. Respondeu-lhe o Chefe do Estado, que manifestou o desejo de se apressar quanto possível a criação de emissões radiofónicas para as nossas colónias.

Acompanhado pelos restantes convidados, o Chefe do Estado dirigiu-se, em seguida, de auto-



As cerimónias da inauguração prolongaram-se durante uma semana, no decurso da qual diversas figuras de relêvo no nosso meio intelectual realizaram conferências ao microfone, entre outros os srs. Cristiano de Sousa e o nosso querido amigo, dr. Augusto de Ezaguy.

A fechar o programa das festas, a Orquestra Sinfónica dirigida por Pedro Blanch realizou no teatro Nacional um concerto de gala.

A actividade da Emissora Nacional saiu assim do período das experiências para entrar na sua fase definitiva, que não deixará, por certo, de sofrer constantes aperfeiçoamentos. Seja-nos lícito esperar que o facto se reflectirá na organização dos programas, de modo a collocá-los à altura da missão que à Emissora incumbem e que a sua categoria lhe impõe. São estes, julgamos nós, os votos de todos os radiófilos.

Ao alto: Uma demonstração de aparelhagem aos visitantes. Em cima: O Chefe do Estado proferindo ao microfone o seu discurso. A' direita: Os visitantes no Alto de Valejas, junto duma das torres metálicas que suportam a antena.

móvel para o Alto de Valejas, em Barcarena, onde se encontram as instalações técnicas da Emissora, que também visitou demoradamente. Após ter percorrido as dependências onde a corrente eléctrica é transformada e ampliada, o Chefe do Estado esteve nos terraços, admirando as imponentes torres metálicas da antena, no alto das quais drapejavam bandeiras portuguesas.





D. Sebastião
(Estátua de Simões de Almeida)

PASSOU mais um ano sobre o glorioso feito de Aljubarrota que foi decisivo para a encarniçada campanha travada entre Portugal e Castela.

Cinco séculos e meio de evocações. Dizem os cronistas que "abortada uma inútil tentativa de conciliação, fizeram-se todos os preparativos e tomaram-se tôdas as providências para o inevitável encontro que deveria ser terrível. O cronista espanhol Sandoval, numa apreciação imparcialíssima, calculou o efectivo do exército castelhano em 32 mil homens, utilizando para isso o cômputo de quantos homens de armas poderia dar cada provincia, e da comparação com o efectivo de exércitos organizados nessa época.

Os portugueses, auxiliados pelo entusiasmo que lavrava em todo o país a favor de D. João I, não chegavam a 10 mil,

devendo ter-se em conta que, além da inferioridade numérica, estavam mal municiados. O Condestável visitou o campo onde deveria ferir-se a batalha. Examinou-o cuidadosamente, escolheu as posições que mais lhe convinham, dispôs habilmente as forças, prevendo as várias hipóteses que poderiam surgir, e aguardou o momento asado.

Deu-se a batalha que nos encheu de glória, sendo o próprio rei de Castela a reconhecer o valor dos portugueses naquela frase citada por Fernão Lopes:

— "Os Portugueses som boões & leais ca quantos foram em minha companhia, eu os vi todos morrer diante my, & os meus me robarom a coroa de minha cabeça."

O CRIME DE SER VENCIDO

De Aljubarrota a Alcacer Kibir

Como se salva e se perde uma nação

Sandoval, descrevendo a *Batalha de Aljubarrota*, diz com tôda a sua alma de castelhano e com tôda a sua sinceridade:

"Libre por la segunda vez el Portugal de la invasion castellana de un modo mas brillante y decisivo que la anterior, solo quedava a su nuevo soberano el cuidado de Lisboa bloqueada aún por la escuadra enemiga, y el de someter las plazas y castillos que se mantenian por doña Beatriz; pero era evidente que ambos terminarian muy pronto; la flota llevó anclas y se alejó del Tajo el 14 settembre; los castillos de Torres Vedras, Alenquer, Cintra, Óbidos, Leiria y otros de las provincias del Sur y del Norte se le fueron entregando espontaneamente, ó por simple intimación; y sin perder tiempo se dispuso a sitiir à los demás para rendirlos."

Após a vitória, o rei português conservou-se três dias no campo de Aljubarrota, segundo o uso em tais batalhas. O vencedor saboreava o seu triunfo. Dali seguiu para Alcobça sem quebra da sua devoção pela Senhora da Oliveira, de Guimarães.

O Mestre de Aviz manifestou sempre uma ternura enorme pelo berço do heróico fundador da nacionalidade, embora a legitimidade de nascimento fôsse condição indispensável para reinar em Portugal.

O ambicioso filho de D. Teresa Lourenço julgava-se apto a governar o reino português, embora, para isso, tivesse de aceitar como espôsa a detestada Leonor Teles, viuva de seu irmão.

Se D. Afonso Henriques havia sido o fundador da primeira dinastia, porque não havia elle, Mestre de Aviz, e proclamado já Defensor do Reino, ser o fundador da segunda? Por ser bastardo? Mas Afonso Henriques era filho duma bastarda e nem por isso deixou de ter as honras que ambitionava. De resto, se o filho de D. Teresa contou com os melhores colaboradores, D. João I contava com a espada do Condestável e com a poderosa dialectica do dr. João das Regras.

Nada se deveria opôr, portanto, às suas ambições. Seria rei, dêsse lá por onde dêsse. A batalha de Aljubarrota havia sido o segundo Ourique de Portugal. O milagre fez-se. Em vez dum Cristo crucificado que Afonso Henriques viu, além duma espada com asas, o Mestre de Aviz viu, no Apocalipse que lhe revestia na imaginação, a Pátria Portuguesa transfigurando-se no Tabor da sua glória. A sua vitória foi a transfiguração que provou aos incrédulos o valor da raça.

Mas, após a transfiguração, devia aparecer a paixão e morte, consoante a letra dos Evangelhos.

Decorridos quasi dois séculos, no próprio mês de Agosto em que Portugal se encheu de glória nos campos de Aljubarrota, surge Alcácer-Quibir, a Paixão e Morte da nossa Pátria, para ressurgir, não ao terceiro dia como o Nazareno, mas dali a sessenta penosíssimos anos.

Houve quem reagisse, houve quem protestasse, houve quem sacrificasse tudo por tudo. Mas que poderia o enfermo, cambaleante e desfalecido após uma espantosa hemorragia como a de Marrocos? Houve ainda o filho de D. Violante Gomes que, apesar da bastardia, se dispôs a redimir mais uma vez a sua Pátria. Foi o brioso Prior de Crato que julgou seguir o exemplo do filho bastardo de D. Teresa Lourenço. Que motivo haveria para lhe oporem entraves? Por ser bastardo? Mas o que foi D. João I?

A fidalguia, vendida a Castela, apresentava mil e uma razões como a da origem judaica de D. Violante e os seus amores ilícitos com D. Luís de Portugal, irmão de el-rei.

Se os portugueses de 1385 se tivessem preocupado com estas ninharias não teriam conquistado a sua independência nos campos de Aljubarrota.

A batalha de Alcântara poderia ter sido a redenção duma Pátria. Assim, foi a aventura quasi grotesca dum bastardo que pretendia, num rasgo de amor patriótico, traçar, a golpes de montante, a sua carta de legitimação nas costas dos invasores de Portugal, tal como o Mestre de Aviz o havia feito.

Como é triste, por vezes, o estudo da História!

Portugal ressurgira, graças a um bastardo de vinte e oito anos que decidira ser rei e senhor. Teve sorte e triunfou. Em face do seu triunfo foi chamado o soberano de *Boa Memória*. Em resultado do sonho heroico dum moço de vinte e quatro anos morre nas plagas ardentes de Marrocos. Tenta ressurgir, mais uma vez, pelos seus

Os castelhanos expulsos de Lisboa pela peste



A oração do Condestável
(Estudo de A. Saus Lopes)

próprios recursos, mas o paladino, nessa altura, é desprezado porque é ilegítimo, e isso pode prejudicar os direitos naturais do Senhor D. Felipe II, de Castela, Nosso Senhor!

Se nesse arranco formidável, o Prior de Crato tivesse ganho a batalha de Alcântara é possível que a fidalguia, venal como sempre, viesse aclamá-lo, tanto mais que já corria moeda cunhada com a effigie do novo rei. Perdeu a partida, foi derrotado, e então aqueles que mais o deveriam apoiar, voltaram-se abertamente para o mais forte que era o filho de Carlos V, em cujos vastos Estados nunca se punha o sol!

Está provado e comprovado que há

um crime hediondo que a própria História nunca soube perdoar: o ser vencido.

Festejamos hoje a batalha de Aljubarrota, ficamos em extasi ante o maravilhoso mosteiro da Batalha que no-la evoca, mas tão sómente porque o Mestre de Aviz venceu. Se tivesse sido derrotado, o filho de D. Teresa Lourenço seria decapitado ou exilado, e ante o trôno de Castela, alguns daqueles que teceram lóas ao amor pátrio, não teriam escrupulo em insultar D. João I e sua mãe, acoimando-os de indignos de aparecerem diante de pessoas decentes.



A MORTE DO MESTRE AGUARELISTA ROQUE GAMEIRO

As artes plásticas portuguesas sofreram no dia 5 d'êste mês uma perda que durante muito tempo ficará irreparável. Roque Gameiro, o patriarca duma brilhante pleiade de artistas, succumbiu aos 71 anos a um ataque de urémia. A morte pôs assim o termo brutal a uma vida feita de trabalho honesto e culto pela arte.

Foi na aguarela que Roque Gameiro se evidenciou em toda a pujança do seu admirável talento. Possuía a mais requintada ciência das côres. Tinha o segredo dos mais expressivos efeitos. E a par disso era dotado duma das mais vastas e ricas sensibilidades que nos últimos tempos se têm revelado entre os artistas portugueses.

Começou a sua vida de trabalho, que só a morte interrompeu, como litógrafo. António Augusto de Aguiar, reconhecendo a necessidade de criar o ensino técnico em Portugal, proporcionou-lhe ocasião de se especializar no estrangeiro. Roque Gameiro pôde assim estudar litografia durante dois anos na Escola de Artes e Ofícios de Leipzig e regressou depois a Lisboa onde foi nomeado professor.

A arte seduzia-o, no entanto, mais do que a técnica. Começou a consagrar-se á aguarela, onde obteve logo de entrada os mais assinalados êxitos.

Colaborou em grande numero de obras literárias que valorizou com as suas ilustrações tão sugestivas. Merecem destaque as edições monumentais de "As

pupilas do senhor Reitor," e a "História da Colonização portuguesa no Brasil". Reuniu alguns dos seus trabalhos dispersos num volume intitulado "Lisboa Velha", que editou á sua custa e que constitue um repositório inestimável dos aspectos pitorescos da nossa capital que o progresso nivelador vai suprimindo.

A sua actividade foi enorme. Expôs continuamente obtendo sempre as mais altas distinções. Os nossos museus encon-



Casa quincentista da Rua dos Cegos

tram-se enriquecidos com obras suas, que também figuram nalguns estrangeiros, como o da Arte Contemporânea de Madrid.

Era sem dúvida, um dos artistas portugueses mais representativos dos últimos tempos, digno de enfileirar a par de Columbano e Malhoa. A propósito da edição do seu album "Lisboa Velha" o illustre crítico da arte Manuel de Sousa Pinto, a êle se referiu nestas colunas, em Agosto de 1926, nos seguintes termos:

"Artista de esmiuçadora atenção, pintor de técnica expressiva, ilustrador de raça, trabalhador com a devoção do officio, patriarca rodeado de pinceis, tronco de artistas, Roque Gameiro fundador duma escola, reunindo em volume mais de uma centena de vistas, quadros e assuntos de Lisboa panorâmica, de Lisboa vetusta, da Lisboa fadista, da Lisboa



Roque Gameiro

sobe-e-desce, veio contribuir para a educação do olhar dos lisboetas.

E destacando uma das facetas mais curiosas do temperamento do artista, dizia ainda o mesmo illustre crítico:

"Roque Gameiro — nem o deveria ser! — não é um aristocrata. Gosta do povo como modelo, ama a rua, pelo menos como tema. Para fazer a obra que êle pacientemente vem realizando há quarenta anos não bastaria o seu talento de pintor. Impunha-se também um feitiço especial, compatível com a multidão e a impertinência do populacho.

O Município de Lisboa conferiu-lhe no ano passado a medalha de ouro da cidade, como prova de gratidão pela sua valiosa obra em prol da beleza da capital.

O funeral do grande artista constituiu uma manifestação eloquente do profundo pesar que o seu desaparecimento causou. Coberta com a bandeira do município, por motivo de Roque Gameiro ser uma das três pessoas agraciadas com a medalha da cidade, a urna foi conduzida para o cemitério dos Prazeres. Por determinação expressa do falecido, cuja modéstia era tão grande como o talento, não se realizaram turnos nem se proferiram discursos. A organização do funeral esteve a cargo do nosso camarada do *Noticias Ilustrado*, Alvaro de Andrade.

Roque Gameiro era pai de cinco filhos, dignos herdeiros da sua grande sensibilidade artística e continuadores da sua obra. São êles: D. Raquel Roque Gameiro Ottolini, D. Helena Roque Gameiro de Barros, D. Mâmia Roque Gameiro Barata, Rui Roque Gameiro e Manuel Roque Gameiro. Era sogro de Jorge Ottolini, Martins Barata e Leitão de Barros.

A toda a família e em especial ao camarada Leitão de Barros, apresenta a *Ilustração* a expressão do seu profundo pesar.



Beco do Espírito Santo, ao Chafariz de Dentro

AS FESTAS AUTOMOBILISTICAS DO ESTORIL

RESULTARAM brilhantíssimas, como é tradição do Estoril, as festas automobilísticas que ali se realizaram nos dias 3 e 4 do corrente. No primeiro daqueles dias houve um Concurso de Elegância que obteve belo êxito tanto pelo número de carros inscritos como pela beleza e conforto dos modelos apresentados. O júri do concurso era constituído pelos srs. condessa di Carrobio, D. Mary Espírito Santo Silva, D. Maria Adelaide Lima Cruz, conde de Fontalva e João Ramos. Os prémios de Elegância



A passagem num dos obstáculos



D. Maria Luíza Vaz Monteiro e A. Luiz da Costa, vencedores da «gimkana».

cia Feminina foram distribuídos como segue: 1.º M.^{me} Cordier, em «Buick», 2.º M.^{me} Kallgren em «Adler», 3.º D. Isabel de Figueiredo em «Renault». No dia seguinte disputou-se a «gimkana». Tomaram parte cêrca de 30 carros e o número de obstáculos era de doze.

A classificação dos concorrentes vencedores foi a seguinte: 1.ºs prémios, A. Luiz Costa e Maria Luíza Vaz Monteiro; 2.ºs, António Leitão de Oliveira e Maria Ce-



Em cima: As senhoras que fazem parte do júri: Maria Adelaide Lima Cruz, Mary Espírito Santo Silva e condessa di Carrobio. À esquerda: As senhoras de Cordier, de Kallgren e D. Maria Isabel de Figueiredo, respectivamente 1.º, 2.º e 3.º prémios do Concurso de Elegância Feminina



leste Azevedo; 3.ºs, dr. João Couto Rosado e Maria Teresa Ponte; 4.ºs, António Leitão de Oliveira e Maria Celeste Azevedo; 5.ºs, João António Ribeiro da Costa e Maria Margarida Fernandes Tomaz.

A' noite efectuou-se no restaurante do Casino um animado baile no decurso do qual se procedeu à distribuição dos prémios pelos concorrentes classificados. Estas festas, que resultaram notáveis, foram promovidas pela Sociedade de Propaganda da Costa do Sol e organizadas por Augusto Pina, com a colaboração técnica do Automóvel Club de Portugal.



D. Fernando II Outra gargalhada do bispo. O rei, embora habituado á sem-cerimónia do prelado-ministro, impôs: — É essa a minha real vontade.

— Ora! ora! Vossa Majestade fala assim por ter uma corôa? Corôa tenho eu — rematou batedo na tonsura — e esta não cai por mais voltas que me dêem. No entanto, ha uma solução. O príncipe reinante de Saxe-Coburgo Gotha que conceda á cantora o título que lhe parecer, pois nada temos com isso.

Com effeito, pouco depois, o príncipe Ernesto II concedia o título de condessa de Edla, á illustre artista, e o rei D. Fernando á sua mãe de esposo.

Em Janeiro de 1870, o panfleto político "A Lanterna" caía a



D. Luiz I

SINTRA acaba de pagar uma dívida de gratidão á memória do rei D. Fernando II, levantando-lhe um singelo monumento no parque da Pena.

Mais vale tarde do que nunca! Se aquelas arvores falassem!

O viuvo da rainha D. Maria II criara um certo fracço pela cantora Elisa Hensler, de origem alemã e natural de Boston, que se exhibira pela primeira vez no Teatro de S. Carlos, cantando "O Profeta", de Meyerbeer. Esta inclinação parecia não ir avante, a calcular por mil e uma aventuras amorosas em que o príncipe se empenhara sempre sem desfalecimentos.

Parecia até que este D. Fernando II de-sejava emular o I na sua inconstância irreverente.

Pois na noite de 15 de Abril de 1860, subindo á cena no S. Carlos, "Un ballo in maschera", de Verdi, o regente ficou definitivamente encantado com o "Pagem Oscar", que era nem mais nem menos do que a cantora Elisa Hensler.

Duraram estes amores nove annos.

Um dia, como o rei D. Luiz, na intenção de agradar ao pai, manifestasse ao presidente do ministério, o Bispo de Viseu, o desejo de conceder um título nobiliárquico á cantora, o duro estadista e severo sacerdote desatou-lhe uma estrondosa gargalhada.

— Essa agora! — exclamou elle — faz-la condessa de quê?!

— De Sintra, por exemplo.

fundo sobre o régio casal com uma ferocidade espantosa.

Chegou a representar o rei D. Luiz recebendo instruções do espectro de D. Maria II, sua mãe.

"Não desci á terra — dizia o fantasma — a falar a teu pai, para lhe não perturbar os seus sonhos dourados no regaço de seus novos amores! E tambem porque não quis vêr no tálamo que sempre honrei, a mulher que offende a minha memória, delustra o teu nome, e delustra a tua Pátria!"

Mais adiante, o mesmo furibundo panfleto declarava que "a esposa do regente havia feito a sua apresentação official na côrte. Foi no baile da Ajuda. Sua majes-



O bispo de Viseu

DÍVIDA ANTIGA

A gratidão de Sintra ao rei D. Fernando II que tanto lhe quis

tade-cantora occupou o lugar das condessas. E porque não tomaria o lugar das rainhas? Talvez por ser escândalo de mais; mas assim, foi de menos o escândalo; mas foi de mais a baixaze. E' ou não é a condessa de Edla a esposa do regente?"

E salientava: "Esperava sua majestade cantora ser na primeira entrada do baile par de seu genro. Mas o rei não se dignou oppôr á rainha verdadeira a rainha cómica."

E, neste tom, as vergastadas sucediam-se cada vez com maior violência.

Quando D. Fernando morreu, legando a sua espôsa tudo de que por lei podia dispôr, o seu testamento foi atacado duramente pela pena brilhante de Emídio Navarro, numa série de artigos publicadoss nas "Novidades" e coligidos, em seguida, num folheto.

Rebentou tal escândalo que Ramalho Ortigão castigou desta maneira o factonas columnas do "Occidente":

"A opinião publica tem-se apressado excessivamente, a meu vêr, em fixar o destino heroico dèste personagem pelas exclusivas

ilações tiradas do espirito das suas disposições testamentárias.

"Não pretendo analisar êsse documento tão acerbamente discutido pela imprensa, tão implacavelmente condemnado pela sociedade. Não desejo exacerbar pelo desacôrdo da minha opinião pessoal, a malquerença a um môrto de que já se lavrou a sentença, posto que ainda senão resassem as exéquias.

"Não quero prolongar a contestação do direito que tem á paz da sepultura o cadaver dum homem que eu sinceramente amei, que não deixou herdeiros ao fóro da minha amisade, mas do qual recebi — em beneficio de outros — decisivas e comoventes provas duma alta e desinteressada afeição, de que me honro, e que não esquecerei já-mais.

"Pregunto unicamente, deixando em pé a opinião de cada um sobre o espirito e sobre a letra do testamento do Senhor D. Fernando, se da lógica do

Porta principal da Pena em Sintra



temperamento dèsse príncipe que o próprio público tão fisiologicamente classificou denominando-o o rei-artista, se não poderão tirar, em respeito à mesma arte, algumas clementes e modestas atenuações ao rancoroso respeito de que é vítima um homem que, na disposição das suas últimas vontades, é precisamente como artista que procede, isto é, por impulsão emotiva, e portanto dum modo absolutamente irregular no ponto de vista do rei político, de rei patriota ou de rei pai de família.

"Pregunto-o, porque me parece que há alguma coisa de excepcionalmente, cruel, de particularmente offensivo á humanidade, em julgar sem defesa em condemnar por aclamação triumphal e unânime, sem que uma única vez proteste, o que

há de mais sagrado na natureza do homem — a sua personalidade affectiva.

"Ha três semanas que a altitude da sociedade de Lisboa perante o cadaver do rei falecido, e em vista do acto em que elle cometeu o crime de exprimir a sua vontade em vez de exprimir a vontade dos que o haviam de analisar, me produz o effeito moral dum dèsses espectáculos da ferocidade antiga, votando ao suicídio uma reputação de homem, gritando-lhe o *recipe ferrum*, como a plebe de Roma ao gladiador reprovado. E conclúo dolorosamente que é mais

piedoso atirar um cadaver aos cães do que dá-lo a discutir ao público."

Decorreram muitos annos. A ferocidade dos atacantes deliu-se com as suas cinzas, seguindo-se, como seria de calcular o esquecimento.

Finalmente, Sintra acabou por lembrar-se de que tinha um dever de gratidão a cumprir para com êsse príncipe que tanto lhe quis e a embelezou á sua custa como se duma amante querida se tratasse.

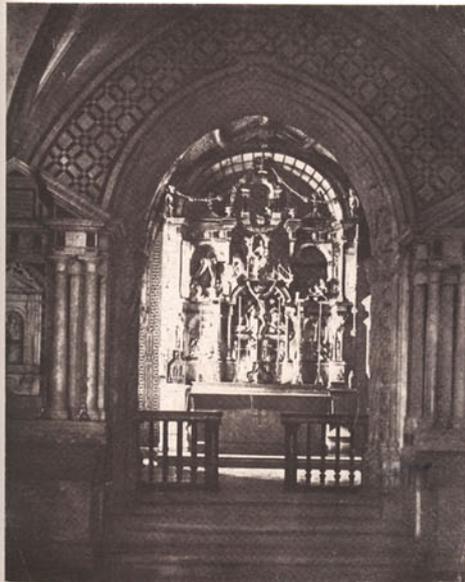
Se nunca perdoou ao general Prim o palavrão soltado quando se falou em sentar no trôno de Espanha a condessa de Edla, sua espôsa, D. Fernando desculpou muitos dos nossos compatriotas que tão gravemente ofenderam essa senhora.

Amava tão sinceramente a nossa Pátria que, nessa época de iberismos, declarou solenemente:

— "Prefiro pedir esmola á porta dos portugueses do que ser rei dos espanhois!

Após meio século de ingratidão, a formosa estância portuguesa recordou-se do dever que lhe competia e patenteou o seu reconhecimento ao rei-artista que tanto a embelezou. Formosa, como sempre, Sintra não podia esquecer-se de que a sua mais rica "toilette", lhe fóra comprada por êsse príncipe estrangeiro, tão amigo das coisas belas.

Ainda bem que Sintra o reconheceu.



Capella da Pena



Medalha de Santo Inácio de Loiola

QUANDO em 1521 os franceses atacaram as regiões navarras, a cidade de Pamplona, capital daquela província, viu-se em grave apêto, apesar dos socorros enviados pelo duque de Najera, vice-rei do país. À frente dos sitiados destacava-se um moço garboso que contava mais proezas cavalleirescas do que primaveras. Era D. Inácio Lopez de Recalde, filho do castelão de Loiola, da província de Guipuzcoa. Segundo os cronistas da época, êsse jóvem de vinte anos "servira primeiro como pagem o rei Fernando, o Católico, e depois como escudeiro o duque de Najera, cujos antecessores tinham protegido sempre a família dos Recaldes de Loiola. Possuía, em boa verdade, um espírito romanesco. As aventuras amorosas, os feitos de armas, a fama guerreira, o amor próprio pessoal e o desejo de brilhar com as suas armas e cavalos, eram os assuntos que enchiam a sua imaginação, e o seu orgulho impelia-o a distinguir-se em tudo isto acima dos seus companheiros. Para senhora do seu coração escolheu uma das princesas da casa real que, segundo disse um confidente seu, alguns anos depois era mais que condessa e que duquesa».

Avallie-se por aqui a extraordinária ambição dêsse moço que tão valentemente se batia na defesa de Pamplona.

Manteve-se no seu posto até que uma bala lhe estilhaçou os ossos da perna direita. Os espanhóis, tendo perdido o seu fogoso caudilho, renderam-se. O tratamento a que o ferimento de Inácio foi submetido, não podia ser mais desastrado e moroso. Os ossos ficaram tão mal unidos que foi necessário tornar a parti-los duas vezes. Isto não impediu, apesar de tudo, que o infeliz ficasse côxo e impossibilitado de prosseguir na sua vida de aventuras, cujos horisontes maravilhosos idealizara nos seus mais gratos sonhos.

Durante a convalescença, que foi longa, leu muitos livros, especialmente a "Vida de Cristo" e o "Flos Sanctorum" que o impressionaram grandemente. O exemplo de S. Domingos e de S. Francisco de Assis atraía-o, não pelo que tivesse de elevado, mas pela adoração que o mundo

votara áqueles santos. A figura sinistra do Santo Inquisidor completava a seus olhos magistralmente a humildade seráfica do Poverello de Assis.

Inácio encantava-se com estas leituras, a tal ponto, que congeminou a criação duma associação poderosa que o tornasse célebre e temido. Não podendo fazer frente aos seus inimigos com a arrogância dum Amadis de Gaula, visto ter ficado inutilizado para toda a vida, a sua imaginação cada vez mais ardente e ambiciosa supria esse poder majestoso. Não era o arrependimento nem a necessidade de se aproximar de Deus pelo sacrifício da sua própria existência que levaram Inácio a abraçar a vida religiosa, mas o desejo de se distinguir dos outros homens por feitos parecidos com os milagres dos santos, cujas biografias tinha estudado, e de se parecer com êles em méritos e fama.

Após um ano de convalescença, fugiu de sua casa, empreendendo a sua primeira peregrinação às montanhas agrestes de Monserrate, onde se venerava a imagem da Virgem.

As penitências e os jejuns debilitavam-no a tal ponto que "muitas vezes sentiu a tentação de se atirar pela janela da sua cela, contendo-se — êle próprio o confessou — ante a ideia de que com isso cometia um novo pecado».

Pouco a pouco, o ascetismo e os martírios voluntários pareceram-lhe uma injustiça que cometia contra o Supremo Criador que, tendo criado o corpo do mesmo modo que a alma, não poderia consentir na destruição lenta da sua mais bela obra. Inácio julgou que devia revigorar-se o mais possível para com mais energia trabalhar pela honra e glória de Deus.

Passou a estudar com afincos. Para entrar na Universidade de Paris exigiam-se mais requisitos do que nas universidades esbicholhas. Assim Inácio de Loiola teve de começar de novo nos seus estudos e aprender, no Colégio Montaigu, gramática e filosofia, antes de poder entrar no estudo da teologia. Enorme força de vontade deveria ser a sua para, aos quarenta anos de

idade, ir sentar-se entre as crianças e aprender as noções de ciência!

No dia 15 de Agosto de 1534, rodeado de colaboradores como Francisco Xavier e Francisco de Borja que foram santos e o português Simão Rodrigues de Azevedo, o ambicioso Loiola fundou a nova ordem que havia de fazer tremor o mundo, com o seu vastíssimo poder. O mais curioso é que



Fachada da Igreja da Companhia de Jesus em Roma

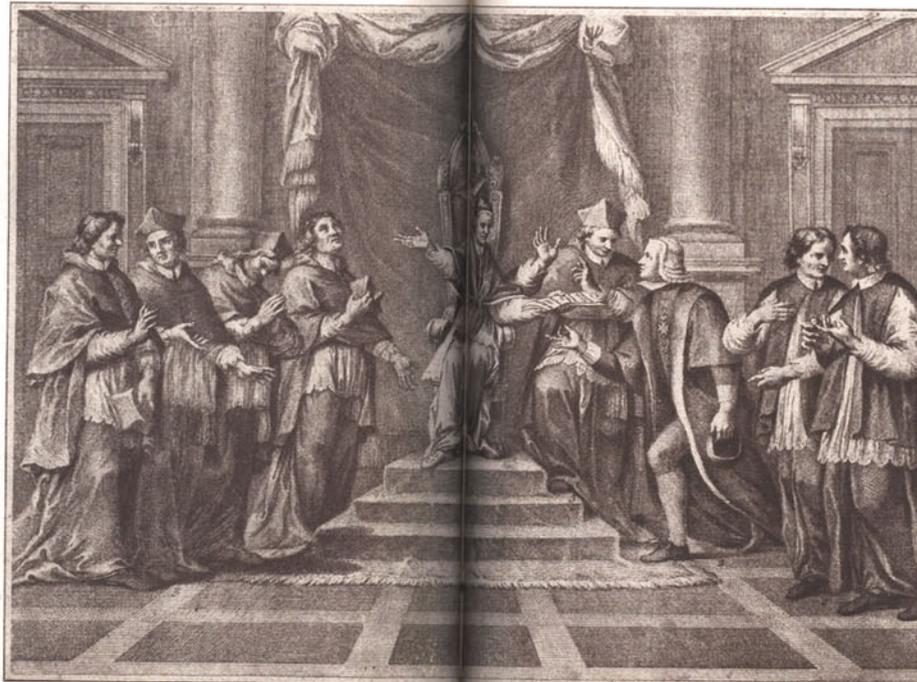
Inácio de Loiola foi preso três vezes pela Inquisição, não tendo estado o muito longe dos afaços das fogueiras purificadoras. Os dominicanos apercebiam-se do perigo e tentavam sufocá-lo à nascença.

Finalmente, o papa Paulo III, por meio da bula *Regimini militantis Ecclesiae* (título que condizia com os fins

O DOMÍNIO MUNDO

LOIOLA E O PAPA

Quando estas duas fôrças poderosas se chocam



O Papa Clemente XIV extinguindo os Jesuítas

da nova Companhia) aprovou em 27 de Setembro de 1540, as constituições da Ordem, embora com a condição de não poder ir além de 60 o número dos seus membros. Apesar da condição imposta pelo Papa, a Companhia de Jesus propagou-se rapidamente com grande aflicção e pavor das outras ordens religiosas.

Trinta e três anos depois, o Papa Clemente XIV ordenou a extinção pura e simples da obra de Loiola.

A gravura que publicamos tem a seguinte legenda em latim, francês e inglês, marcando por algarismos as personagens que nela figuram:

1 — O Papa Clemente XIV, para aplacar a tempestade da discórdia e para levar a paz à Igreja Universal, após ter meditado sobre o exemplo dos seus predecessores, ordenou em 21 de Julho de 1773 a total extinção da chamada Companhia de Jesus por ter saído fóra do programa que apresentára a Paulo III, e que êste Papa aprovou em 1540.

2 — D. José Moñino, 1.º conde de Floridablanca, cavaleiro da Ordem Real de Carlos III, conselheiro do Supremo Conselho de Castela, e da Câmara do Rei, ministro plenipotenciário de Sua Magestade Católica junto da Santa Sé, que, por suas virtudes cristãs, por seu talento, bondade e prudência, mereceu ser considerado um verdadeiro modelo dos ministros junto das Côrtes Estrangeiras, recebe das mãos do Santo Padre o Breve da extinção dos Jesuítas.

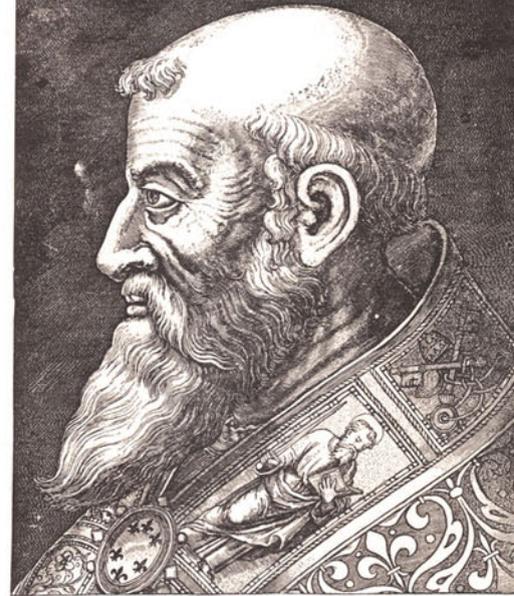
3 — Os cinco cardeais André Corsini, Mário Marefoschi, Francisco Carafa, Francisco Xavier de Zelada, António Casali, encarregados da fiscalização da ordem papal.

4 — Os dois prelados Vicente Macedónio e Onofre Alfani que coadjuvaram os cinco cardeais, acima mencionados, na execução do Breve pontifício.

Na luta travada entre Santo Inácio de Loiola e S. Domingos de Gusmão muitas vezes foi êste derrotado, pois a Companhia de Jesus arrancou grande número de desgraçados às fogueiras do Santo Offício.

Jesuítas da categoria do Padre António Vieira sofreram os horrores dos cárceres da Inquisição, e ao Padre Bartolomeu de Gusmão — quem sabe se ainda aparentado com o santo instituidor do Santo Offício! — valeu-lhe, como se sabe, a Companhia de Jesus. O padre Gabriel Malagrida não escapou à sanha pombalina porque os dominicanos sentiam o maior prazer em esturrrinhar um servidor de Loiola que tanta sombra lhes fazia.

Evocando estas datas com a maior imparcialidade, verifica-se que, no fim de contas, os jesuítas não são tão maus como os pintam.



PAVLVS · III · PONT · MAX · M · D · XXXV ·

O papa Paulo III



para a dissimular, quando afirma a sua necessidade de expansão.

Como se sabe, a Itália é hoje um país super-povoado. O excedente da sua população relativamente ao território só tem paralelo no Japão. A semelhança de este, a Itália exporta homens em quantidades enormes. E nenhum patriota italiano recorda, sem desgosto, que a maior cidade italiana do Mundo é... New York, com a sua numerosíssima colónia.

Que pretende, portanto, a Itália? Abrir novos campos à sua actividade, encontrar um escoamento para o excesso da sua população. Dir-se-á talvez que tem possessões em África: A Tunísia e a Eritreia. Mas a primeira é pouco mais que um deserto e a arca não se colónia. E quanto à Eritreia é demasiado pequena para as suas ambições e só serve para lhe estimular o apetite dos férteis planaltos abissínicos que lhe ficam próximos.

Uma situação deste género conduz inelutavelmente um povo à guerra de conquista. Foi o que sucedeu com o Japão, ao ocupar a Manchúria. E o que vai agora repetir-se com a Itália e, mais tarde talvez, com a Alemanha...

A pressão destes factos é mesmo de tal modo evidente que os aspectos oficiais do litígio passaram já para um modesto segundo plano. A Comissão de Conciliação reunida em Scheveningen não pôde chegar a um acórdão, pela simples razão de que a Itália não punha nisso o menor empenho. Receber plenas satisfações do governo etíope pelo incidente de Ual-Ual corresponderia a largar da mão um excelente pretexto. Feito isto só lhe restaria abandonar por algum tempo a partida. Era preciso evitá-lo, mesmo sacrificando as mais elementares aparências da boa-fé.

E assim, o malogro dos trabalhos da Comissão não surpreendeu ninguém. O governo etíope mostrava-se pronto a dar todas as satisfações. Mas começava por apresentar uma pequena e legítima pretensão: que se determinasse a linha da fronteira, a fim de ficar assente se o incidente ocorrerá em território italiano ou abissínio. A isto se opuseram intransi-

UMA GUERRA DE CONQUISTA? A tragédia da Etiópia

Ameaçada pelas ambições italianas a Abissínia organiza a resistência

gentemente os delegados italianos, recorrendo a todos os ardis da diplomacia para dissociarem o incidente da delimitação de fronteiras.

Em face desta atitude e da progressiva concentração de tropas italianas na Eritreia, a Abissínia recorreu para a S. D. N. Devia esta atender ou não o seu apelo? Para o leitor que é, como nós, uma pessoa honesta e de bom senso, o caso não poderia dar lugar a dúvidas. Se a Etiópia, julgando-se ameaçada, recorria na sua qualidade de membro da S. D. N. aos bons ofícios daquele organismo, está só a tentar que reunir-se, atende-la e ditar a sua decisão.

Mas nas altas esferas da diplomacia, as coisas não se passam tão simplesmente. Uma convocação precipitada do Conselho da S. D. N. poderia provocar a retirada da Itália. Ora o organismo de Génova já não possui vigor suficiente para resistir a tão perigosos embates. Depois da saída da Alemanha e do Japão, a da Itália pôde ser o golpe de misericórdia, a morte da Liga genebrina. Verdade seja que certos espíritos simplistas entendem ser por vezes preferível morrer a viver sem honra. Mas os espíritos simplistas são, em geral, desoladores negociantes em matéria de diplomacia.

Após laboriosas consultas o Conselho chegou à conclusão de que poderia reunir sem graves consequências. A ideia de resolver o litígio estava naturalmente posta de parte. Mas pelo menos, tomá-se-ia conhecimento do assunto, sugerissem entendimentos, propusessem mediações e a situação protela-se-ia por mais algum tempo. A Itália, por seu lado, não se opunha a esta política dilatória, visto que só no Outono, passada a época das chuvas, lhe seria possível empreender, com probabilidades de êxito, a escalada dos abruptos planaltos etíopes.

O pretexto para novas negociações não era difícil encontrar: a nomeação de mais um membro — o quinto — para a Comissão de Conciliação. A conciliação internacional ficou com isso apaziguada, muito embora a ameaça da guerra continue a pairar sobre as costas do mar Vermelho.

Haverá ainda uma derradeira probabilidade de evitar que o conflito degenerar em luta armada? E' para recer que não. O Governo italiano empenhou no caso o brio da Nação e o ouro dos seus cofres. Há-de querer dignificar o primeiro e reembolsar o último com juros. Mais ainda: empenhou também o prestígio interno do seu sistema político e não poderia esquecer êsse facto sem graves consequências.

Uma solução pacífica ainda seria contudo possível, se as pretensões italianas encontrassem, pelo menos em parte, satisfação. Poderia admitir-se uma acção concertada da França, da Inglaterra e da Itália que conduziria à divisão da Etiópia em zonas de influência. Mas mesmo nesse caso, é muito possível que os abissínicos opusessem uma resistência desaperçada e que o desmembramento do Império do Negus não se fizesse sem derramamento de sangue.

Para justificar uma acção dêsse género as grandes potências teriam um excelente pretexto na existência de escravidão na



Abissínia. Tem essa acusação qualquer fundamento?

É incontestável que sim. Existem ainda hoje na Abissínia alguns milhões de escravos. O problema consiste todo em saber se a civilização que se lhes pretende impor, lhes traria vantagens apreciáveis. E é nisso que as opiniões se dividem.

O actual Negus, que alguns dizem ser a única pessoa no seu país com uma visão exacta dos graves perigos que ameaçam a Etiópia, não ignora que arma a escravidão pode fornecer aos seus adversários.

Assim, propôs-se extinguí-la lentamente. Fez disso o principal ponto do seu programa que ele sintetizou nos seguintes termos, no pedido de admissão apresentado à S. D. N.:

"Como os Livros Santos o testemunham, desde o ano de 1500, desde Salomão, que lutamos contra os pagãos que nos rodeiam, pela fé em Deus, a observação das suas leis, a salvaguarda da nossa Patria e da nossa religião. Apesar disso, no curto momento de repouso que podemos obter, buscando laços de amizade, construímos um caminho de ferro, aderimos à Convenção de Bruxelas, fazemos parte da União Postal Universal. Com as potências que se associaram para fundar esta Liga assinámos tratados do que respeitá-

mos sempre as cláusulas. Como recebemos o Evangelho de Cristo ao mesmo tempo que vós, queremos em verdade, apesar das dificuldades com que lutamos, pôr as nossas leis de acórdão com as vossas..."

As dificuldades eram por tanto maiores ainda do que o "rei dos Reis, parecia crê-lo. Se pretendesse atacar as tribus vizinhas, todo o seu povo o seguiria. Mas abrir guerra às tradições era condenar díctos cegos. Haile Selassie meteu-se a essa empresa com a sua demonstrada inteligência. Começou por atacar o feudalismo. Suprimiu privilégios, abateu potentados e concentrou nas suas mãos toda a propriedade. Mas nisso não foi suficiente para suprimir totalmente a escravidão, que enquadrava toda a actividade do país.

Quando da admissão da Abissínia na S. D. N. em 1923, os adversários dessa admissão, à frente dos quais se encontrava a Inglaterra, basearam a sua opinião no facto de se tratar dum país onde a escravidão era ainda correntemente praticada. Mas as suas objecções tiveram resposta oportuna e adequada numa intervenção do delegado francês Henry de Jouvenel:

"No que se refere à *servidão doméstica* — declarou êste — é preciso ter a coragem de afirmar aqui que muitos dos Governos que fazem parte da Sociedade das Nações lutam com dificuldades análogas nos seus territórios de além-mar..."

Dado porém que o argumento da escravidão ou outro venha a servir de pretexto a uma invasão por parte da Itália, seria interessante saber-se que probabilidades de êxito tem uma operação militar dêsse género e a natureza da re-

O moderno edifício do Parlamento da Abissínia.

Dobalaba Kivlito, chefe da terra de Amara.

sistência que os etíopes não deixarão de lhe opôr. Há quem suponha que a Abissínia é praticamente inexpugnável. Contribuiu muito para radicar essa impressão a estrondosa vitória alcançada pelos etíopes sôbre os italianos em Adua. Esse juízo superficial da questão carece, porém, de ser rectificado.

A disposição geográfica do país, o clima árido das regiões exteriores são vantagens consideráveis que os abissínios sabem utilizar na defesa do sólo pátrio. O revés italiano de Adua dependeu em parte desses factores, mas também de grande superioridade numérica do inimigo e duma estratégia errada dos italianos, que se aventuraram imprudentemente por uma das gargantas abertas no planalto etíope, onde ficaram à mercê do adversário.

Êste facto não prova contudo que tôda a expedição militar esteja de antemão condenada a malograr-se. Não deve esquecer-se que em 1868 uma operação do mesmo género foi levada a cabo com pleno êxito. Quinze mil soldados britânicos, comandados pelo general Napier, desembarcaram na baía de Adoulis, um pouco ao sul do Massauá, onde as tropas italianas se concentram actualmente. Tratava-se duma expedição punitiva contra o Negus Theodoros. As forças britânicas traziam da Índia 60 elefantes. Iniciaram a ofensiva em Fevereiro e em 9 de Abril estavam à vista do Magdala, praça forte onde o Negus se acolhera. Quatro dias depois Magdala rendia-se e Theodoros suicidava-se para não cair nas mãos do inimigo. Qual a diferença fundamental entre a expedição dos ingleses e a dos italianos? É que os primeiros lutavam contra um tirano detestado pelo seu povo. Muitos chefes de tribus deram o seu apoio ao

invasor. O Negus Theodoros encontrava-se por isso isolado. Pelo contrário, os italianos tinham perante si um império firmemente unido, sob o comando dum grande chefe, o Negus Menelik.

Que irá suceder agora? É difícil prevê-lo e mesmo os que mais de perto conhecem a vida etíope não se atrevem a fazer prognósticos. Em todo o caso é ponto assente que se surgirem dissidências entre os etíopes tudo se resumirá para os italianos numa digressão, pouco confortável embora, até Addis Abeba.

Mas no caso contrário a empresa italiana apresenta-se cheia de dificuldades. Não se trata apenas duma questão de armamento. A hostilidade dum país inteiro, em que a Natureza colabora com o indígena para tolher o passo ao estrangeiro, pode anular o efeito dos mais modernos engenhos de guerra.

É duvidoso também que a poderosa aviação italiana possa dizer a última palavra. A Etiópia tem poucos centros de população. As suas fôrças dispersar-se-ão pelos pontos estratégicos das montanhas, em vez de oferecerem alvos consideráveis ao bombardeamento aéreo. Addis-Abeba pode ser objecto de represálias, mas situada como está a 2.500 metros de altitude, os aviões terão de sobrevoá-la a grande altitude para não se expôrem ao fôgo de terra.

Tudo se resume, pois, no patriotismo e lealdade dos abissínios. Hailé Selassié não ignora êsse facto e no discurso que dirigiu ao povo da varanda do Parlamento de Addis-Abeba, acentuou-o nos seguintes termos:

"O povo etíope é um povo corajoso por natureza, mas esta coragem deve ser mantida por duas condições. Uma, conforme já várias vezes temos dito, é a união



Um guerreiro abissínio acompanhado pelo servo que conduz as suas armas

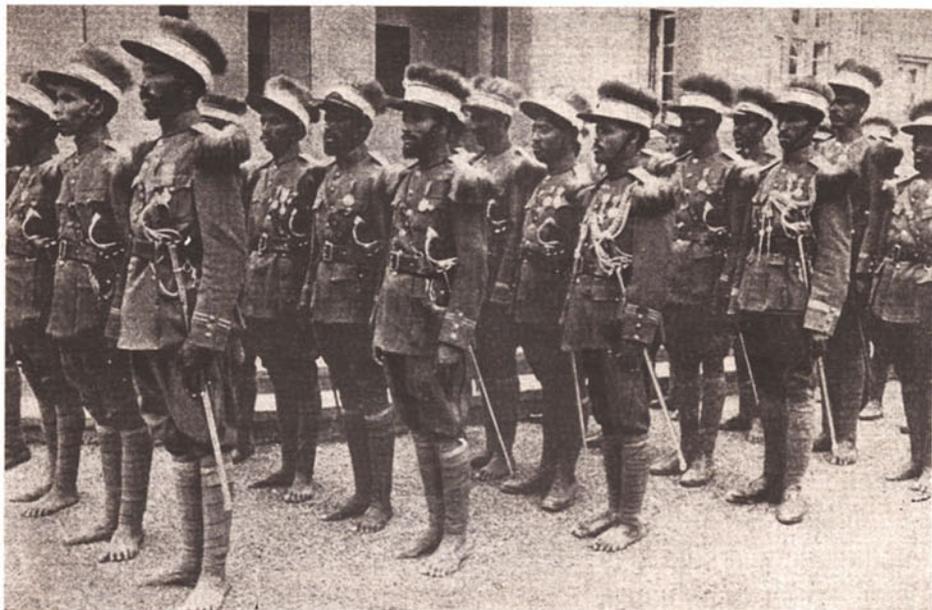
e o amor, que são para o país o mais belo título de orgulho popular, e para a defesa o melhor elemento; a união e o amor são meios de defesa mais seguros que uma trincheira, porque o inimigo não ousará atacar, sabendo que as suas fôrças se quebrariam contra a solidez desta fortaleza. A outra condição da valentia é a arma de guerra, mas a arma de guerra é fraca em presença do amor fraterno e da união. A arma de guerra é o instrumento que dá poderes mais extensos à fôrça que resulta da união. Ainda que o coração e a arma de guerra se ajudem mutuamente, não esqueçais que a fôrça do coração e a união são as melhores armas.

Saberá o povo etíope corresponder ao apêlo do seu imperador?

É êsse o enigma do drama a que o mundo está assistindo.

Ao passo que muitos chefes da região fronteira, em face da preparação intensiva dos italianos, preconizam um ataque imediato, Hailé Selassié, como bom diplomata, prefere abandonar á Itália o papel de agressor. Esta atitude sensata prejudica, porém, o seu prestígio aos olhos dos impulsivos guerreiros etíopes. Admitindo que consiga impor a sua vontade, não poderá contudo impedir que amanhã, perante um revés, os seus colaboradores atribuam o facto a frouxidão da sua política.

O futuro apresenta-se para o "Rei dos Reis," cheio de sombrias interrogações. Os fanáticos da civilização dirão talvez que vai nisso o progresso dum povo atrasado. Também as legiões de Roma se propuseram outrora civilizar a Península. E contudo Viriato ficou na História como um herói.



A guarda imperial do Negus

AS PRAIAS PORTUGUESAS E ESTRANGEIRAS

CHEGOU a época em que as praias têm todo o seu triunfo. Pelas areias de toda a Europa vivem milhares de pessoas num à vontade, que nos leva a ver renovada a vida primitiva. E quanto mais elegante é a praia, mais primitiva é a "toilette".

A nudez alcança fóros de elegância, é "chic", estar nú é a maior elegância na praia e, é verdadeiramente extraordinário ver senhoras dum recato grande, em toda a sua vida exporem-se despidas aos olhos de todos num à vontade, que nem mesmo no seu quarto de "toilette", usam.

Uma intimidade de sala de banho; e o que é o mar nesta época, senão, uma grande banheira em que todos os que o podem fazer se banham, nadam e fazem exercício? E a natação é o melhor exercício que se pode fazer, quando se deseja emagrecer. Esse exercício de todos os músculos dentro de água dá o melhor resultado no emagrecimento, e, agora que todos querem conservar a linha dos vinte anos não há ninguém que não deseje emagrecer e que se não dedique com entusiasmo à natação.

O banho de sol também contribui para esse fim, e, nós vemos as praias tornadas em verdadeiros campos de nómadas.

Nas loiras areias do Atlântico e do Mediterrâneo, nas areias cor de canela do Adriático, nas praias de calhau rolado, por toda a parte, há corpos estendidos, que se rolam dum lado para o outro expondo-se ao sol, como se faz aos frangos assados no espeto expondo-os ao lume.

E o mais extraordinário é que se a humanidade perdeu o pudor depondo-se numa quasi nudez, também perdeu o sentido do belo e do feio, vendo-se corpos horríveis em exposição, ao lado de Vénus de Milo e de estatuetas de Tanagra.

Os mais ciumentos e ferozes maridos, estão tranqüilamente estendidos na areia, ao lado de suas mulheres expostas aos olhos de todos numa "toilette", tão sumária, que é mais do que íntima.

Isto só nos vem provar que a vida requintadamente civilizada da nossa época, é tudo o que há de mais artificial, e que a humanidade tem absoluta necessidade da vida simples e dum repouso completo e absoluto junto da natureza.

Nós vemos nas praias mulheres, que todo o ano vivem cuidando com o maior esmero na sua "toilette", na sua ondulação, desgrenhadas, cabeleira ao vento correndo, apenas com um "maillot", sem atender à sua costumada correcção nem mesmo ao ridículo dessa "toilette", e dessa atitude.

Tudo isto nos prova que a humanidade precisa de descanso, de sossego e duma vida bem natural, sem artifícios, sem "toilettes", e que só se compreendem as

férias assim, num à vontade completo, numa vida que repouse em absoluto todo o organismo.

Em Portugal há praias como em nenhum outro país — nós temos a mais extensa costa de areal, dessa areia loira e linda, que faz lembrar o tom de certas cabeças "platinées".

Desde Moledo a Monte Gordo, nós temos a mais maravilhosa sequência de praias que a imaginação possa sonhar, praias animadas alegres como Póvoa de Varzim.

Para conhecer a beleza da nossa Costa nada melhor do que um passeio de automóvel e ainda há pouco tive essa demonstração num rápido passeio de próximo de Viana do Castelo á Póvoa. A estrada linda sempre próxima do mar com a sua sequência de encantadoras praias. Espozende, Fão Criad, Apulia e enfim a Póvoa com o seu esplêndido Casino em frente dessa praia deliciosa onde os barcos poveiros descansam da sua faina tão árdua deu-me bem a impressão da beleza da nossa costa do Norte.

Espinho com a sua vida de cafés, a Figueira da Foz, com a sua animação ibérica de espanhóis e portugueses, os Estoris praias cosmopolitas, a Praia da Rocha soberba de grandiosidade e beleza, até essas praias desconhecidas verdadeiros recantos de beleza e encanto, que formam como um colar de preciosas pérolas ao nosso país.

A França tem também lindas praias extensas e belas como Cap-Breton, Hassegors, Arcachon, mas o clima um pouco áspero torna-nas pouco apetecíveis para os amadores de banhos de sol.

Para esses e para aqueles que não suportam o ar forte do Atlântico, têm eles as costas do Mediterrâneo, mas as praias mediterrânicas têm um grande defeito: são poucas as que possuem um belo areal e são em geral de calhau rolado.

Além de Juan-les-Pins e de algumas praias entre Toulon e Saint Raphaël, poucas são as que não têm até ao mar esse incómodo calhau. Mas ali a mão do homem substitue o que a natureza não deu.

A sequência de praias artificiais é admirável, como Saint Germain e tantas outras, mas a pérola das praias artificiais é sem dúvida a praia de Monte-Carlo, conhecida em toda a parte da Europa por Mont-Carlo Beach.

Freqüentadíssima por ingleses, alemães e austríacos, e por todos os povos da Europa Central é uma verdadeira reunião cosmopolita.



A praia artificial de Monte Carlo

A sua piscina grandiosa para os nadadores com o seu "bar-restaurant", a praia exterior para os amadores de emoções e dum banho mais forte, o seu hotel privado onde se encontram todas as comodidades e sobretudo a vizinhança do Grande Casino de Monte-Carlo com as suas salas de jogo, tornam irresistível para os jogadores esta praia. De dia desintoxicam-se com o banho, com o exercício, com o ar, o sol a luz, tão belos nesse delicioso recanto do mundo.

Despidos num à vontade cheio de simplicidade procuram tonificar o organismo, esquecer a civilização, mas à tarde ao envergar a "toilette", de noite, a casaca, começam a soar-lhes aos ouvidos as sacramentais, frases dos "croupiers", das mesas da roleta, da banca francesa, do "trente-quarante", e depois do tradicional "cigarette", da sobremesa aí vão todos entregar no frenesi do jogo o resultado que poderia ter para o seu organismo um dia de sol e de ar puro. Mas a humanidade é assim e é incorrigível.

E em todas as praias em que há vida e animação, em que há gente, é assim. Os Casinos à noite prejudicam o que a saúde lucrou com um dia de verdadeira vida ao ar livre.

E talvez só nas nossas pacatíssimas e muitas, desconhecidas praias, se encontrem verdadeiros recantos de sossego e paz, para aqueles que querem gozar umas verdadeiras férias de descanso, de luz e de repouso, em que o organismo se sinta absolutamente repousado, em que não haja Casino, nem vida moderna.

Mas a essas praias toda a mocidade da nossa terra, como das outras responderá, considerando-as praias, "botas de elástico", e aborrecidas.

A humanidade prefere sempre o agradável ao útil, embora a saúde seja prejudicada.

Maria de Eça.



Carlos Santos, do Bemfica, foi o melhor saltador da época passada. Ganhou o campeonato de Lisboa e melhorou o recorde escolar.

No paupérrimo programa do atletismo português, a realização dos campeonatos nacionais marca o termo da época oficial, embora suceda — como este ano — que alguns clubs despertem posteriormente a organizar concursos que, por serem anunciados tarde e de surpresa colhem desfalcadas as fa-langes concorrentes.

É portanto aceitável considerar como findo o ciclo de 1935, pois o que esteja para vir nenhuns novos ensinamentos poderá trazer; a actividade mais uma vez morre prematuramente, reduzida quasi às competições oficiais, de brilliantismo muito relativo mas confirmando certos sintomas de evolução, a justificar um prognóstico optimista para o futuro próximo, apesar da confrangedora conclusão a que nos conduz a análise dos factos pretéritos.

Os resultados dos campeonatos nacionais de 1935 foram piores que os de 1934, que por sua vez haviam já sido inferiores aos de 1933; esta afirmação demonstra-se com números insofismáveis, mas este ano atenua-se o amargor da decadência pela aparição de bastantes valores novos susceptíveis de progredir, enquanto o núcleo de campeões, com os quais esgrimiamos há algumas épocas segue o inevitável caminho do declínio.

Emídio Ruivo, João Ferraria, Joaquim Antunes, Gil Martins, Lima Marques, Peixoto Correia, Alves Pereira, Monteiro Martins, Carlos Correia, a que poderemos juntar alguns nomes já com passado mas ainda novos e na escala ascendente, Adelino Tavares, Guilherme Vasconcelos, Martins Vieira, Palhares Costa, António

Cadete e António Rendas, constituem o capital mais sólido do nosso atletismo; de entre eles, alguns têm diante de si um futuro brilhante se lhes não faltar o fogo sagrado, e outros se os clubs a que pertencem os não continuarem estragando como atletas para todo o serviço.

Difficil e melindrosa é a função dos organismos dirigentes, cujos actos são sempre severamente apreciados pela crítica, na mais errada visão das circumstâncias que determinam o ambiente nacional e às quais teremos que subordinar todos os resultados; mais curiosa ainda é a censura quando provem de indivíduos com responsabilidades directas na crise reinante, pois ocuparam nas últimas épocas os postos dirigentes e falharam catastróficamente, como sucederá a quantos enveredem pela mesma orientação.

Tudo quanto seja estabelecer confronto entre a actividade, os métodos e os resultados portugueses e o que sucede além fronteiras, não passa duma perigosa fantasia que pode iludir incautos ou pessoas desconhecedoras da especialidade mas não impressiona técnicos nem práticos.

José Maria Nicolau, o vencedor da XIII corrida Porto-Lisboa

A QUINZENA DESPORTIVA

Balanco da época de atletismo — A volta a Portugal em bicicleta

A notável vitória dos belgas na disputa da Volta à França

cos. Precisamos trabalhar com os elementos de que dispomos, raciocinar pelo juizo próprio, pois para isso temos, — os que têm — um cérebro dentro do crânio; apregoar a excelência dos processos estrangeiros, só porque lá se conseguem melhores marcas do que cá, é abstrair em excesso da divergência de condições materiais.

Li algures aconselhado o convite aos atletas americanos que andam percorrendo a Europa, para visitarem o nosso país. Em primeiro lugar perguntamos com que dinheiro se pagaria a sua vinda, e depois onde promover a sua exhibição; o Porto, possuindo uma boa pista no Lima, poderia ainda pensar no caso, mas Lisboa, com campos de futebol, duros como cimento, a servirem de pistas, ou um anel de carvão solto, mais fatigante do que um areal...

Ponderemos, antes de apregoar projectos, o seguinte caso, relatado pela imprensa francesa: uma das primeiras



apresentações dos americanos teve lugar em Estrasburgo e o negro Johnson, achando que o terreno dos saltos em altura não estava convenientemente preparado deu um único pulo de 1,90 e negou-se a prosseguir na prova sob o pretexto que poderia maguar-se e quere para o ano vencer em Berlim.

Suponhamos, agora, que se lhe apresentava o terreno do Campo Grande para correr! Nem sequer lhe punha em cima os pés com sapatos de bicos.

Enquanto se desenhava em definitivo o itinerário grandioso da Volta a Portugal em bicicleta, cujo início está marcado para o próximo dia 25, os ciclistas mais afamados e os mais ambiciosos aspirantes à glória, lançavam-se do Porto em ardorosa competição para galgar duma estrada a distância que separa a cidade invicta da capital; tresentos e quarenta quilómetros, em números redondos, a abrir o apetite para os dois mil do grande circulo.

A corrida Porto-Lisboa, disputada com entusiasmo e num espirito de autentica rivalidade desportiva, presta-se a interessantes deduções, além da garantia que nos fornece do considerável progresso dos nossos estradistas: os dez primeiros chegados bateram o tempo recorde de João Francisco em 1933, e Nicolau cortou a meta com um avanço de vinte e cinco minutos sobre esse mesmo tempo.

A média alcançada, superior aos trinta quilómetros horários, é francamente boa e promete-nos, para a Volta, desporto do melhor. As etapas contra relógio encarregar-se-ão de separar os homens, o engodo pela conquista do Prémio da Montanha impedirá as escaladas rastejantes, e assim é lógico esperar que a batalha se trave desde a primeira jornada.

Quem vencerá? É sempre arriscado fazer prognósticos que, quanto melhor fundamentados, mais errados resultam, mas fica-nos, deste Porto-Lisboa, a noção de que assistiremos a um novo duelo Trindade-Nicolau, em que as nossas preferências vão, apesar de tudo, para o primeiro.

É claro que, nas contingências da prova, pode um terceiro vir a pôr ambos de acôrdo; Ezequiel, Mealha, Aguiar da Cunha, Cesar Luís, Ildefonso Rodrigues, o resurgido João Francisco, possuem estôfo para ganhar a Volta, e deixamos ainda uma probabilidade menos provável para Marquez, Santos Duarte, Filipe de Melo ou Martins de Aguiar. Os novos partem com vontade, mas os "azes" não parecem dispostos a ceder posições; e a sexta Volta, traçada em novos moldes, vai ser — parece-nos — pela quinta vez o embate de dois bravos campeões, que são os ídolos da opinião pública.

Trindade ou Nicolau? Nicolau ou Trindade? Que vença o melhor, sem que as traições da estrada intervenham na solução.

A Volta à França terminou com esmagador triunfo para os belgas: vencedores por equipas, primeiro, terceiro, quarto e quinto lugares na classificação individual, primeiro e segundo no Prémio da Montanha; o francês melhor classificado, Speicher, ocupa o sexto posto.

A vitória belga, cujo pequeno campeão Romain Maës realizou uma proeza notável, é a confirmação do êxito que coroa sempre a disciplina, a vontade firme, a solidariedade e a confiança.

Os franceses, ganhando a prova nos cinco últimos anos com relativa facilidade, partilham de Paris confiando exageradamente, contavam como certo o resultado e desagregaram o sólido bloco de



Rodrigo Garrido e Assunção Silva, finalistas do campeonato nacional de velocidade em bicicleta, que foi ganho pelo segundo

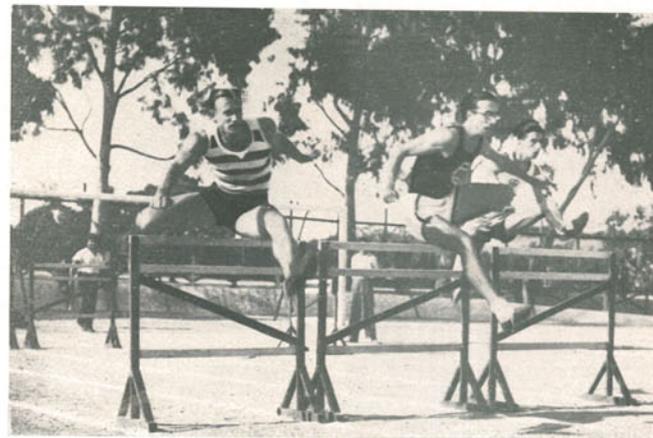
interesses que fôra, afinal, a mola impulsora das vitórias passadas.

Enquanto Antonin Magne, o seu incontestado chefe de fila, se manteve em posição favorável, as coisas correram de feição, mas o desastre que o impeliu ao abandono abriu brecha irreparável no bloco da equipa; cada um passou a trabalhar por sua conta, e a derrota transformou-se em desastre.

Antes da partida todos os prognósticos eram favoráveis aos franceses, cuja "equipa" reunia as figuras mais representativas do ciclismo gaulês; mas a verdade não correspondeu às hipóteses e, agora, a toada da crítica variou, cada um procurando justificar a seu modo o porquê do fracasso.

A mesma história de sempre!

Salazar Carreira.



Passagem duma barreira no Campeonato Nacional em que Palhares Costa, o ex. bateu Vasconcelos Correia, a dir.

AQUILO QUE A GENTE SENTE...

As leis fizeram-se para se cumprir, mas é preciso sabê-las interpretar, porque muitos dos seus artigos só se lêem nas entrelinhas ou na consciência dos juizes.

Sofrer o castigo dum mal que se não fez, deve ser horrível.

Não há compensação bastante para tão grande injustiça, nem consolação que suavize o tormento de tal lembrança, quando a verdade chega.

Apertamos a mão a muito canalha e olhamos com desdem muita gente honrada, porque nos deixamos levar só por aparências.

Tive um lindo sonho um lindo dia. Enterrei-o vinte e quatro horas depois de nascido. O tempo para arrefecer o seu cadáver. Era tão pequenino... ocupava no mundo tão pouco espaço e nem assim mo deixaram!

Foi num dia 13. Dia aziago para mim. Dois mortos nessa data: um, filho das minhas entranhas, outro, filho da minha louca fantasia.

Saber envelhecer com elegância é um grande heroísmo. Mas a velhice é o suplício da alma dos que a sentem na sua faina destruidora.

A felicidade traz sempre consigo a dor que é o receio de perdê-la.

É tão franzina, por mais forte que pareça, que o mais pequeno descuido pode matá-la.

Penso ás vezes em fugir para longe dos homens, embrenhar-me no mato onde não visse ninguém.

Mas de que valia, se eu ia comigo? Libertarmo-nos de nós próprios, que ventura!

Quantos mundos dentro de nós, mundos de sonhos, de ilusões, que a nossa fantasia engendra.

Ás vezes o vento da desgraça passa e reduz tudo a um montão de ruínas. E daí a pouco, novos mundos surgem por encanto.

Sublime poder da nossa alma, insaciável de prazer e dor.

É muito fácil seguir na vida por caminho direito. — É só não fazer nunca aos outros o que não quereríamos que nos fizessem.

A caridade só tem valor, quando se faz por prazer da nossa alma, e não para lisonjear a nossa vaidade.

Há quem dê muito para que conste e só quando consta, e êsses são incapazes de socorrer em sêgrêdo.

A esmola que custa a dar, porque faz falta a quem a dá, vale mais do que a nota de banco saída duma carteira bem recheada.

Aquele que diz: "Mande sempre", sempre foge, se pensa que lhe vão pedir, quanto mais mandar...

As palavras não valem pelo que significam, mas pela intenção com que são ditas.

Não há ninguém que não tenha um ponto fraco. Por isso devemos olhar as fraquezas do próximo com benevolência.

A amizade é o amor esterilizado, livre de tôdas as impurezas, mas sempre amor.

O que para aí chamam amizade é apenas um produto falsificado por consciências acomodáticas.

É na solidão que aprendemos a conhecer-nos. O tumulto distrai-nos e separa-nos de nós próprios.

A vida é uma manta de retalhos em que os maus bocados predominam — alguns tecidos por nossas mãos, pela louca mania de querermos ver virtude e sinceridade onde só há vício e traição.

As castas podem confundir-se, mas as gerarquias impõem-se e são precisas,

porque sem elas a ordem e a disciplina seriam impossíveis.

Temos freqüentemente perto de nós a felicidade. A gente não a perde de vista, mas ela, com a ideia noutras paragens, não nos vê e segue adiante.

E nós continuamos a esperar que ela passe outra vez menos distraída, e assim podemos estar a vida inteira.

O homem que foge à sua missão procriadora é um criminoso, um matricida contra sua mãe, a Natureza.

Diógenes procurava um homem com uma lanterna. Eu procuro à luz do dia, uma alma sã, e em tôdas as melhores que encontro descortino sempre um pontinho negro.

O melhor dote que se pode dar a um filho, é arma-lo para a vida de forma a que possa contar só consigo.

A sinceridade é uma moeda muito desvalorizada nos tempos que correm. A hipocrisia rende muito mais.

Ninguém diga "desta água não beberei".

Não há ninguém suficientemente honesto para não desmentir a sua palavra, nem bastante leal para cumprir uma promessa, mesmo feita a si próprio.

Que orgulho pode provocar-nos a glorificação que nos seja dada por espíritos muito inferiores ao nosso espírito?

Nenhum. Mas aceitamos por cortesia ou por vaidade. Recusa-la seria o supremo orgulho.

A morte é uma passagem de nível na linha da vida.

Ninguém está contente com a sua sorte. Mas quem muito ambiciona arrisca-se a perder tudo.

Vale mais uma certeza do que mil esperanças.

Mercedes Blasco.

Festas de caridade

NO CASINO ESTORIL.

Da comissão de senhoras da nossa primeira sociedade, que levou a efeito na tarde de domingo 28 de Julho último, no salão do cinema do Casino Estoril, uma interessante festa de caridade, a favor dos pobres impossibilitados dos Estoris, recebemos, com o pedido de publicação a nota da receita e despesa da mesma festa:

Receita: 6.765\$00; Despesa: 1.033\$00; Saldo líquido: 5.632\$00.

Casamentos

Em Colares, realizou-se na linda capelinha de Nossa Senhora da Piedade, o casamento da sr.^a D. Luiza Maria de Guimarães Biel, gentil filha da sr.^a D. Lídia de Guimarães Biel e do distinto engenheiro sr. Júlio Emilio Biel, já falecido, com o sr. Dr. António Maria do Amaral Pyrrait, ilustre assistente do Instituto Nacional de Trabalho e Previdência, filho da sr.^a D. Maria Tereza Sousa Tavares Pyrrait e do sr. Alexandre Amaral Pyrrait, já falecidos.

Foram madrinhas as sr.^{as} D. Madalena de Guimarães Biel e D. Edith Hofle Moreira, respectivamente cunhada e prima da noiva, e padrinhos os srs. Drs. Pedro Teotónio Pereira, sub secretário do Estado das Cooperações, e Mário do Amaral Pyrrait, tio do noivo.

Presidiu ao acto o reverendo Dr Serafim Leite, que no fim da missa fez uma brilhante alocução. Sua Santidade dignou-se enviar aos noivos a sua bênção.

Terminada a cerimónia foi servido na elegante residência do tio e padrinho do noivo sr. Dr. Mário do Amaral Pyrrait, um finíssimo lanche, seguindo os noivos depois para o norte onde foram passar a lua de mel.

Aos noivos foi oferecido um grande número de valiosas e artísticas prendas.

— Na capela da Quinta de Aranguez, em Setúbal, residência da sr.^a D. Ana Ahrens Novais e do sr. Joaquim da Costa Novais, realizou-se o casamento de sua interessante filha D. Maria Ana, com o distinto engenheiro sr. António Franco Wittnich Carrisso, filho da sr.^a D. Virginia Franco Wittnich Carrisso e do sr. Joaquim Frederico Carrisso, já falecido.

Serviram de madrinhas as mães dos noivos e de padrinhos o pai da noiva e o tio do noivo sr. Dr. Luis de Wittnich Carrisso, ilustre professor da Universidade de Coimbra.

Ao acto religioso, presidiu o reverendo Vigário Geral de Setúbal, que no fim da missa fez uma brilhante alocução. Sua Santidade dignou-se enviar aos noivos a sua bênção.

Finda a cerimónia foi servido no salão de meza da elegante residência, um finíssimo lanche da pastelaria «Marques», partindo os noivos depois para a Côte d'Azur, foram passar a lua de mel.

Aos noivos foi oferecido um grande número de artísticas e valiosas prendas.

— Em Alges, realizou-se o casamento da sr.^a D. Ernestina Campos de Araujo, interessante filha da sr.^a D. Teodolinda Campos de Araujo, já falecida e do sr. José António Araujo, com o sr. Vítor Correia Duarte Pedroso, filho da sr.^a D. Isabel Correia Pedroso e do sr. António Duarte Pedroso, tendo servido de padrinhos por parte da noiva seu irmão o primeiro tenente engenheiro construtor naval sr. Fernando Guilherme Campos de Araujo, e sua esposa a sr.^a D. Fernanda Beatriz Marques de Araujo e por parte do noivo seus pais.

A cerimónia efectuou-se na residência dos pais do noivo, finda a qual foi servido no salão de meza, um finíssimo lanche, recebendo os noivos um grande número de artísticas prendas.

— Com muita intimidade, realizou-se o casamento da sr.^a D. Odete de Sousa, com o sr. Casquilho de Faria, tendo servido de padrinhos por parte da noiva, a sr.^a D. Dolores Farinhas da Cruz e o sr. João da Cruz e por parte do noivo, o sr. Raimundo Sérgio de Quintanilha de Mendonça e sr.^a D. Ester Gomes de Sousa, mãe da noiva.

Aos noivos foi oferecido um grande número de valiosas prendas.

— Na paróquia do Sagrado Coração de Jesus, realizou-se o casamento da sr.^a D. Manuela Adelaide Martins Tavares, interessante filha da sr.^a D. Antónia Adelaide Martins Tavares e

VIDA ELEGANTE

do sr. Dr. José Eduardo Tavares, já falecido, com o sr. Eduardo Rumina Morujão, filho da sr.^a D. Angelina Cândida Rumina Morujão e do sr. Augusto de Sena e Almeida Morujão.

Foram madrinhas a mãe e a tia da noiva sr.^a D. Leopoldina Pereira Fragoso Tavares e padrinhos o pai e o cunhado do noivo sr. Dr. Ernesto Pereira Barahona Fragoso Tavares.

Ao acto presidiu o reverendo Cruz, que no fim da missa fez uma brilhante alocução.

Terminada a cerimónia foi servido na residência da mãe da noiva, um finíssimo lanche da pastelaria «Marques», recebendo os noivos um grande número de artísticas prendas.

— Com muita intimidade realizou-se o casamento da sr.^a D. Alice dos Santos Luís, gentil filha da sr.^a D. Lucinda dos Santos Luís e do sr. António Augusto Luís, já falecido, com o sr. José Ferreira, já falecido, filho da sr.^a D. Imperatriz Gonçalves Ferreira e do sr. Francisco José Ferreira, já falecidos, tendo servido de madrinhas as sr.^{as} D. Brígida Luís dos Santos Abreu e D. Rosária Rodrigues e de padrinhos os srs. João dos Santos Abreu e Jorge Rodrigues.

Finda a cerimónia foi servido um finíssimo lanche, seguindo os noivos depois para Sintra, onde foram passar a lua de mel.

Aos noivos foi oferecido um grande número de valiosas prendas.

— Realizou-se na paróquia dos Anjos, o casamento da sr.^a D. Florinda Maria Allen Leote Quintino, gentil filha da sr.^a D. Florinda Allen Leote Quintino e do sr. Emilio Leote Quintino, já falecido, com a sr.^a D. Maria Martins Correia; filho da sr.^a D. Maria Palmira Correia e do sr. Francisco do Nascimento Correia, já falecido.

Fôram madrinhas a sr.^a D. Mariana Leote do Rego Coelho de Sá e a mãe do noivo, e padrinhos os srs. engenheiro Francisco Ramos Coelho de Sá e o general Luís Augusto Pereira Martins.

Terminada a cerimónia foi servido na elegante residência do sr. Jorge Evaristo, um finis-

simo lanche da pastelaria «Versailles», partindo os noivos depois para o norte, onde fôram passar a lua de mel.

Aos noivos foi oferecido um grande número de valiosas prendas.

— Com muita intimidade realizou-se o casamento da sr.^a D. Berta Oliveira Santos, interessante filha da sr.^a D. Estefania de Oliveira Santos e do sr. José Rafael Santos, com o sr. Amílcar Fidanza Marcelino, filho da sr.^a D. Adelaide Fidanza Marcelino, já falecida e do sr. António Januario Marcelino.

Serviram de madrinhas as sr.^{as} D. Berta dos Santos Cruz, tia da noiva e D. Sara Soledade Marcelino, e de padrinhos o pai da noiva e o sr. Hernani Fidanza Marcelino.

Findo o acto foi servido um finíssimo lanche da pastelaria «A Garret», seguindo os noivos para o Estoril, onde fôram passar a lua de mel.

Aos noivos foi oferecido um grande número de artísticas prendas.

— Na paróquia dos Santos Reis, ao Campo 28 de Maio, realizou-se o casamento da sr.^a D. Maria Luiza Trigo de Lemos e Seixas Castelo Branco, gentil filha da sr.^a D. Maria do Carmo de Melo Falcão Trigo de Lemos, e do sr. Inácio de Lemos Seixas Castelo Branco, com o sr. José Teles de Menezes da Câmara Aguiar, filho da sr.^a D. Maria do Monte Teles da Câmara Aguiar, e do sr. José Teixeira de Aguiar, já falecido.

Fôram madrinhas as sr.^{as} D. Maria Leonor Tristão Bettencourt da Câmara e D. Maria Luiza Amaral de Lemos, e padrinhos o sr. Henrique Tristão Bettencourt da Câmara e o pai da noiva.

Presidiu ao acto o prior da freguesia reverendo Silvestre Gonçalves que no fim da missa fez uma brilhante alocução. Sua Santidade dignou-se enviar aos noivos a sua bênção.

Terminada a cerimónia foi servido na elegante residência dos pais da noiva, um finíssimo lanche da pastelaria «Marques», recebendo os noivos um grande número de valiosas prendas.

— Realizou na igreja de S. José dos carpinteiros, o casamento da sr.^a D. Brunilde Rindfleisch, interessante filha da sr.^a D. Matilde Rindfleisch e do sr. Fritz Rindfleisch, com o sr. Ernsy Welmann filho da sr.^a D. Maria Welmann e do sr. Heinrich Welmann.

Serviram de padinhos os srs. Salgado e esposa, Teodor Vollmes e esposa, e Martiner.

Ao acto presidiu o reverendo Robert, que no fim da missa fez um brilhante alocução.

Finda a cerimónia foi servido na elegante residência dos pais da noiva um finíssimo lanche da pastelaria «Versailles», partindo os noivos depois para Itália, onde foram passar a lua de mel, seguindo de ali para a Grécia e Alemanha.

Aos noivos foi oferecido um grande número de valiosas prendas.

— Na paróquia de Santa Marta, realizou-se o casamento da sr.^a D. Maria do Pilar Carapeto, interessante filha da sr.^a D. Angelina da Conceição e do sr. Francisco Cavaco, com o sr. António Salvador Pessoa Costa, tendo servido de padrinhos a sr.^a D. Zulmira Cardoso Pessoa e pai da noiva.

Terminada a cerimónia religiosa, foi servido um finíssimo lanche da pastelaria «A Garrett», seguindo os noivos depois para o Estoril, onde foram passar a lua de mel.

Aos noivos foi oferecido um grande número de artísticas prendas.

— Realizou-se na Paróquia de S. Sebastião da Pedreira, o casamento da sr.^a D. Maria Záza da Conceição de Noronha e Penaguião da Silva Carvalho, interessante filha da sr.^a D. Maria Emilia de Noronha e Penaguião e do sr. Francisco da Silva Carvalho, com o sr. Horácio Lente Rodrigues, filho da sr.^a D. Maria Augusta Lente Rodrigues e do sr. António Rodrigues de Carvalho. Foram madrinhas as sr.^{as} D. Sabina Martins Mira e D. Marta de Noronha e Penaguião e padrinhos os srs. Pêrcio de Oliveira Pires e D. Carlos de Noronha e Penaguião.

Presidiu ao acto o reverendo prior da freguesia, que no fim da missa fez uma brilhante alocução.

Finda a cerimónia foi servido na elegante residência do tio da noiva sr. capitão Celestino Soares, um finíssimo lanche da pastelaria «Marques», partindo os noivos para o Palace do Busaco, onde foram passar a lua de mel.

Aos noivos foi oferecido um grande número de valiosas prendas.

D. Nuno.



A sr.^a D. Maria Rosa Caracol e o sr. Francisco Pereira de Sousa, por ocasião do seu casamento



A paz de espírito é muito difícil de alcançar neste mundo tão bem chamado vale de lágrimas.

Se é difícil para todos, para a mulher é em geral muito honroso excepções, muito mais difícil do que para o homem.

Este encontra-o no cumprimento do seu dever, nas suas ocupações profissionais, que lhe criou outra vida, que forçosamente absorve muito a sua vida sentimental.

A ambição que é também um dos maiores inimigos do homem muitas vezes lhe destrói essa incomparável e quasi inacessível paz de espírito.

A mulher que faz a sua vida pelo sentimento é raro que atinja essa perfeição. Põe tódá a sua felicidade, tódá a sua ventura naquelas que ama e em geral só encontra desilusões e inquietações.

Primeiro, todos os seus sonhos são o amor. A sua illusão sobre a felicidade da vida começa por esse sonho a doer, que em geral é a maior das desilusões.

Nada é mais incerto e mais difícil do que encontrar a própria felicidade noutra pessoa.

Há quem a tenha encontrado mas as excepções fazem a regra, e nada é para admirar que assim seja. Duas pessoas, que nasceram foram criadas e educadas de maneiras absolutamente diferentes, caracteres ditintos um do outro que fazem de duas vidas uma, é natural que se choquem.

E é necessário que o casamento seja uma lei de Deus, para que ainda haja tanta, felizmente que durem uma vida inteira.

É natural que haja muitos choques de vontades, de góustos de tudo se já as há nesse período de amor que entre nós se chama o namoro, e que é um sonho em realização, em que as materialidades da vida ainda pesam, muito pouco ou mesmo nada. Mas nada é para admirar que assim seja, se vemos e sentimos essa incompatibilidade de caracteres entre pais e filhos, entre irmãos, criados e vivendo juntos, essa incompreensão absoluta, como se pode exigir do amor, que traz ciúmes, que traz esse desejo da absorção mútua, a perfeição e a paz de espírito.

A paz de espírito só se encontra no cumprimento do dever, na compreensão de que esta vida é uma passagem transitória, na fé em Deus e na esperança na outra vida.

Nós vemos irradiar a paz e a felicidade no rosto das irmãs de caridade, que tratam as mais repugnantes doenças com um sorriso de felicidade nos lábios, nós vemos-la irradiar no rosto de certas mulheres, que a nosso ver só têm encontrado infelicidades na vida, e que não sabemos como a podem suportar, e nós vemos-la brilhar no rosto de algumas raparigas que nada têm de especial na vida, para ter essa alegria.

Essa paz é uma consciência tranqüila, e a graça de Deus, como diz o nosso bom povo Minho.

Não é procurando nos divertimentos a distração e a felicidade, não é querendo que os outros no-la deem, que a conseguimos.

E não lhe poderemos levar a mal que o não façam. Se por sua vez a estão procurando para si próprias, como podem preocupar-se com a nossa?

A felicidade única neste mundo, a que traz a paz de espírito, reside na comparação ao que a vida nos dá ao que Deus nos manda.

Que importa que os outros não nos compreendam se a nossa consciência está em paz e se nós sentimos a graça de Deus, atraídos todos os choques de caracter, tódas as engrenagens da vida, que foi sempre difícil e ha-de sê-lo sempre.

Não é a vida moderna que é difícil, é a vida que em tódas as épocas foi a vida moderna, porque era a daquêl tempo e o passado parecemos sempre melhor ainda que muitas vezes tenha sido pior.

A paz de espírito está em nós mesmo, na nossa vida interior não a podemos esperar de ninguém está na aceitação da vida como ela é, na adaptação ao destino que Deus nos talhou e a não esperarmos nada do próximo e tudo de Deus.

Está na coragem de encarar a vida tal como ela é e saber adaptarmo-nos a ela.

Maria de Eça.

A Moda

PONDO dizer-se que neste momento a moda está reduzida ao «maillot», ao «pijama», ao vestido de praia, este ano tanto em voga, e aos vestidos de noite.

As elegantes que frequentam as praias da

PÁGINAS FEMININAS

moda, não se vestem. Dá a impressão que a mulher cansada da sua luta constante pela elegância, durante o tempo que está á beira-mar combate com tódá a sua energia contra a escravidão da sua vida inteira.

E muitas manhãs e tardes passa-as em «maillot», em «pijama», apenas vestida com um ligeiro vestido de praia, á sua vontade, revertendo quasi á vida selvagem da mulher das cavernas.

Estendida na areia, curtindo ao sol a pele, quasi que se desfaça com prazer, vingando-se assim de ser bonita todo o ano e dos seus mil cuidados para se alindar.

Seguindo o movimento geral damos hoje apenas modelos de vestidos de praia «pijama» e vestidos de noite. O vestido de praia criado por Anny Blatt é chamado «Coquillage» e é graciosissimo, «tricoté» em «tchac» branco.

O «tchac» é uma coisa nova, um fio brilhante, umas vezes fino, outras grosso, que permite obter o efeito de relevos como se vê neste elegantissimo modelo. Agora que tódas as mulheres se dedicam á estes trabalhos o «tricot» está muito adaptado para este género de vestidos.

O chapéu muito gracioso é também em «tricot».

O «pijama» é muito pratico porque pode servir para de manhã e também para a praia. Como «saut de lit» é muito pratico e na praia é muito elegante, no seu tecido alegre e vistoso, em brilhantes cores formando xadrez. Na praia é sempre necessário usar cores brilhantes, que se casem com o azul do céu, com a cor do mar, com o loiro da areia e com o brilho alegre do sol. As cores tristes, fazem um efeito deplorável, nesta festa da cor, que é sempre uma praia.

Para a noite, para o casino, ou para essas noites intimas, tão simpáticas nos chalés e vilas, onde a «toilette» é de rigor, a exemplo dos ingleses, ditadores de leis de elegância, damos dois lindissimos modelos, tudo o que há do mais «chic». Basta dizer que são criação de Jeanne Lanvin.

A da senhora que está ao piano é de forma absolutamente medieval, e em setim forte «broché», cor de rosa, a gola em «lamé» de ouro pespontado fica direita em volta do decote e dá ao vestido um «chic» extraordinário e incomparável.

O outro vestido é em tule preto, sobre setim preto. As «bouillonnés» do corpo que dão a nota de novidade e elegância á este vestido, são acabadas na borda por um debrum em «lamé» de prata.

É para notar em qualquer destes vestidos uma grande novidade de corte. Em ambas, a saia, sai da cintura sem marcar as ancas e é extremamente ampla.

As pulseiras continuam muito em voga, para noite, e há verdadeiras preciosidades no género.

Para viagem um lindo modelo de «canotier» com a moderna forma da aba mais larga na frente. Esta forma já se usou muito há muitos anos e nos figurinos de há 50 anos vêem-se muito; nada há de novo sobre a terra!

Este chapéu em palha preta é guarnecido por fita. A borda debruada é guarnecida por fita «gros-grain» e o enfeite são duas «cocardes» em fita, uma «beije» e a outra vermelha.

É um chapéu que diz muito bem com qualquer «toilette» de viagem. Fica com os «tailleurs» em «tweed» e também com aqueles em cor mista, em geral sombria.

A simplicidade aliada á graça deve ser sempre o tom das «toilettes» de viagem.

Higiene e beleza

NESTA época de calor uma das primeiras coisas para a mulher conservar a sua beleza consiste em comer pouco e coisas de fácil digestão.

Nunca sobrecarregar o estômago e obrigá-lo a um trabalho penoso, que congestiona a pele e acaba por ter uma má influencia na sua aparência.

Porque contra, minhas senhoras, que não pode haver beleza sem uma saude perfeita.

Neste tempo é muito para aproveitar o queijo na alimentação. Está tomando um lugar muito

importante na vida da mulher que cuida da sua beleza.

Quem precisa de superalimentação como queijo como o da Serra da Estrela, o da Cardiga, o das ilhas, o flamengo e o Roquefort. É esplêndido também o queijo fresco de ovelha.

Quem quiser emagrecer deve preferir o leite talhado, o conhecido queijeiro. É esplêndido para a saude e emagrece muito.

Como vêm é necessário para ser bela não só fazer tratamentos exteriores, mas também o que se chama tratamento de dentro para fóra e o principal é não ser gluttona.

Receitas de cosinha

Sólha cozida em vinho: Deita-se numa caçarola litro e meio de vinho tinto e meio litro de água, vinte e cinco gramas de sal, uma cenoura, uma cebola grande e um ramo de cheiros.

Deixa-se ferver lentamente durante 35 minutos. Tem-se uma sólha lóu, que pèse um quilo e duzentas e cinquenta gramas pouco mais ou menos, arrancam-se-lhe os ovidos, as barbatanas, apara-se-lhe a cauda, limpa-se bem e tira-se-lhe o limo viscoso que a rodeia. Não se escama e não se lava, mas enxuga-se ligeiramente.

Deita-se numa peixeira, rega-se com algumas colheres de vinagre quente e por cima deita-se-lhe o vinho e a água que já devem estar mornos.

Logo que começa a ferver marcam-se 30 minutos para a sua cozadura sustentando o líquido em pequena ferveria.

Escoe-se a sólha tiram-se as escamas e a pele de maneira que fique a carne á descoberto. Rodia-se de salsa e serve-se á parte numa molheira, manteiga derretida e salsa picada. Se for para servir frio deixa-se arrefecer dentro do vinho

e da água em que coeuse e serve-se com molho de azeite e vinagre.

O lar

É em casa, no seu reinado, que a mulher melhor pode fazer valer as suas qualidades. Quando se entra numa casa nota-se logo se a dona da casa é uma mulher inteligente e cuidadosa. Pela disposição dos móveis pela graça dos «shelvelots» por mil pequenos nadas nós vemos o valor da mulher.

E não é preciso luxo para se evidenciar o gosto da mulher. Com «cretonnes» e coisas simples pode ter-se uma casa encantadora. O que é preciso é manter nessa casa o mais apurado arranjo.

Nada mais desconfortoso do que ver uma almofada róta, um sofá escangalhado, esse ar de abandono que a mulher que é sempre habilidosa mesmo que pense que não, pode remediar, fazendo com a força de vontade, quando não seja nada essa habilidade, as coisas por suas próprias mãos.

Querer é poder, e tendo a paciência de descobrir o que está velho e de cortar por esses moldes, chega-se a poder fazer de estofador com o melhor exito. E deixa de haver em casa sofás e poltronas velhas.

Conselhos úteis

Como se tira a gordura das páginas d's livros: Coloca-se um papel mata-borrão, que nunca tenha servido, sobre a nódoa de gordura e aplica-se um ferro de engomar



quente sobre o mata-borrão, que se vai sempre mudando até desaparecer por completo a nódoa de gordura.

Passar sobre os dois lados da página um pincel molhado em essência de terbenquina, que se amorna em banho-Maria e longe do lume, por que ha o grande perigo de se inflamar.

As capas de livros em pergaminho ou em marroquim, renovam-se lavando as com uma esponja impregnada de espuma de sabão de seda. Secam-se em seguida com um pano fino.

Nada ha mais feio do que ver um livro sujo, na capa, ou com nódoas no interior, a mulher verdadeiramente cuidadosa, tem de dar atenção a todas estas coisas para que a sua casa tenha esse aspecto de elegância correcta, que é indispensável.

De mulher para mulher

Diana: Neste recanto sereno de aldeia onde me encontro, mais me surpreende a complicação em que por envolver a sua vida. Tenha serenidade, a vida, não é um romance, ocupe-se do seu marido e dos seus bebês e deixe-se de fantasias. Tudo passa e o positivo na vida são as responsabilidades que tem para com os seus filhos e marido.

Jovanhita: Para as águas nada mais gracioso do que os vestidos em linho e cambrás, que as há lindas este ano e favorecem sempre as raparigas de vinte anos, que quanto mais simples se vestem mais bonitas estão.

Mimi: E porque não ha-de aproveitar as suas férias para fazer desporto? Está mesmo indicado para uma menina que passa o ano a estudar. Se tiver facilidades para isso jogue o «tennis». É ótimo para desenvolver e dar esse aspecto de flexibilidade tão apreciado na mulher moderna.

Idealista: Engana-se, acho até muito bem que se tenha um pouco de ideal na vida, mas o que é sobretudo necessário é que esse ideal tenha um fim útil e não seja só para jejudicar a vida com fantasias perigosas.

Pensamentos

A calúnia é como a véspa que nos importuna e contra a qual se não deve fazer movimento algum, a não ser quando se tenha a certeza de matá-la porque, senão, voltará a atacar-nos, mais furiosa do que nunca.

Não temos melhor amigo nem parente, do que nós próprios.



DICIONÁRIOS ADOPTADOS

Cândido de Figueiredo, 4.^a ed.; Roquete (Sinónimos e língua); Francisco de Almeida e Henrique Brunswick (Pastor); Henrique Brunswick; Augusto Moreno; Simões da Fonseca (pequeno); do Povo; Brunswick (antiga linguagem); Jaime de Séguier (Dicionário prático ilustrado); Francisco Torrinha; Mitologia, de J. S. Bandeira; Vocabulário Monossilábico, de Miguel Caminha.

APURAMENTOS

N.º 31

PRODUTORES

QUADRO DE DISTINÇÃO

ZÉ DAS HÓSTIAS

N.º 16

QUADRO DE CONSOLAÇÃO

EFONSA

N.º 18

OUTRAS DISTINÇÕES

N.º 9, Micles de Tricles.

DECIFRADORES

QUADRO DE HONRA

Decifrades da totalidade — 19 pontos:

Alfa-Romeo, Frá-Diávolu, Cantente & C.^a, Gigantezinho, José da Cunha, Fan-Fan, Kábula, Efonsa, Magnate, Ti-Beado.

QUADRO DE MÉRITO

Salustiano, 16. — Rei-Luso, 16. — Só-Na-Fer, 16. — Só Lemos, 16. — Sonhador, 14. — João Tavares Pereira, 12. — Silva Lima, 18.

OUTROS DECIFRADORES

Lamas & Silva, 10. Salustiano, 10. D. Dina, 10. Lisbon Syl, 10. — Al-deão, 9.

DECIFRAÇÕES

1 — Menti-tido-mentido. 2 — Arca-cano-arcano. 3 — Meandroso. 4 — Gaitado. 5 — Nada. 6 — Maldito. 7 — Marachão-machão. 8 — Lógica-loca. 9 — Mofino-mono. 10 — Taboca-taca. 11 — Bonete-bote. 12 — Diogo-digo. 13 — Verdade-verde. 14 — Franciscanada. 15 — Brioso. 16 — Ella. 17 — Reame. 18 — Têrsa. 19 — Pela bôca morre o peixe.

TRABALHOS EM PROSA MEFISTOFÉLICAS

1) «Cordeiro» é apelido ou alcunha? (2-2) 3.

Lisboa Filho d'Algo

2) Safa! V. é de opinião que tem asas... (2-2) 3.

Elvas Gigantezinho

3) Se é um defeito ser afável, então estou «perdido»... (2-2) 3.

Coimbra José Tavares

4) O homem fraco, fechado numa casa grande, só pensa em mexerico. (2-2) 3.

Luanda Ti-Beado

NOVISSIMAS

5) O disparatar nesta terra é próprio de mulher magra. 1-1.

Luanda Ti-Beado

(Ao sagacissimo Pinoca)

6) O «Garrido» zombava de mim quando me via com «litas». 2 2.

Lisboa Vidalegre

SINCOPADAS

7) Quem me tiver observado verifica sempre que eu, modéstia à parte, defendo sempre a fraqueza. 3-2.

Lisboa Micles de Tricles

SECÇÃO CHARADÍSTICA

Desporto mental

NÚMERO 40

8) Conheço um miserável que possui grande «fortuna». 3-2.

Lisboa Miúdo & Graúdo

9) A ofensa foi motivada pela mulher encantadora. 3-2.

Lisboa Rei Jhã

(Ao Ignotus Sum)

10) O feiteiro é casado. 3-2.

Lisboa Reinadio

11) Êste frondoso vale tem uma vista encantadora. 3-2.

Lisboa Sô Darco Jr.

12) A Lua é uma grande deusa. 3-2.

Luanda Ti-Beado

13) Caçoada vulgar. 3-2.

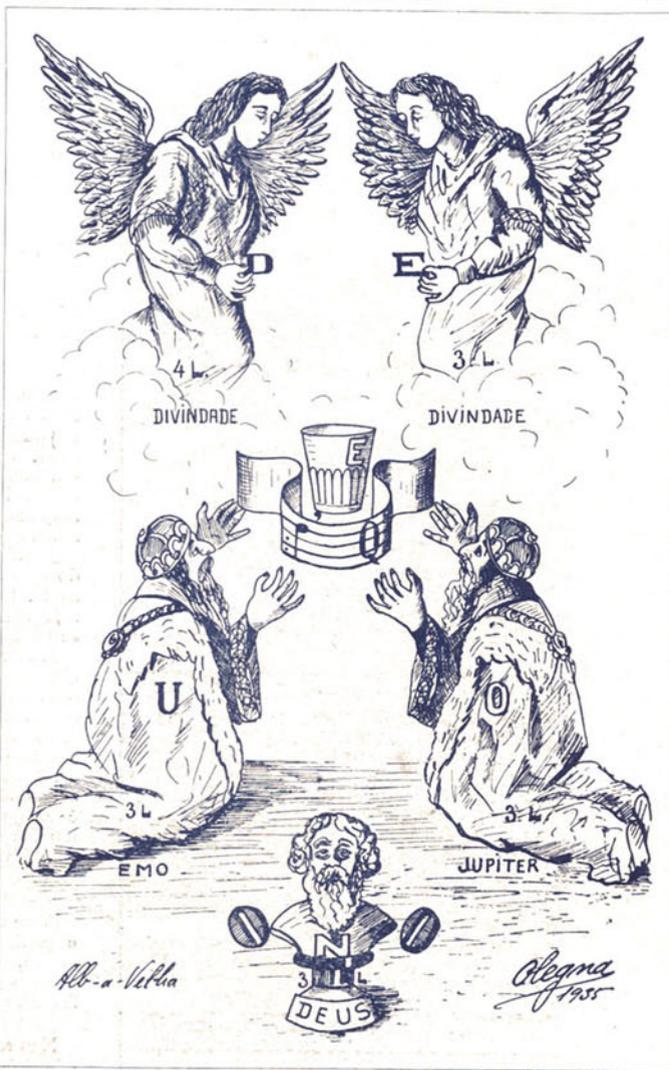
Lisboa Valério

14) É com a pena que o sr. procura o animal? 3-2.

Lisboa Vítor Pinto Pinheiro

TRABALHOS DESENHADOS

20) ENIGMA FIGURADO



TRABALHOS EM VERSO ENIGMAS

15) Eis um ar da minha graça,
Mas um ar com sentimento:
— Ofereceu-me a desgraça
Alívio ao meu sofrimento...

Recusei: — Já não precisa
A minha pena de alento...
E' que a paixão agoniza
No leito do esquecimento...

Silva Pôrto-Bié Efonsa

Com duas letras
Das invogais
Uma porca
De-pressa achais.

Luanda Ti-Beado

LOGOGRIFO

Agradecimento e resposta ao confrade Silva Lima, de Lourenço Marques. («O Charadista» n.º 62).

17) Mandou me um amigo velho 4-3-7-3.
Que, talvez por snobismo,
Metete o «nari», o bedelho, 5-11-5-1.
Em assuntos de edipismo,

Como presente estimado 11-10-6-9.
«O Charadista», onde vi
Que me vinha dedicado 10-1-10-11.
Um seu trabalho. «Merci».

Teve ensejo o meu confrade 1-7-4-9
De confirmar o seu dito:
Que um trabalho, com vontade, 5-3-7-1.
Qualquer o faz... E eu repito

Que a Fortuna, «deusa» esquiva, 8-3-2-3.
E' propícia ou é nefasta:
Para alguns mãe afectiva, 7-9-6-1.
E é para outros madrastra.

Basta aptidão e uma aberta 10 3-10-11.

P'ra fazer charadas — diz —
Só isto?! E tem «manja» certa 3-7-10-3.

Quem não tenha uma de X?
Precisa ter um «lugar», 3-6-10-11.
Proventos e ser sadio;
Ter alguns bens ao luar 2-11-7-9.
Ou certa a herança dum tio.

Sem emprêgo, «massaroca»
E' charadista «encravado»:
Preocupado, anda à matroca,
Triste, nervoso, irritado...

Lisboa Braz Cadunha

NOVISSIMAS

18) Eu hei de pedir-te um beijo,
Que um beijo não custa a dar:
E' canção de quatro lábios
Que se gosta de cantar...

Mário Monteiro

Quando um dia te encontrar
— Vivo prazer que eu almejo — 2.
Se estiveres de bom humor
«Eu hei-de pedir-te um beijo.»

Tenho fé, inamovível,
Que tudo se há de arranjar...
Acredita, meu amor,
«Que um beijo não custa a dar.»

Um beijo? — queres tu saber
O que não sabem os sábios?!
— Pois um beijo, simplesmente, — 1
«E' canção de quatro lábios.»

Espero ser satisfeito
No meu querer singular:
Quero aprender a canção
«Que se gosta de cantar...»

Silva Pôrto-Bié Efonsa

19) Pondera bem a questão, — 3.
P'ra não seres falseado.
De pena isenta a razão — 1.
Com tudo bem planeado.

Lisboa Frei Satanaz

Tôda a correspondência relativa a esta secção deve ser dirigida a LUIZ FERREIRA BAPTISTA, redacção da Ilustração, rua Anchieta, 31, 1.º — Lisboa.

NOTÍCIAS DE CINEMA

Pabst na América—A literatura no "écran"

de «Produção n.º 5» será apresentado ao público sob o título de «Charlot nos tempos modernos».

A reorganização que a «United Artists» sofreu ultimamente, interrompeu os trabalhos de filmagem. Por esse facto o filme não estará pronto antes do fim de Outubro pois além da filmagem de algumas cenas, será preciso ainda realizar as delicadas operações da montagem e sincronização.

Daqui se conclue que os admiradores do genial cómico terão ainda de se encher de paciência por alguns meses.

Wallace Beery e forte entre os fortes...

Marcel Thill, o campeão mundial de «boxing» que o público português muito bem conhece, pensa dedicar-se ao cinema. Os seus projectos têm já mesmo um carácter real por isso que tomará parte na interpretação de «Un soir de bombe», filme que vai ser feito sobre um argumento de Daniel Norman. Contracenando com o popular pugilista vere-

mos, entre outros, Betty Stockfield, Larquey, André Roanne e Fernand-René.

É ainda na literatura que os realizadores cinematográficos continuam a buscar com mais frequência a inspiração. Anuncia-se para breve a adaptação ao cinema de «Dodsworth», uma das melhores obras de Sinclair Lewis.

O realizador francês Marco de Gastyne vai fazer uma adaptação cinematográfica da célebre opereta «A crioula» de Offenbach. A protagonista será Josephine Baker, a popular mulata dos *music-halls* parisienses.

O filme «Mascarada», que está em curso de realização e cujo título deve ser modificado, permitir-nos-á ouvir a voz dum dos mais famosos cantores do mundo—o grande Caruso. Numa reconstituição da Opera de Viena assistir-se-á ao espectáculo com o «Rigoletto» e os discos que Caruso gravou serão utilizados para reviver no *écran* a sua voz inimitável.

O prodigioso desenvolvimento da Califórnia será objecto de um filme que vai fazer-se e que terá o título de «Costa Selvagem». Entre os actores escolhidos para o interpretar figuram três nomes ilustres: Miriam Hopkins, Edward G. Robinson e Joel Mac Crea. O argumento é de dois jovens autores que estão obtendo grande êxito em Hollywood: Ben Hecht e Mac Arthur.



PABST, o ilustre realizador austríaco, está na América. Como é de supôr, atraíram-no ali as falaciosas promessas dos produtores norte-americanos que não se cansam de rebuscar talentos no Velho Mundo.

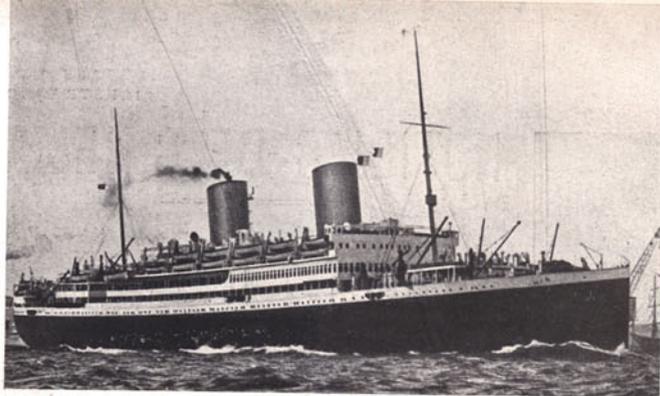
Esta rendição do grande artista ao poderio de Hollywood não foi, contudo, proveitosa para ele, nem para os produtores, nem para o cinema. As condições especiais em que todo o trabalho artístico se realiza na América, prejudicaram em muito a actividade do grande animador da «Tragédia da mina». Assim, o seu primeiro filme feito em Hollywood, «Herói moderno», obteve medíocre êxito. Tentou depois a realização de outro com o título «Foi declarada a guerra». Mas teve de abandonar a idea a pedido do Governô dos Estados Unidos que receava que ele viesse a provocar complicações internacionais. Depois disto, Pabst esteve mais de um ano inactivo.

Empreendeu há pouco uma viagem. Diziam-se que viera para a Europa. Mas sabe-se agora que não. Dirigiu-se a Nova York e parece que por lá ficará por algum tempo a trabalhar na adaptação do «Fausto» ao cinema. Trata-se da reprodução integral da célebre ópera de Gounod, cujo libreto será escrupulosamente seguido. Quasi todos os personagens serão cantores de ópera, mas é possível que o papel de «Mejstófeles» seja reservado a um actor de Hollywood. O filme é financiado por um grupo de amadores de música.

O filme em que Charlot trabalha actualmente, de que tanto se tem falado e tão pouco se tem dito por nada se saber, parece ter já título definitivo. Conhecido até agora pela designação

...e terno entre as crianças





O desenvolvimento sempre crescente do movimento no porto de Lisboa, a influir progressivamente na vida económica, não já somente da capital, mas do País inteiro, tornou imprescindível a recente reorganização dos seus serviços, de forma a corresponderem eficientemente ao seu objectivo.

A exploração da grande maioria dos mais importantes portos da Europa encontra-se actualmente nas mãos do Estado ou dos municípios das áreas em que estão localizados, o que demonstra com evidência a eficiência deste principio.

Consignado o critério da independência dos serviços do nosso primeiro porto, o Governo conservou-lhe nessa reorganização a Administração Geral, autónoma, funcionando assim como intermediária entre o porto e o respectivo Ministro das Obras Públicas e Comunicações. Entendeu ainda que, tratando-se de serviços de excepcional magnitude e de tão grande influência em tantas e tão complexas modalidades da actividade económica, devia estabelecer uma íntima colaboração entre os dirigentes do porto e os organismos económicos e administrativos mais directamente interessados no seu progressivo desenvolvimento. Foi nesta orientação que se criou a Junta Consultiva onde estarão representadas as Câmaras Municipais da área da jurisdição do porto, os Conselhos de Transportes e as Empresas de Navegação e Pescarias.

Criou ainda a nova organização o lugar de Director do porto de Lisboa, desempenhado por um engenheiro, que se tornou imprescindível pelas múltiplas exigências técnicas da exploração e apetrechamento, funções estas que não podiam continuar a ser desempenhadas pelo Administrador Geral, cujas atenções estão completamente absorvidas pelo estudo dos grandes problemas administrativos e resolução dos assuntos correntes. Para se fazer uma ideia, ainda que só aproximada, do que representam actualmente estes serviços basta enunciar que a área da jurisdição da qual abrange os cais, docas, acostoadores, terraplenagens, todas as obras de abrigo ou protecção, existentes ou que venham a existir, em todo o trato do estuário do Tejo, limitado a jusante pelo enfiamento das Torres de S. Julião da Barra e Bugio e a montante pela linha definida pela foz da Ribeira dos Olivais e pela testa da ponte de Alcoeche.

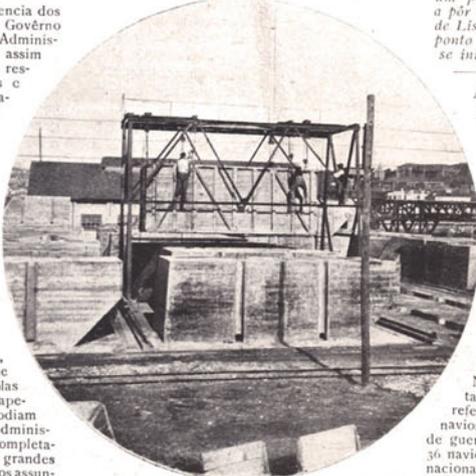
Está em boas mãos a Administração do porto de Lisboa e tendo para a orientar um regulamento dos seus serviços que os técnicos reputam perfeito, é lícito esperar que dos esforços conjugados das corporações, colectividões e indivíduos a ela ligados, se atinjam todos os objectivos em vista, no interesse geral do País.

Em 1934 entraram no porto de Lisboa 1921 vapores, com a tonelagem de 1.543.142 toneladas e 11.298.000 os estrangeiros, além de 456 veleiros portugueses e 22 de outras nacionalidades. Figura em primeiro lugar a Inglaterra com 612 navios, representando 4.502.471 toneladas, seguindo-se-lhe a Alemanha

com, respectivamente, 378 e 2.437.606, a Holanda 183 e 1.091.547, a Noruega 197 e 641.003 e a França 122 e 706.846.

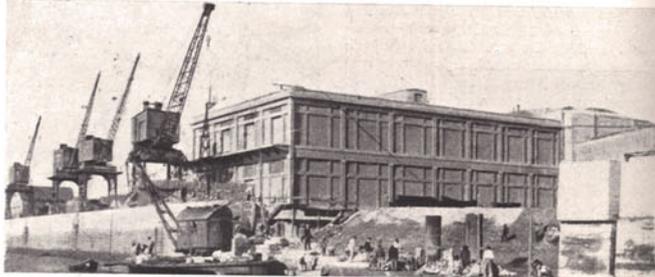
Ao serviço do turismo entraram 29 vapores ingleses com 39.324 excursionistas, 11 alemães com 15.591, 5 franceses com 429, 1 sueco com 807, 1 polaco com 414, 1 belga com 417, 1 italiano com 309 e 1 norueguês com 134, o que re-

O luxuoso paquete «Alcantara», 25.000 toneladas da Mala Real Inglesa, carreira da America ao Sul, atracado ao Cais de Alcantara



Aspecto do estaleiro de construção de blocos, Alcantara

presenta o total de 57.771. Juntando-se-lhes ainda os passageiros considerados em trânsito, 96.204, verifica-se que a cidade de Lisboa foi visitada por 153.975 excursionistas e passageiros das carreiras normais da navegação.



Construção do cais da 3ª secção

Portos nacionais A reconstrução de LISBOE ALFEITE

Obra grandiosa da construção e reparação dos portos das costas portuguesas, iniciada há bem poucos anos, vai em plena marcha, sendo realmente importantes tanto os trabalhos já realizados como os que se encontram em execução.

Constitue, sem possível contestação, um dos mais suggestivos aspectos do ressurgimento nacional, da mais decisiva influência na vida económica do País, a radical transformação por que estão passando esses portos que se encontravam, na sua grande maioria, completamente desmantelados, com graves prejuízos para a Nação, tanto de ordem material como moral. Vale bem a pena passar em revista, embora sucinta e rápida, esses grandes trabalhos em que têm encontrado os seus meios de subsistência muitos milhares de operários, iniciando-a pelos portos de Lisboa e Alfeite que representam um dos mais interessantes capítulos deste empreendimento.

Foi em 1884 que o grande estadista António Augusto de Aguiar apresentou à Câmara um projecto de lei autorizando ao Governo a pôr em hasta pública a construção do porto de Lisboa, podendo afirmar-se que este foi o ponto de partida da construção cujas obras se iniciaram solenemente em 31 de Outubro

A carga movimentada nos vários entrepostos e cais livres atingiu quantidades bastantes consideráveis. Entraram, vindas do estrangeiro, 765.796 toneladas, das colónias 184.226, das Ilhas Adjacentes 16.353 e saíram, respectivamente, 258.307, 19.123 e 27.073.

Destacaram-se, pelo seu valor e quantidade, nas mercadorias entradas, o carvão com 440.000 toneladas, o ferro e aço, com 38.000, o petróleo e gasolina com 81.000, drogas e produtos químicos com 35.000 e betas 22.000, números redondos. Nota curiosa, o ouro em barra figura com 8.288 quilogramas e a prata, com 21.061.

Destacam-se ainda, das mercadorias saídas, pela sua quantidade e valor, os toros de pinho, com 228.000 toneladas. Nos vários estaleiros do porto de Lisboa também os trabalhos efectuados merecem referência especial. Foram construídos três navios de guerra, estão em construção um de guerra e outro mercante e foram reparados 36 navios de guerra, 300 da marinha mercante nacional e 22 da estrangeira.

Estas ligeiras notas respigadas da estatística referente ao ano de 1934 confirmam o aumento progressivo e constante do movimento geral do porto de Lisboa, tanto em mercadorias como em passageiros. Dispõe de cais acostáveis onde podem atracar os maiores navios, de uma aparelhagem que permite em pouco tempo todos os trabalhos de carga e descarga e de um pessoal devidamente habilitado.

de 1887, com a presença do Rei D. Luiz, muito embora, por circunstâncias especiais, de ordem técnica e económica, só em 1905 se pudesse considerar terminados os trabalhos adjudicados ao construtor francês Hersent.

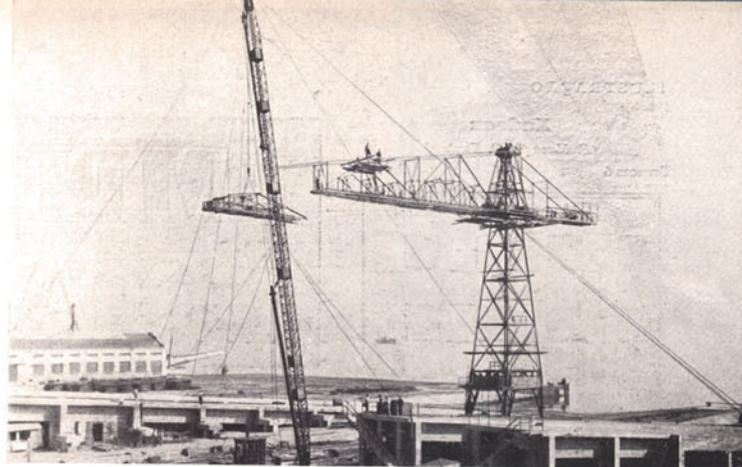
Iniciado assim o nosso porto, após várias vicissitudes, entrou definitivamente num caminho franco de desenvolvimento e progresso que felizmente se tem mantido. De ano para ano tem aumentado as suas possibilidades, aperfeiçoando o seu complexo apetrechamento, e uma vez executadas as obras em curso e realizadas as que estão já projectadas, este porto que é já, sem favor, um dos melhores da Europa, não recusará o confronto com qualquer dos seus similares.

Está já concluída a reconstrução do primeiro trço da terceira Secção, compreendida entre Santa Apolónia e Póço do Bispo, zona importantíssima para a Indústria e Comércio, e em projecto a construção de duas estações marítimas, uma em Alcantara e outra na Rocha do Conde de Obidos, de um porto de pesca, de uma doca de abrigo para barcos de recreio, a parte complementar da primeira Secção, desde o Terreiro do Paço ao Cais do Sodré e ainda o prolongamento do Cais de Alcantara.

A insuficiência das instalações do actual Arsenal de Marinha e a necessidade da sua demolição, afim de ser alargada a rua que tão grande embaraço causa à sua movimentada circulação, preocupavam de há muito as atenções dos Poderes Públicos. Admitida como imprescindível a sua transferência imediata ao local para esse efeito a propriedade do Alfeite, pertença do Estado, não só pela situação geográfica, como por dispor de um vastíssimo terreno. Iniciadas as obras pela extinta Junta Autónoma e interrompidas por várias vezes só há poucos anos entraram na sua fase definitiva, estando hoje concluídas muitas das construções e próximo da conclusão as complexas obras do porto. Estiveram a cargo da Junta Autónoma, actualmente Comissão Administrativa, a Sala do Risco, Carreiras de construção, Oficinas de construções navais, ferraria, serralharia civil e parte do Bairro das Casas Económicas, e do Ministério das Obras Públicas, a conclusão do plano inclinado, o edifício da Direcção das Construções Navais e Comando da Escola Naval, Oficinas de carpintaria de branco e de machado, serração e decapagem e de caldeiras de vapor, instalação eléctrica, máquinas e sua montagem, vestuários e refeitórios, rede de esgotos, captação e distribuição de água, estradas, arreamentos e passeio.

Vão agora começar a construção do Depósito da Fábrica, a urbanização geral, a retenção da bacia das marés, as dragagens para o canal de acesso à ponte-cais e a montagem, no plano inclinado e carreira, dos guindastes constituindo o seu apetrechamento, dois para as carreiras e um para o plano inclinado, três esplêndidos aparelhos com 26 metros de altura, podendo elevar cargas de 2.500 a 5.000 toneladas, e que foram fornecidos pela firma, muito justamente apreciada, Mohr & Fiederhaff, de Mannheim, Alemanha. Também o apetrechamento especial para as carreiras, como os chariots, provém da importante fábrica também alemã Augsburg-Nürnberg Werk Gustavsburg.

Merece aqui especial referência a colaboração dos vários empreiteiros de entre os quais se destaca a Empresa Concessionária da construção do porto, a firma alemã Gruen & Bilfinger, com sede em Mannheim e sucursais em Berlim, Hamburgo, Colónia, Lisboa, Bruxelas, Estocolmo, Buenos Aires e S. Paulo, e hoje registada em Portugal com a razão Sociedade Metropolitana



Os guindastes das carreiras e plano inclinado

e Colonial de Construções Lda, sob a mesma direcção do engenheiro Ernst Herzog.

Como abalizados constructores nesta especialidade foram já concluídos as provas prestadas na construção do nosso porto do Lobito, o mais importante da costa ocidental africana, há pouco concluída e que se realizou, a despeito de inesperadas dificuldades surgidas no decurso das obras, dentro dos prazos fixados. Deste trabalho da maior responsabilidade, técnica, destacou-se a construção de um cais acostável para barcos de grande calado, com 263 metros, fundado sobre 43 pilares em beton armado, ligados por uma superestrutura em abóboda e de cinco armazens no mesmo material e pela sua exce-



Desmonte hidráulico da barrera

pcional importância a construção destes pilares sobre uma ponte metálica e o seu afundamento por meio de um fortíssimo guindaste de portico, com o potencial de 200 toneladas.

Esta construção terminada e em vias de conclusão a do Alfeite justificada fica a concessão que vem de lhe ser outorgada do porto de pesca da Póvoa de Varzim.

Para a realização do porto do Alfeite tornou-se necessário conquistar ao Tejo vinte e três hectares de terreno, para o que se desmontaram as saibreas existentes, lançando-se ao rio o respectivo saibro, retendo-o por meio de taludes empedrados. Este importante movimento de terra executou-se com um escavador mecânico, de colher, e uma instalação de desagregação e transporte do saibro, por meio de água, empre-

gando-se uma potente bomba de aspiração e repulção que o descarregava a uma distância superior a 400 metros.

Foi aqui que se construíram quatro carreiras para construção de navios, duas de 90 metros e duas de 120, em beton armado, num total de 12.000 metros cúbicos, assentando, em grande parte, sobre aproximadamente 2.900 estacas, cravadas por fortes bate-estacas mecânicos, com pilões de quatro toneladas de peso. Toda esta construção foi executada por uma ensacadeira de estacas — pranchas metálicas de porto de 300 metros de comprimento. O plano indicado para reparação de barcos até 2.500 toneladas, situado no molhe leste, fica um dos maiores e melhores da Europa. É também em beton armado, no total de 11.000 metros cúbicos, assente, em grande parte, sobre 1.200 estacas, tendo sido construído com o auxílio de uma ensacadeira de estacas pranchas metálicas, 400 metros, representando mais de mil toneladas de ferro. A construção da parte inferior deste plano constituiu um interessante problema de técnica por se ter encontrado no sub-solo, sob um banco impenetrável de argila, uma camada de areia, condutora de água com pressão arteziana. Devido ao natural enfraquecimento da argila, motivado pelas escavações realizadas para as fundações do ante-plano, a pressão da água do sub-solo podia prejudicar o equilíbrio existente, provocando a rotura da camada de fundação.

Para obviar a este inconveniente encontrando no sub-solo, sob um banco impenetrável de argila, uma camada de areia, condutora de água com pressão arteziana, motivado pelas escavações realizadas para as fundações do ante-plano, a pressão da água do sub-solo podia prejudicar o equilíbrio existente, provocando a rotura da camada de fundação. Para obviar a este inconveniente encontrando no sub-solo, sob um banco impenetrável de argila, uma camada de areia, condutora de água com pressão arteziana, motivado pelas escavações realizadas para as fundações do ante-plano, a pressão da água do sub-solo podia prejudicar o equilíbrio existente, provocando a rotura da camada de fundação. Para obviar a este inconveniente encontrando no sub-solo, sob um banco impenetrável de argila, uma camada de areia, condutora de água com pressão arteziana, motivado pelas escavações realizadas para as fundações do ante-plano, a pressão da água do sub-solo podia prejudicar o equilíbrio existente, provocando a rotura da camada de fundação.

Assim o nível hidro-estático do lençol aquífero, cuja cota era de dois metros acima dos preamares do Tejo, baixou doze metros, alcançando a face inferior da sapata do plano inclinado que está cerca de dez metros abaixo dos mesmos preamares.

Por todos estes trabalhos realizados no Lobito e no Alfeite se pode avaliar dos recursos técnicos e aperfeiçoado apetrechamento de que dispõe Gruen & Belfinger que hoje ocupa de direito um lugar de destaque entre os constructores desta complexa especialidade, o que anticipadamente assegura idêntico êxito na construção do porto da Póvoa de Varzim, suprema aspiração do simpático povo da sorridente praia do Norte.

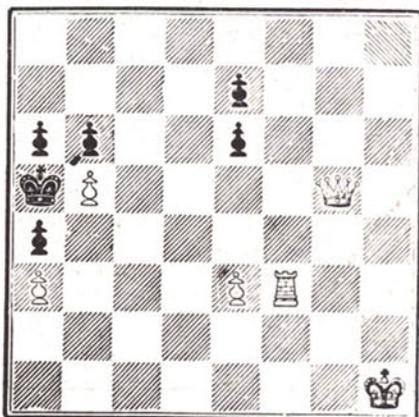
Está, pois, por bem pouco a conclusão das obras do Arsenal do Alfeite, o mais grandioso empreendimento levado a efeito no nosso País.

Xadrez

(Problema por B. Kaestner)

Branças 6

Pretas 6



Jogam as brancas e dão mate em três lances.

As dez rodelas

(Solução)

De C para E (ou para qualquer outra carta) as dez rodelas podem ser transferidas em 31 movimentos. Façam uma pilha de quatro rodelas sobre A (7 movimentos); uma pilha de três sobre B (5 movimentos); uma pilha de duas sobre D (3 movimentos); transfiram a rodela n.º 10 para E (1 movimento); transfiram D para E (3 movimentos); B para E (5 movimentos); A para E (7 movimentos); o que prefaz 31 movimentos ao todo.

As 20 rodelas podem ser transferidas de C para E em 111 movimentos. Façam pilhas de 10, 6 e 3 (as quais precisarão respectivamente de 31, 17 e 7 movimentos) e em seguida procedam como anteriormente.

Querem é poder

Em El Paso, cidade do Estado de Texas (E. Unidos), as mulheres deram, uma vez, prova de extraordinária força de vontade.

O director de um jornal local teve a imprudência de apostar numa crónica, que nenhuma mulher seria capaz de guardar silêncio, durante dez horas e que mesmo em El Paso, não se encontrariam quatro mulheres capazes de jogar o bridge durante duas horas, caladas.

Tôda a população feminina se ergueu indignada e aceitou a aposta.

Em dia marcado, reinou em tôdas as casas de El Paso, sepulcral silêncio, não apenas durante dez horas mas durante vinte e quatro horas a fio...

Além disso, oito mulheres instalaram mesas na rua diante da redacção do jornal e durante quatro horas jogaram em absoluto silêncio.

E o jornalista teve que pagar mil dollars, que as corajosas vencedoras entregaram à maternidade de El Paso.

O primeiro telégrafo sem fios, capaz de transmitir ondas eléctricas a grandes distâncias, foi produzido por Marconi em 1896.

Nunca nos devemos abandonar aos excessos duma fúria.

PIM DE PESTA

Bridge

(Problema)

Espadas — A., 6, 3.
Copas — — — — —.
Ouros — — — — —.
Paus — A., 9, 5, 3.

Espadas — V., 9, 7, N Espadas — D., 10, 5.
Copas — 5, 4, O E Copas — — — — —.
Ouros — — — — —. S Ouros — A., 10.
Paus — 6, 4. Paus — R., 8.

Espadas — R., 8, 4.
Copas — A., 6.
Ouros — V., 9.
Paus — — — — —.

Trunfo é copas. S é mão. N e S devem fazer seis vasas.

(Solução do número anterior)

S joga o 5 de paus. O balda-se ao 4 de ouros, preferível a cortar ou a baldar-se a espadas, o que facilitaria o jôgo.

E faz a vasa com o Az de paus e joga o 9 de espadas, e não trunfo ou ouros porque também facilitaria o jôgo.

S entra de dama de espadas e trunfa com o 2 de copas.

N faz a vasa com o 7 ou 10 de copas, conforme O jogar o 5 ou 8 de copas, e joga o 7 de ouros que S corta com o 4 de copas.

S joga o Az de espadas e N balda-se ao 4 de paus.

S joga o 3 de paus que faz ou é recortado por N que faz o Rei de ouros.

Qualquer outra forma de jogar de O ou E desde que S saía pelo 5 de paus, facilita o jôgo.

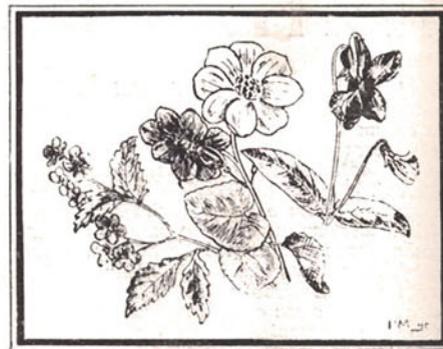
Graça britânica



Uma das banhistas: — Você tenha paciência, mas vamos atirá-lo ao mar; queremos aprender a salvar vidas e para isso temos de praticar! — (Do «The Humorist»).

Os êrros de desenho

(Paciência)



Estão aqui representadas três flôres muito conhecidas:

O miosotis, a dália branca e a encarnada, a violeta.

Ao desenharem-nas, porém, neste quadro, com as suas competentes hastes, fôlhas etc, foram cometidos uns poucos de êrros, que os nossos leitores de certo perceberão, mesmo os que não tiverem grande conhecimento de botânica. Reparem e vejam lá quantos e quais êles são.

Diplomacia...

Outrora, o imperador de Java só empregava mulheres nas suas embaixadas, tendo sempre o cuidado de as escolher bonitas, por terem mais... perspicácia para conhecerem o character das pessoas com quem tinham que tratar e sobre as quais, pela sua beleza, exerciam desde logo a maior influência.

A invenção das cabeleiras

Foi Carlos V o inventor das cabeleiras. Tendo este monarca ido a Itália afim de ser coroado por Clemente VII e doendo-lhe a cabeça no dia da coroação, imaginou que lhe passaria a dôr rapando-se à navalha e pondo cabeleira. Se melhor o pensou, melhor o fez, e daí, por servilismo, todos os cortezãos o imitaram e a moda pegou. Quantas, depois desta, não têm tido origem mais plebêa?!

Qual a origem do jôgo das damas

A origem do jôgo das damas perde-se na noite dos tempos. Encontram-se taboleiros dêsse jôgo entre os hieroglifos egipcios. Segundo Heródoto, os lídios, atormentados por uma fome que durou vinte e oito anos, tinham imaginado jogar às damas, sem comerem de dois em dois dias. Os grêgos jogavam a «pettie» e os romanos aos «latronculi», jogos estes muito semelhantes às damas. Sob o nome de «jôgo de pilhagem» as damas estiveram muito em voga, desde a Renascença até ao século XVIII.

Os antigos persas consideravam perigo terrível deixar cair as unhas ou os cabêlos, quando os cortavam.

Recolhiam-os com muito cuidado, para queimá-los, pois acreditavam que, se assim não fizessem, ficariam expostos a todos os males.

Um livro patriótico que desperta nas crianças o gosto pela História.

Portugueses de outrora

HISTÓRIA DE PORTUGAL
CONTADA POR CRIANÇAS

POR

MARIA PAULA DE AZEVEDO

Ilustrações de MAMIA ROQUE GAMEIRO

2.ª EDIÇÃO

1 vol. de 184 págs., ilustrado com 19 gravuras no texto e capa a côres . . . **10\$00**

Pedidos à

LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75
LISBOA

O JÓGO DA MODA

MAH-JONG

Teoria, prática e regras do jôgo

Esc. 3\$00

■ ■

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Obras do ilustre professor DR. EDUARDO GOELHO

- A finalidade da Universidade e o problema da Universidade Portuguesa (Conferência realizada na Sociedade de Geografia em 26 de Fevereiro de 1934)..... **5\$00**
- Trombose das coronárias e infarto do miocárdio (Estudo experimental e clínico)..... **30\$00**
- O Professor Ricardo Jorge (Breve ensaio crítico, seguido da resenha bibliográfica da sua obra)..... **15\$00**
- A crise do pensamento contemporâneo e os problemas fundamentais da biologia e da psicologia (Conferência realizada na Faculdade de Medicina de Lisboa, a convite da Direcção da Associação dos Estudantes de Medicina)..... **7\$50**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND** — 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Minerva Central

LIVRARIA, PAPELARIA e OFICINAS GRÁFICAS

A mais antiga e importante da Colónia de Moçambique

Depositário das mais importantes livrarias do país

Correspondência directa com as principais casas editoras de ESPANHA, FRANÇA, ITÁLIA, INGLATERRA, ALEMANHA e AMÉRICAS

Casa editora do **CODIGO TELEGRÁFICO "GUEDES"** e de outras publicações

Completo sortido de todos os livros para o ensino primário e secundário

LIVROS SOBRE ARTES, CIÊNCIAS E INDUSTRIAS



Fachada dos Estabelecimentos da Minerva Central em Lourenço Marques na Rua Consiglieri Pedroso — fundados em 1907

PAPELARIA

O mais completo apetrechamento para escritório dos melhores fabricantes europeus e americanos

TIPOGRAFIA, ENCADERNAÇÃO E FABRICO

DE CARIMBOS DE BORRACHA

Fazem-se todos os trabalhos, livros e jornais

Caixa postal 212

End. Teleg. MINERVA

LOURENÇO MARQUES

— AFRICA ORIENTAL PORTUGUESA —

Rua Consiglieri Pedroso, 21 a 39

PAULINO FERREIRA

:: ENCADERNADOR - DOURADOR ::

AS MAIORES OFICINAS DO PAIZ,
MOVIDAS A ELECTRICIDADE

CASA FUNDADA EM 1874

Premiada com medalha de ouro em tôdas as exposições a que tem concorrido. — *DIPLOMAS DE HONRA* na exposição da Caixa Económica Operária e na Exposição de Imprensa

TRABALHOS TIPOGRÁFICOS EM TODOS OS GENEROS simples e de luxo

Orçamentos Grátis

Rua Nova da Trindade, 80 a 92 — LISBOA

Telefone 2 2074

PUBLICAÇÕES ESTRANGEIRAS

O mais completo sortido de publicações francesas, inglesas, alemãs: semanais, quinzenais e mensais

Belas Artes — Cinema — Finanças
— Sports — Humorismo
— Música — Política — T. S. F. —
Técnicas e Científicas, etc.

Os melhores figurinos e revistas de modas, mensais e de estação, tais como:

Jardin des Modes — *Vogue* — *Femina* — *Les Enfants* — *Lingerie* — *Les Ouvrages* — *Les Tricots* — *Modes et Travaux* — *Mode Future* — *Weldon's Ladies Journal* — *The Lady Fashion Book* — *Die Dame*, etc.

JORNAIS FRANCESES, INGLESES E BELGAS

Aceitam-se assinaturas e vendem-se avulso na

LIVRARIA BERTRAND

73, RUA GARRETT, 75 — LISBOA

DUAS EDIÇÕES DE LUXO DE OBRAS NOTAVEIS

CONSTANTINOPLA

Descrição de viagem, por *Edmundo de Amicis*, tradução de Manuel Pinheiro Chagas. Esplêndida edição com 480 páginas e 200 gravuras

ESC. 20\$00

MARROCOS

Descrição de viagem, por *Edmundo de Amicis*, tradução de Manuel Pinheiro Chagas. Primorosa edição com 224 páginas e 170 gravuras

ESC. 20\$00

Qualquer das obras de grande formato, 31x22 em brochura pelo correio à cobrança

ESC. 25\$00

Preço excepcional e reduzidíssimo para liquidação dos poucos exemplares que restam

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND** — 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

A' venda para liquidação os últimos exemplares do notável romance histórico

LEONOR TELLES

de **MARCELINO MESQUITA**

3 volumes de formato 18x28 com um total de 2.058 páginas e 44 lindíssimos cromos de Roque Gameiro e Manuel de Macedo pelo preço excepcional de

Esc. 30\$00 — pelo correio á cobrança, 35\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

IMPORTANTES OBRAS

ALGUMAS EDIÇÕES DE LUXO

PREÇO DOS ÚLTIMOS EXEMPLARES:

AMBIÇÃO DUM REI — romance histórico, por <i>Eduardo Noronha</i> , ilustrado com numerosas gravuras a côres, por Manuel de Macedo e Roque Gameiro. 3 vols. de 700 págs., cada, formato 28x19, broc.	45\$00	HOLANDA — descrição de viagem, por <i>Edmundo de Amicis</i> , 1 vol. de 218 págs., formato 8.º, profusamente ilustrado, broc.	10\$00
DRAMA DE AFRICA — grande romance de sensação, por <i>Leite Bastos</i> . Obra revista, desenvolvida e completada por <i>Gervasio Lobato</i> e <i>Jaime Vitor</i> , 5 vols. com mais de 350 págs. cada um, e 21 grav. broc.	30\$00	MELRO BRANCO — aventuras de terra e mar, por <i>Julio Berrilli</i> , ilustrado por Bonamore. Delicioso romance no género dos de <i>Julio Verne</i> . 1 vol., formato 28x19, de 446 págs. e 51 grav. br.	30\$00
DRAMAS DA ESPADA — emocionante romance do grande escritor <i>Xavier Montepin</i> . 6 vols. de 220-350 págs. cada um, com 24 grav. broc. ...	30\$00	NO TEATRO E NA SALA — por <i>Guiomar Torrezão</i> , com uma carta-prefácio de <i>Camilo</i> . 1 vol. de 328 págs., broc.	10\$00
EXILADOS DA TERRA — grande romance de <i>André Laurie</i> . I — O anão de Rhadameh; II — Os naufragos do espaço, 1 vol. de 479 págs., ilustrado com 79 composições de <i>Jorge Roux</i> , 8 das quais aguareladas e 14 impressas a duas côres; formato 28x19	25\$00	OS QUARENTA E SETE CAPITÃES — romance japonês, por <i>Tamenaga Shunsuy</i> , tradução de <i>Ribeiro de Carvalho</i> , 1 vol. de mais de 300 págs., com capa género japonês, impressa a côres, broc.	10\$00
HANIA — romance de <i>Henrik Sienkiewicz</i> , seguido dos contos «Extrato do diário dum perceptor de Posen» e «A tourada» (recordações de Espanha), 1 vol. de 202 págs., broc.	4\$00	RESTAURAÇÃO DE PORTUGAL — romance histórico por <i>Faustino da Fonseca</i> , 3 grossos vols. de 600 págs. cada e 154 gravuras, formato grande, com muitas ilustrações, broc.	45\$00
HENRIQUETA — romance por <i>François Coppée</i> , trad. de <i>Guiomar Torrezão</i> , 1 vol. de 250 págs. br.	10\$00	SEM DOGMA — romance de <i>Henryk Sienkiewicz</i> , seguido dos contos «Bartek, o vitorioso» e «Lillian Morris», trad. de <i>Eduardo Noronha</i> , 2 vols. de 220 págs. cada, broc.	10\$00

Pelo correio, à cobrança, acresce as despesas que regula cêrca de 15 % sobre o valor de cada obra.

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND** — 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

OBRAS DE JULIO VERNE

Colecção de viagens maravilhosas aos mundos conhecidos e desconhecidos

Trabalhos premiados pela Academia das Ciências de França. Versões portuguesas autorizadas pelo autor e editores, feitas pelos mais notáveis escritores e tradutores portugueses. Edição popular

Cada volume, ilustrado com 2 gravuras, encadernado 10\$00

- 1 — **Da terra à lua**, viagem directa em 97 horas e 20 minutos, tradução de Henrique de Macedo. 1 volume.
- 2 — **Á roda da lua**, trad. de Henrique de Macedo. 1 vol.
- 3 — **A volta ao mundo em oitenta dias**, trad. de A. M. da Cunha e Sá. 1 vol.
Aventuras do capitão Hatteras, trad. de Henrique de Macedo:
- 4 — 1.ª parte — *Os ingleses no Polo Norte*. 1 vol.
5 — 2.ª parte — *O deserto de gelo*. 1 vol.
- 6 — **Cinco semanas em balão**, trad. do Dr. Francisco Augusto Correia Barata. 1 vol.
- 7 — **Aventuras de três russos e três ingleses**, trad. de Mariano Cirilo de Carvalho. 1 vol.
- 8 — **Viagem ao centro da terra**, trad. de Mariano Cirilo de Carvalho. 1 vol.
Os filhos do capitão Grant, trad. de A. M. da Cunha e Sá:
- 9 — 1.ª parte — *América do Sul*. 1 vol.
10 — 2.ª parte — *Austrália Meridional*. 1 vol.
11 — 3.ª parte — *Oceano Pacífico*. 1 vol.
Vinte mil léguas submarinas:
- 12 — 1.ª parte — *O homem das águas*, trad. de Gaspar Borges de Avelar.
13 — 2.ª parte — *O fundo do mar*, trad. de Francisco Gomes Moniz. 1 vol.
A ilha misteriosa, trad. de Henrique de Macedo:
- 14 — 1.ª parte — *Os naufragos do ar*. 1 vol.
15 — 2.ª parte — *O abandonado*. 1 vol.
16 — 3.ª parte — *O segredo da ilha*. 1 vol.
Miguel Strogoff, trad. de Pedro Vidoeira:
- 17 — 1.ª parte — *O correio do Czar*. 1 vol.
18 — 2.ª parte — *A invasão*. 1 vol.
O país das peles, trad. de Mariano Cirilo de Carvalho:
- 19 — 1.ª parte — *O eclipse de 1860*. 1 vol.
20 — 2.ª parte — *A ilha errante*. 1 vol.
21 — **Uma cidade flutuante**, trad. de Pedro Guilherme dos Santos Denis. 1 vol.
22 — **As Índias Negras**, trad. de Pedro Vidoeira. 1 vol.
Heitor Servadac, trad. de Xavier da Cunha:
- 23 — 1.ª parte — *O cataclismo cósmico*. 1 vol.
24 — 2.ª parte — *Os habitantes do cometa*. 1 vol.
25 — **O Doutor Ox**, trad. de A. M. da Cunha e Sá. 1 vol.
Um herói de quinze anos, trad. de Pedro Denis:
- 26 — 1.ª parte — *A viagem fatal*. 1 vol.
27 — 2.ª parte — *Na África*. 1 vol.
- 28 — **A galera Chancellor**, trad. de Mariano Cirilo de Carvalho. 1 vol.
- 29 — **Os quinhentos milhões de Begun**, trad. de A. M. da Cunha e Sá. 1 vol.
- 30 — **Atribulações de um chinês na China**, trad. de Manuel Maria de Mendonça Balsemão. 1 vol.
A casa a vapor, trad. de A. M. da Cunha e Sá:
- 31 — 1.ª parte — *A chama errante*. 1 vol.
32 — 2.ª parte — *A ressuscitada*. 1 vol.
A jangada, trad. de Pompeu Garrido:
- 33 — 1.ª parte — *O segredo terrível*. 1 vol.
34 — 2.ª parte — *A justificação*. 1 vol.
As grandes viagens e os grandes viajantes, trad. de Manuel Pinheiro Chagas:
- 35 — 1.ª parte — *A descoberta da terra*. 1.º vol.
36 — 1.ª parte — *A descoberta da terra*. 2.º vol.
37 — 2.ª parte — *Os navegadores do século XVIII*. 1.º vol.
38 — 2.ª parte — *Os navegadores do século XVIII*. 2.º vol.
39 — 3.ª parte — *Os exploradores do século XIX*. 1.º vol.
40 — 3.ª parte — *Os exploradores do século XIX*. 2.º vol.
- 41 — **A escola dos Robinsons**, trad. de Assis de Carvalho. 1 vol.
- 42 — **O raio verde**, trad. de Mendonça Balsemão. 1 vol.
Kériban, o Cabeçudo, trad. de Urbano de Castro:
- 43 — 1.ª parte — *De Constantinopla a Scutari*.
44 — 2.ª parte — *O regresso*. 1 vol.
45 — **A estrela do sul**, trad. de Almeida de Eça. 1 vol.
- 46 — **Os piratas do arquipélago**, trad. de João Maria Jales. 1 vol.
Matias Sandorff:
- 47 — 1.ª parte — *O pombo correio*. 1 vol.
48 — 2.ª parte — *Cabo Matifoux*. 1 vol.
49 — 3.ª parte — *O passado e o presente*. 1 vol.
50 — **O naufrago do «Cynthia»**, trad. de Agostinho Sottomayor. 1 vol.
- 51 — **O bilhete de loteria n.º 9.672**, trad. de Cristóvão Aires. 1 vol.
- 52 — **Robur, o Conquistado**, trad. de Cristóvão Aires. 1 vol.
Norte contra Sul, trad. de Almeida de Eça:
- 53 — 1.ª parte — *O ódio do Texar*. 1 vol.
54 — 2.ª parte — *Justiça*. 1 vol.
- 55 — **O caminho da França**, trad. de Cristóvão Aires. 1 vol.
Dois anos de fúria, trad. de Fernandes Costa:
- 56 — 1.ª parte — *A escuna perdida*. 1 vol.
57 — 2.ª parte — *A colónia infantil*. 1 vol.
Família sem nome, trad. de Lino de Assunção:
- 58 — 1.ª parte — *Os filhos do traidor*. 1 vol.
59 — 2.ª parte — *O padre Joan*. 1 vol.
- 60 — **Fora dos eixos**, trad. de Augusto Fuschini. 1 vol.
César Cascabel:
- 61 — 1.ª parte — *A despedida do novo continente*, trad. de Salomão Sáraga. 1 vol.
62 — 2.ª parte — *A chegada ao velho mundo*, trad. de Lino de Assunção. 1 vol.
A mulher do capitão Branican, trad. de Silva Pinto:
- 63 — 1.ª parte — *A procura dos naufragos*. 1 vol.
64 — 2.ª parte — *Deus dispõe*. 1 vol.
- 65 — **O castelo dos Carpathos**, trad. de Pinheiro Chagas. 1 vol.
- 66 — **Em frente da bandeira**, trad. de Manuel de Macedo. 1 vol.
A ilha do Hélice, trad. de Henrique Lopes de Mendonça:
- 67 — 1.ª parte — *A cidade dos biliões*. 1 vol.
68 — 2.ª parte — *Distúrbios no Pacífico*. 1 vol.
- 69 — **Clovis Dardentos**, trad. de Higinio de Mendonça. 1 vol.
A esfinge dos gélos, trad. de Napoleão Toscano:
- 70 — 1.ª parte — *Viagens aos mares austrais*. 1 vol.
71 — 2.ª parte — *Lutas de marinheiro*. 1 vol.
- 72 — **A carteira do repórter**, trad. de Pedro Vidoeira. 1 vol.
O soberbo Orenoco, trad. de Aníbal de Azevedo:
- 73 — 1.ª parte — *O filho do coronel*. 1 vol.
74 — 2.ª parte — *O coronel de Kermor*. 1 vol.
- 75 — **Um drama na Livónia**, trad. de Fernando Correia. 1 vol.
- 76 — **Os naufragos do Jona han**, trad. de Henrique Lopes de Mendonça. 1.º vol.
77 — **Os naufragos do Jonathan**, trad. de Henrique Lopes de Mendonça. 2.º vol.
- 78 — **A invasão do mar**, trad. de Joaquim dos Anjos. 1 vol.
- 79 — **O farol do cabo do mundo**, trad. de Joaquim dos Anjos. 1 vol.

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND — R. Garrett, 73-75 — LISBOA

OBRAS DE JULIO DANTAS

PROSA

ABELHAS DOIRADAS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
— (1.ª edição), 1 vol. br.	15\$00
ALTA RODA — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 17\$00; br.	12\$00
AMOR (O) EM PORTUGAL NO SÉCULO XVIII — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 17\$00; br.	12\$00
AO OUVIDO DE M. ^{me} X. — (5.ª edição) — O que eu lhe disse das mulheres — O que lhe disse da arte — O que eu lhe disse da guerra — O que lhe disse do passado, 1 vol. Enc. 14\$00; br.	9\$00
ARTE DE AMAR — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br. AS INIMIGAS DO HOMEM — (5.º milhar), 1 vol. Enc. 17\$00; br.	10\$00
CARTAS DE LONDRES — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br.	12\$00
COMO ELAS AMAM — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. CONTOS — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	10\$00
DIALOGOS — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
DUQUE (O) DE LAFÕES E A PRIMEIRA SESSÃO DA ACADEMIA, 1 vol. br.	1\$50
ELES E ELAS — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. ESPADAS E ROSAS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. ETERNO FEMININO — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 17\$00; br.	8\$00
EVA — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br.	12\$00
FIGURAS DE ONTEM E DE HOJE — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	10\$00
GALOS (OS) DE APOLO — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
MULHERES — (6.ª edição), 1 vol. Enc. 14\$00; br.	9\$00
HEROÍSMO (O), A ELEGÂNCIA E O AMOR — (Confe- rências), 1 vol. Enc. 11\$00; br.	6\$00
OUTROS TEMPOS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. PÁTRIA PORTUGUESA — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br.	8\$00
POLÍTICA INTERNACIONAL DO ESPÍRITO — (Confe- rência), 1 fol.	10\$00
UNIDADE DA LÍNGUA PORTUGUESA — (Conferência), 1 fol.	2\$00
	1\$50

POESIA

NADA — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11\$00; br.	6\$00
SONETOS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 9\$00; br.	4\$00

TEATRO

AUTO D'EL-REI SELEUCO — (2.ª edição), 1 vol. br. ...	3\$00
CARLOTA JOAQUINA — (3.ª edição), 1 vol. br. ...	3\$00
CASTRO (A) — (2.ª edição), br.	3\$00
CEIA (A) DOS CARDIAIS — (27.ª edição), 1 vol. br.	1\$50
CRUCIFICADOS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
D. BELTRÃO DE FIGUEIROA — (5.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
D. JOÃO TENÓRIO — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
D. RAMON DE CAPICHUELA — (3.ª edição), 1 vol. br.	2\$00
MATER DOLOROSA — (6.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
1023 — (3.ª edição), 1 vol. br.	2\$00
O QUE MORREU DE AMOR — (5.ª edição), 1 vol. br.	4\$00
PAÇO DE VEIROS — (3.ª edição), 1 vol. br.	4\$00
PRIMEIRO BEIJO — (5.ª edição), 1 vol. br.	2\$00
REI LEAR — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 14\$00; br.	9\$00
REPOSTEIRO VERDE — (3.ª edição), 1 vol. br.	5\$00
ROSAS DE TODO O ANO — (10.ª edição), 1 vol. br.	2\$00
SANTA INQUISIÇÃO — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11\$00; br.	6\$00
SEVERA (A) — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
SOROR MARIANA — (4.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
UM SERÃO NAS LARANJEIRAS — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
VIRIATO TRÁGICO — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00

Pedidos à

LIVRARIA BERTRAND

Rua Garrett, 73 e 75 — LISBOA

A obra mais luxuosa e artística
dos últimos tempos em Portugal

HISTORIA DA LITERATURA PORTUGUESA

ILUSTRADA

publicada sob a direcção
de

Albino Forjaz de Sampaio

da Academia das Ciências de Lisboa

Os três volumes publicados da HISTÓRIA DA LITERATURA PORTUGUESA, ILUSTRADA, compreendem desde as suas origens aos fins do século XVIII. Impressa em magnífico papel couché os seus três volumes são um album e guia da literatura portuguesa contendo além de estudos firmados pelas maiores autoridades no assunto, gravuras a côres e no texto de documentos, retratos de reis, sábios, poetas, e escritores, vistas, gravuras, quadros, autógrafos, portadas de edições raras ou manuscritos preciosos, monumentos de arquitectura, estátuas, cerâmica, ourivesaria, tapeçaria, mobiliário, bandeiras, armas, sêlos e moedas, lápides, usos e costumes, bibliotecas, músicas, iluminuras, letras ornadas, fac-similes de assinaturas, plantas de cidades, encadernações, códices antigos, vinhetas, marcas tipográficas, etc. O volume 1.º com 11 gravuras a côres fóra do texto e 1005 no texto; o 2.º com 11 gravuras a côres e 576 gravuras no texto e o 3.º com 12 gravuras fora do texto e 576 dentro o que constitue um núcleo de **1.168 páginas com 34 gravuras fóra do texto e 2.175 gravuras no texto.**

A HISTÓRIA DA LITERATURA PORTUGUESA ILUSTRADA, é escripta pelas **mais eminentes figuras da especialidade**, nomes escolhidos entre os membros da Academia das Ciências de Lisboa, professores das Universidades, directores de Museus e Bibliotecas, nomes que são imperecíveis nas letras portuguesas. Assim sobre vários assuntos firmam artigos A. Botelho da Costa Veiga, Afonso de Dornelas, Afonso Lopes Vieira, Agostinho de Campos, Agostinho Fortes, Albino Forjaz de Sampaio, Alfredo da Cunha, Alfredo Pimenta, António Baião, Augusto da Silva Carvalho, Conde de Sam Payo, Delfim Guimarães, Fidelino de Figueiredo, Fortunato de Almeida, Gustavo de Matos Sequeira, Henrique Lopes de Mendonça, Hernâni Cidade, João Lúcio de Azevedo, Joaquim de Carvalho, Jordão de Freitas, José de Figueiredo, José Joaquim Nunes, José Leite de Vasconcelos, José de Magalhães, José Maria Rodrigues, José Pereira Tavares, Júlio Dantas, Laranjo Coelho, Luís Xavier da Costa, Manuel de Oliveira Ramos, Manuel da Silva Gaio, Manuel de Sousa Pinto, Marques Braga, Mosés Bensabat Amzalak, Nogueira de Brito, Queiroz Velloso, Reinaldo dos Santos, Ricardo Jorge e Sebastião da Costa Santos.

Cada volume, encadernado em percalina 160\$00

” ” ” ” carneira 190\$00



Pedidos à LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA



O MUNDO NA MÃO

Pequena enciclopédia popular de conhecimentos úteis
organizada por um grupo de professores e homens de letras

À VENDA

a 2.^a edição ilustrada com mapas e muitas gravuras

O MUNDO NA MÃO

é indispensável a toda a gente pois, dum modo geral reúne tudo quanto a
cultura humana tem produzido no campo das ciências, das artes e das letras

É um livro de tudo e para todos

dispensa centos de livros, poupa trabalho e fornece com rapidez,
a quem o consulte, o esclarecimento desejado

O MUNDO NA MÃO

é verdadeiramente o livro mais popular de
estudo e de consulta que deve existir em
casa, no escritório, na oficina e nas escolas

1 volume de 824 páginas, em óptimo papel, elegantemente encadernado em percalina com gravura a cores
e ouro, Esc. 30\$00; pelo correio, à cobrança, Esc. 33\$00

Adquirir esta obra é ficar possuindo, NUM UNICO VOLUME, manuseável,
de formato cómodo e elegante, a síntese de todos os conhecimentos humanos



Pedidos à LIVRARIA BERTRAND, Rua Garrett, 73 — Lisboa

Venda a prestações contra entrega imediata da obra. O cliente paga a 1.^a prestação e leva para casa os 21 volumes



HISTÓRIA UNIVERSAL

de GUILHERME ONCKEN

A mais completa e autorizada história universal até hoje publicada

Tradução dirigida por

CONSIGLIERI PEDROSO, AGOSTINHO FORTES, F. X. DA SILVA TELES e M. M. D'OLIVEIRA RAMOS
antigos professores de História, da Faculdade de Letras

21 vols. no formato de 17^{cm.} × 26^{cm.}, 18.948 págs., 6.148 grav. e 59 hors-textes

ENCADERNAÇÃO PRÓPRIA EM PERCALINA.

Os poucos exemplares que restam, resolveram os editôres, para facilitar a sua aquisição, vendê-los a prestações mensais

Preço desta obra colossal, encadernada, **Esc. 1.365\$00**
1.^a prestação, Esc. 165\$00 — As restantes 12, a Esc. 100\$00 cada mês

Com o pagamento da 1.^a prestação o comprador leva imediatamente a obra completa para enriquecer a sua estante ou a sua banca de trabalho

Peçam informações mais detalhadas à

LIVRARIA BERTRAND — Rua Garrett, 73 — LISBOA